

Giordano Bruno

ACERCA DO INFINITO,
DO UNIVERSO E DOS MUNDOS

Giordano Bruno



MADRAS®

Giordano Bruno

Acerca do Infinito, do Universo e dos
Mundos

Giordano Bruno

Giordano Bruno

Acerca do Infinito, do Universo e dos
Mundos

Tradução

Diamantino Fernandes Trindade

Lais dos Santos Pinto Trindade



Publicado originalmente em italiano sob o título *De L'Infinito, Universo e Mondi*.

Traduzido a partir dos *Dialoghi Metafisici*.

Direitos de tradução para todos os países de língua portuguesa.

© 2007, Madras Editora Ltda.

Editor

Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa

Equipe Técnica Madras

Tradução

Diamantino Fernandes Trindade

Lais dos Santos Pinto Trindade

Copidesque

Alessandra Ruiz

Revisão

Silvia Massimini

NeusaAp. Rosa Alves

Ariete Sousa

Daniela Piantola

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B922g 2.ed. Bruno, Giordano, 1548-1600

Giordano Bruno acerca Do infinito, do universo e dos mundos/Giordano Bruno; tradução de Diamantino Fernandes Trindade e Lais dos Santos Pinto Trindade. - 2.ed. - São Paulo: Madras, 2006 Tradução de: L'infinito, universo e mondi. Traduzido a partir dos Dialoghi metafisici

ISBN 978-85-370-0015-1

1. Infinito - Obras anteriores 1800. 2. Cosmologia - Obras anteriores a 1800. 3. Filosofia italiana. 1. Título. II. Título: Do infinito, do universo e dos mundos.

06-3056. CDD 195

CDU 1(450)

21.08.06 24.08.06 015844

Os direitos de tradução desta obra pertencem à Madras Editora, assim como a sua adaptação e coordenação. Fica, portanto, proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da Internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela

MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 - Santana /

CEP: 02403-020 - São Paulo/SP

Caixa Postal: 12299 - CEP: 02013-970 - SP

Tel.: (11) 6281-5555/6959-1127 -Fax: (11) 6959-3090

www.madras.com.br

Índice

Apresentação

Epístola Preambular

Primeiro Diálogo

Segundo Diálogo

Terceiro Diálogo

Quarto Diálogo

Quinto Diálogo

Notas

Apresentação

Prezado leitor!

A Madras Editora traz para você esta preciosa obra de Giordano Bruno, que, por meio de diálogos, mostra sua teoria de um Universo infinito e ilimitado em contraposição à ideia medieval que considerava a Terra como centro de tudo. Neste livro, o autor descreve a existência de mundos infinitos, habitados por seres inteligentes, que nascem e decaem em função da força divina universal. Desenvolve ainda a sua teoria cosmológica com uma crítica severa aos físicos seguidores de Aristóteles. Refuta a teoria geocêntrica e transpõe a teoria heliocêntrica de Copérnico para um Universo infinito. Esta é uma das publicações que o levaram ao grande conflito com a Igreja Católica, instituição que ele questionou e afrontou desde muito jovem.

Fillipo Bruno nasceu em 1548, em uma pequena localidade ao sul da Itália chamada Nola, província de Nápoles. Por isso, ficou também conhecido como *Nolano*. Era filho do militar João Bruno e de Flausilla Savolino. Aos 13 anos, ingressou no Monastério de San Domenico Majore, onde também viveu e lecionou, séculos antes, Tomás de Aquino. Ali recebeu o nome de Giordano.

Desde cedo, mostrou-se independente, questionador e perspicaz. Em pouco tempo começou a criar problemas para os seus superiores, já que não se submetia à rígida rotina dominicana, propondo questões que seus mestres não conseguiam compreender. Pela sua insubordinação, foi processado em 1567. Porém, a sua bagagem intelectual causava muita admiração e, com muita tolerância por parte dos seus superiores, o processo foi retirado. Após sua ordenação, em 1572, continuou seus estudos teológicos nesse convento até 1575.

Bruno buscava incessantemente o conhecimento e, nessa aventura, foi fortemente influenciado por Platão e Hermes Trismegistos, que eram estudados na Itália no início do Renascimento. Recebeu também influência do alquimista catalão Raimundo Lulio (1235-1316), do qual apreendeu técnicas de memorização. Gostava também dos escritos de Giovanni Battista, principalmente de sua obra sobre magia natural.

Chamava muito a sua atenção, nessa área, a antiga religião egípcia do deus Thoth, escriba dos deuses e identificado com o deus grego Hermes pelos neoplatônicos.

Era intolerante com relação à ignorância de seus colegas de convento; ficava irritado com as discussões de sutileza teológica. Leu dois escritos proibidos de Erasmo e discutia com veemência a heresia de Ariano, que negava a natureza divina de Jesus. Bruno interessava-se pela natureza das ideias, tomando sua matéria-prima, como Sócrates, da mente humana. Suas pregações heterodoxas resultaram em censuras e reprimendas, passando por um julgamento conduzido pelo padre provincial da Ordem. Mudou-se, após o evento, em 1576, para o convento dominicano de Minerava, em Roma. Abandonou o hábito sacerdotal e durante um ano percorreu o norte da Itália.

Em 1578, foi para Genebra, na Suíça, onde sobreviveu fazendo revisões de textos. Nessa época, tornou-se adepto da Igreja Reformada Calvinista. Contudo, em pouco tempo, entrou em confronto com as ideias calvinistas, discordando publicamente da tese da justificação por meio da fé e não das obras, o que para ele era símbolo de desvalorização e desprezo pela caridade, misericórdia e justiça. Sofreu forte retaliação por parte dos calvinistas, foi preso e excomungado. Teve a oportunidade da retratação e pôde assim deixar a cidade.

Em 1579, foi para a França e, em Toulouse, conseguiu a nomeação para a cátedra de Filosofia. Como fiel adepto das teorias de Fulio, escreveu o livro *A Grande Chave*, no qual discorria sobre a arte da memorização. Tentou, nessa cidade, a sua absolvição pela Igreja Católica, porém não obteve êxito. Em 1581, foi para Paris e proferiu palestras sobre Filosofia. Lá, conheceu e fez contatos com pessoas importantes, conseguindo angariar simpatia e interesse pela clareza de suas ideias. A essa altura, havia adquirido a reputação de mago em função de sua memória excepcional, agora ainda mais desenvolvida com o auxílio das técnicas de Fulio. O rei Henrique III, curioso acerca das artes mágicas de Bruno, quis testá-lo para verificar se tal fama condizia com a realidade. Mas Bruno conseguiu provar-lhe que o seu sistema não era magia e que se fundamentava em um conhecimento organizado da arte combinatória e mnemônica. Impressionado com a sua eloquência e habilidade, Henrique III passou a ser seu protetor, nomeando-o um dos seus “leitores reais”, com uma renda especial.

Nesse período, publicou as obras *A Sombra das Ideias* e *A Arte da Memória*, em que sustentava que as ideias eram apenas sombras da verdade. No mesmo ano, publicou *Breve Arquitetura da Arte de Lulio*, com seu comentário. Lulio tinha tentado comprovar os dogmas da Igreja Católica por meio da razão. Bruno refutou o valor de tal esforço mental e disse que o Cristianismo era completamente irracional e inteiramente contrário à Filosofia e encontrava-se em desalinho com as outras religiões. Observou ainda que ele era aceito pela fé e que, desse modo, a revelação não tinha fundamentação científica.

Suas publicações continuaram e a nova obra foi chamada de *O Encantamento de Circe*, uma alusão à feiticeira homérica que transformava homens em feras. Nesse livro, Bruno trabalhou com o princípio da associação de ideias, questionando sistematicamente o valor dos métodos tradicionais do conhecimento. Em 1582, escreveu *O candeeiro*, em que um artesão de velas divulgava seus produtos aos gritos, dizendo que elas clarificariam a sombra das ideias.

Em 1583, com a sua popularidade em decadência, transferiu-se para Londres em busca de novos adeptos. Expôs suas ideias em Oxford, que seguia a escolástica de Aristóteles. Nas conferências sobre sua nova obra, *A Ceia da Quarta-Feira de Cinzas*, que versava sobre a teoria heliocêntrica de Copérnico, sugeria que o Universo era infinito e formado por inúmeros mundos semelhantes aos do Sistema Solar e evidenciava, com a sua retórica incisiva, os equívocos de Aristóteles, o que causou uma retaliação por parte dos professores daquela escola. Voltou para Londres, onde ficou até 1585 como hóspede de Michel de Castelnau, embaixador de Henrique III para as Ilhas Britânicas.

Sentindo-se incomodado na Inglaterra, voltou para Paris, em 1585. A situação política havia sofrido substanciais transformações, com a revogação do édito de paz com os protestantes. Ao iniciar severa polêmica com um apadrinhado do partido católico, Fabrizio Mordente, ridicularizando-o no texto *Quatro Diálogos*, criou inimigos nas comunidades religiosas católicas e protestantes. Perambulou pela Hungria, e lá frequentou a corte do rei Rodolfo II. Escreveu uma crítica mordaz contra a intolerância e o sectarismo religiosos. Continuou sua peregrinação e foi para a Alemanha, onde conseguiu o cargo de professor em Wittenberg. Em 1587, ainda na Alemanha, transferiu-se para Helmstadt, local em que foi acolhido calorosamente pelo duque Henrique

Julio. Escreveu nessa época aquela que considerou sua obra mais importante: *Sobre a Associação de Imagens, Signos e Ideias*. Em 1589, foi excomungado pela Igreja Luterana de Helmstadt.

Continuou escrevendo e publicou as seguintes obras: Sobre a Causa, o Princípio e a Unidade; Do Infinito, do Universo e dos Mundos (nosso livro em questão); Transporte das Almas Intrépidas; Cabala de Garañón; A Expulsão da Besta Triunfante; Princípio de Muitas Artes Práticas; Da Unidade, da Quantidade e da Forma; Sobre o Imenso e Inumerável; Exposição dos Trinta Selos; Lista de Termos Metafísicos para Iniciar o Estudo da Lógica e da Filosofia; e outras.

Quando escreveu sobre o Universo infinito, não havia lugar para outra concepção infinita maior a não ser a denominada Deus. No entanto, Bruno não concebia Deus e a Natureza como entidades separadas e distintas, tal qual se apresentam no Gênesis e pregava a Igreja, a exemplo de Aristóteles. Tratava os mistérios da virgindade de Maria, da crucificação e da missa como insignificantes. Para ele, a Bíblia era um livro que apenas os ignorantes podiam ler literalmente.

Excomungado por católicos, luteranos e calvinistas, tentou radicar-se em Maine, mas o senado rejeitou sua solicitação de permanência. Conseguiu refugiar-se em um convento carmelita, onde lecionou para doutores protestantes. Não tinha tranquilidade em Frankfurt e acabou aceitando o convite de um nobre veneziano, Giovanni Mocenigo, que lhe ofereceu estadia em troca de seus ensinamentos acerca das técnicas de memorização. A ideia lhe pareceu boa, pois Veneza era a mais tolerante e liberal das cidades italianas. Além disso, a proteção de Mocenigo poderia evitar novos problemas.

Quando regressou à Itália, em 1591, procurou antes a Universidade de Pádua, cuja cátedra de Matemática estava vaga. No entanto, o lugar foi oferecido a Galileu e, sem outra possibilidade, Bruno fixou-se em Veneza como hóspede de Giovanni Mocenigo. Na verdade, Mocenigo esperava aprender a arte da magia, porém Bruno insistia no ensino das técnicas de memorização. Quando, em 1592, tentou ir a Frankfurt para publicar uma nova obra, foi encarcerado no sótão da casa pelo anfitrião, que se sentiu traído por não conseguir que ele lhe ensinasse a antiga arte. Em seguida, Giovanni denunciou-o ao Santo Ofício por heresia.

Ficou durante algum tempo como prisioneiro em Veneza e havia grande possibilidade de ser absolvido. No entanto, a Inquisição romana, que não o

esquecera, pediu a sua extradição. Em janeiro de 1593, atravessou os portais do palácio do Santo Ofício para ficar em suas masmorras durante sete anos, período de duração do processo. Em 1597, o tribunal decidiu que fosse submetido à tortura e, como ele não renunciasse às suas ideias, na primavera de 1599 teve início o seu julgamento. Em 20 de janeiro de 1600, foi condenado.

Ao ouvir o pronunciamento dos juízes, retrucou dizendo: *Talvez vocês, meus juízes, pronunciem essa sentença contra mim com maior medo que o meu em recebê-la.* Em 17 de fevereiro do mesmo ano foi queimado, com uma mordaza na boca, no Campo de Fiori.

Giordano Bruno foi um pensador com visão holística do conhecimento, um naturalista e espiritualista. Era um poeta sensível, de grande imaginação, cheio de entusiasmo diante de uma visão maior de um Universo infinito. Estava séculos adiante do seu tempo e foi silenciado pela mesma Igreja que calaria outras mentes brilhantes como a de Galileu Galilei e Leonardo Boff, dentre tantos outros. Sua convicção e coragem serviram como um grande incentivo ao progresso da Ciência, da Filosofia e do conhecimento humano.

Acrescentamos a esta edição algumas notas e comentários, no intuito de enriquecer o trabalho.

*Lais dos Santos Pinto Trindade
Diamantino Fernandes Trindade*



Jordanus Brünns.

*Eja age sublimes tentet natura recessus,
Nam tangente Deo fervidus ignis eris!*

Ao Ilustríssimo
Senhor de Mauvissière

Impresso em Veneza
no ano de MDLXXXIV(1584)

Epístola Preambular

Para o Ilustríssimo
Senhor Michel de Castelnau¹

Senhor de Mauvissière, Croncressault e Joinville, Cavaleiro da Ordem do rei Cristianíssimo, conselheiro do seu Conselho privado, capitão de 50 homens de armas e embaixador da sereníssima rainha da Inglaterra.

Se eu, excelentíssimo cavaleiro, cuidasse de um rebanho, arasse a terra, plantasse uma horta ou costurasse um traje, ninguém me ouviria, muito poucos me observariam, raros me censurariam e eu, de maneira fácil, poderia agradar a todos. Entretanto, por eu ser um estudioso da natureza, sempre atento para o que nutre a alma, ambicionando a cultura do espírito e debruçando-me na atividade intelectual, aquele que se vê observado vem me ameaçar, quem se sente visado assalta-me, quem é atingido ataca-me e quem se pega descoberto quer devorar-me. Não são poucos ou apenas um quem assim procede: são muitos, são quase todos. E a razão para isso, se se quer saber, eu digo: odeio o medíocre, tudo me desagrada, a multidão não me apraz e apenas tenho fascínio por uma coisa — aquela que me faz sentir livre sendo escravo, feliz na desgraça, rico na miséria e vivo na morte — e por ela não invejo os escravos na liberdade, os infelizes no prazer, os miseráveis na fartura e os mortos na vida, pois eles, no próprio corpo, possuem os grilhões que os aprisionam; no próprio espírito, têm o inferno que os amaldiçoa; na alma, o erro que os adocece; e na mente, a letargia que os assassina, e não há misericórdia que os redima ou generosidade que os enleve, nem fulgor que os realce ou ciência que os avive. Disso deriva que não desisto da dura jornada quando estou esgotado, e nunca por indolência ignoro trabalho que me venha; nem por desespero fujo do inimigo ou por deslumbramento desvio o olhar do objeto divino; entretanto, geralmente sou rotulado de sofista, ou um que quer parecer mais sutil que verdadeiro, ou então ambicioso, que dirige seus esforços mais para incitar novos e falsos paradigmas do que para consolidar os antigos e verdadeiros, ou um trapaceador, que quer o

reconhecimento obscurecendo seus erros, ou até um irrequieto, que ignora a boa conduta para arquitetar perversidades. Oxalá, Senhor, que as divindades distanciem de mim todos os que me têm ódio infundadamente; oxalá que meu Deus me seja benevolente; oxalá que os reis do mundo me sejam favoráveis; oxalá as estrelas vejam-me à semelhança do que é a semente para o campo e o campo para a semente, de modo que no mundo surjam frutos úteis e glorificantes de meu trabalho, despertando a alma e o coração dos que não têm esclarecido seus intelectos, pois certamente não me dou a devaneios e, quando me equivoco, acredito não ser intencionalmente; na fala e na escrita não o faço pela vitória em si (pois esta é inimiga de Deus, odiável e obscura, se não baseada na verdade), mas por amor à sabedoria e entusiasmo pela legítima investigação fatigo-me, preocupo-me e incomodo-me. E isso será comprovado pelos argumentos do que demonstro, que se fundamentam no raciocínio lógico que vêm de uma análise correta, formada por imagens verdadeiras que, como arautos, não são aprisionadas pelos fatos da natureza, mas existem para os que as buscam, são evidentes para os que as investigam, límpidas para todos os que as estudam e corretas para todos os que as entendem. Eis, então, a minha investigação sobre o *infinito*, o *Universo* e os *incontáveis mundos*.

Argumentos do Primeiro Diálogo

Têm-se, então, no primeiro diálogo:

1) A variabilidade dos sentidos mostra que eles não conferem certeza e que esta só é estabelecida por comparações, conferindo-se um objeto perceptível com outro e uma sensação com outra, e com isso se conclui que a verdade é relativa para as diversas pessoas.

2) A infinitude do Universo começa a ser demonstrada, e apresenta-se o primeiro argumento com base no fato de que aqueles que não sabem onde o mundo acaba querem, fantasiosamente, construir-lhe muros.

3) Do segundo argumento vem o fato de que não é conveniente dizer afirmativamente que o mundo é finito e que o é por si mesmo, porque isso só é próprio do que é ilimitado. Então, o terceiro argumento advém de ser inconveniente e impossível pensar que o mundo não existe em lugar nenhum, pois, de qualquer maneira, disso resultaria a sua inexistência,

mas todas as coisas, corpóreas ou incorpóreas, pressupõem, corpórea ou incorporeamente, um lugar.

4) Esse argumento vem de uma demonstração que os epicuristas fazem:

“Por outro lado, suponhamos que todo o espaço existente seja limitado. Se, em um ímpeto, uma pessoa for até o fim de sua margem extrema e de lá lançar um traço, balanceado com rigor, que voe pelo espaço, tu preferes que ele bata asas em direção ao seu objetivo e fuja para longe ou achas que pode haver um obstáculo para interromper seu curso?... Tanto se um obstáculo externo o impedir de alcançar seu objetivo e se estabelecer como se ele seguir o curso, o ponto na direção do qual ele se lança não é o fim do Universo.”

5) A definição de lugar dada por Aristóteles não se aplica ao primeiro, maior e mais comum dos lugares. Também não é válido considerar a superfície próxima e imediata ao conteúdo e outras considerações inconsistentes que tratam o lugar com uma abordagem matemática e não física. Admito que entre a superfície do continente e do conteúdo sempre é necessário se interpor um espaço, que é conveniente ser lugar e, se se quiser considerar do espaço apenas a superfície, é necessário que se vá buscar no infinito um lugar finito.

6) Não se pode esquecer do vácuo ao se considerar o mundo finito, pois o vácuo é aquilo em que nada existe.

7) Da mesma maneira que, se este mundo não se encontrasse no espaço, este seria o vácuo, onde não está este mundo entende-se que é o vácuo. Fora do mundo, portanto, este espaço não é diferente daquele; logo, a potência que tem este, aquele a tem; e por consequência tem ato, porque nenhuma potência é eterna sem ato e por isso eternamente tem o ato unido, porém ela própria é ato, dado que no eterno o ser e o poder ser não são distintos.

8) Não há sentido que negue o infinito, pois não podemos negá-lo, já que não compreendemos o infinito com os sentidos, mas são os sentidos compreendidos pelo infinito e, como a razão confirma isso, somos levados a admiti-lo. No mais, se observarmos bem, são os próprios sentidos que o consideram infinito, porque sempre vemos algo compreendido em outro algo e nunca percebemos nem os sentidos externos nem os internos, ou uma coisa não compreendida na outra ou algo semelhante:

“Diante dos nossos olhos, todas as coisas limitam-se umas às outras; o ar serve de baliza para as colinas, as montanhas para o ar, a terra para o mar e este, por sua vez, para todas as terras. Além disso tudo, não há nada que limite o fim (...) e tanto é verdade que por toda parte se abre um espaço imenso sem limitações para todas as coisas que se prolongam em todas as direções.”

Pelo que se vê, portanto, deve-se reafirmar o infinito, já que nada ocorre que não termine em outra coisa e não há coisa que termine em si própria.

9) Apenas se pode negar o espaço infinito com as palavras, como os teimosos o fazem, quando já se considerou que o restante do espaço em que não existe mundo, ao qual denominamos vácuo e que é imaginado como o nada, não pode ser entendido sem uma capacidade de conter que não seja menor do que essa que já contém.

10) Da mesma maneira como é bom que exista este mundo, é do mesmo modo bom que exista cada um dos infinitos outros.

11) A bondade deste mundo não é comunicável a outro mundo que possa existir, da mesma maneira que o meu ser não é comunicável ao ser deste ou daquele.

12) A razão e os sentidos não permitem que, como se admite um infinito indiviso, muito simples e concentrado, não se possa admitir um infinito corpóreo e explícito.

13) O espaço do mundo que parece imenso não é parte e não é todo em relação ao infinito, e não pode ser sujeito de uma operação infinita, diante da qual é um não-ser aquilo que a nossa insuficiência pode abranger. E a essa objeção vem a resposta que nós não admitimos o infinito em razão da dignidade do espaço, mas por causa da dignidade das naturezas, pois a razão que embasa a sua existência justifica a de tudo quanto pode existir, cuja potência do ser de Elpino não é atuada pelo ato de ser de Fracastório.

14) Se a potência infinita ativa faz o ser corpóreo e dimensionável, este deve necessariamente ser infinito, pois de outra maneira deprecia-se a natureza e a dignidade de quem pode fazer e de quem pode ser feito.

15) Deste Universo, do modo como pode ser imaginado pelo senso comum, não se pode dizer que compreende a perfeição de tudo, senão como eu compreendo a perfeição de todas as partes de meu corpo, e cada globo tudo aquilo que está nele, ou seja, é rico aquele para quem nada falta.

16) De qualquer modo, o eficiente infinito seria deficitário sem o efeito e não se pode perceber que apenas tal efeito seja ele próprio. Além disso, se assim for ou se é, nada se pode tirar do que deve existir naquilo que é realmente um efeito, pois os teólogos falam de ação *ad extra* e passageira, além da imanente, pois é imperativo que seja infinita, tanto uma como outra.

17) Afirmando-se que o mundo é ilimitado, segundo o nosso ponto de vista, o intelecto se acalma. De modo contrário, dificuldades e inconvenientes aparecem. Refuta-se também o que se disse no segundo e no terceiro.

18) Se o mundo tem a forma de esfera, terá figura e limite, e o limite que está além da figura e do termo (que pode ser chamado de “nada”) também terá figura, de modo que o seu côncavo fica junto a esse convexo, pois onde começa o “nada”, pelo menos é uma concavidade que não se diferencia da superfície convexa deste mundo.

19) Acrescenta-se algo ao que foi dito no segundo.

20) Presta-se a esclarecer o que foi mencionado no décimo.

Na segunda parte do diálogo, demonstra-se para potência ativa do eficiente o que foi demonstrado para a potência passiva do Universo com vários argumentos: o primeiro conclui-se do fato de a potência divina não dever ficar ociosa, quanto mais se põe o efeito fora da substância (se é que se admite algo fora da substância), e do fato de não ser menos ociosa ao produzir efeito finito do que não produzindo nada. O segundo é tirado da prática, pois, no caso oposto, suprime-se a razão da bondade e da grandeza divinas, e daí não advém nenhuma incongruência contra qualquer lei da Teologia. O terceiro pode ser convertido na 12^a da primeira parte, mostrando a diferença entre o todo infinito e o totalmente infinito. O quarto mostra que a onipotência é censurada não por não querer, mas por não poder, por ter feito o mundo finito e por ser agente infinito de um ente finito. O quinto mostra que, se não fez o mundo infinito, é porque não pôde fazer, e se não tem poder para isso, não é vigoroso para conservá-lo infinito; e se é finito por um motivo, é finito por todos os motivos, porque nele cada modo é coisa e toda coisa e modo são uma mesma coisa. O sexto converte-se no décimo da primeira parte, apresentando-se a causa pela qual os teólogos defendem o oposto, com um motivo razoável, e a da amizade entre eles e os filósofos.

O sétimo mostra a razão que faz diferir a potência ativa das diferentes ações, e resolve o argumento. Ademais, mostra-se a potência intensiva e extensivamente infinita como um nível que os teólogos nunca atingiram. No oitavo é mostrado que o movimento dos mundos infinitos não tem origem em um motor externo, mas na própria alma, e por tudo isso há um motor infinito. O nono mostra como o movimento infinito é verificado em cada um dos mundos. A isso se acrescenta que, quando um objeto move e é movido, isso resulta que pode ser visto em cada ponto do círculo que gira em torno de seu eixo; quando for oportuno, darei explicação novamente.

Argumentos do Segundo Diálogo

O segundo diálogo leva às mesmas conclusões. Primeiramente, quatro razões são apresentadas, a primeira com base no fato de que todos os atributos da divindade são como cada um, a segunda de que a imaginação do homem não pode ser maior que a ação divina, a terceira sobre a identidade entre o intelecto e a razão divina, que não entende o infinito menos que o finito, e a quarta é que se a atribuição corpórea, ou seja, a qualidade que é sensível, tem potência infinita ativa, o que deverá ocorrer com a que há em toda a potência ativa e passiva absoluta?

Em segundo lugar, mostra-se que algo corpóreo não pode ser limitado por algo incorpóreo, mas pelo vácuo ou pelo pleno; de qualquer maneira, fora do mundo há o espaço que, claro, não é mais que matéria e a própria potência passiva, na qual a não ociosa potência ativa deve-se transformar em ato. Também é demonstrada a inconsistência do argumento de Aristóteles sobre a impossibilidade da coexistência das dimensões.

Em terceiro, é ensinada a diferença entre o mundo e o Universo, pois quando se menciona Universo finito e uno, necessariamente se faz distinção entre as duas palavras.

Em quarto lugar, razões contrárias são apresentadas para se julgar o Universo finito. Elpino, então, refere-se a todas as sentenças de Aristóteles e Filóteo analisa-as. Algumas são referentes à natureza dos corpos simples e outras são sobre a natureza dos corpos compostos; é demonstrada a inconsistência de seis argumentos deduzidos da definição dos movimentos, que não podem ser perpétuos, e de outros enunciados

semelhantes, infundados, como é verificado na análise. Estes, é claro, demonstrarão a razão das espécies e o termo do movimento e, de acordo com a ocasião e o lugar, denotam um conhecimento mais real sobre o impulso grave e leve, pois por elas se mostra como o corpo infinito não é grave nem leve e como o corpo finito pode ou não receber essas espécies. Isso torna mais evidente a inconsistência dos argumentos de Aristóteles que, falando contra os que consideram o mundo infinito, pressupõe o meio e a circunferência achando que a Terra tem o centro no finito ou no infinito.

Em suma, não há argumento grande ou pequeno que me tenha induzido a destruir a infinidade do mundo, tanto em meu primeiro livro, *Do Céu e Mundo*, quanto do terceiro, *Da Auscultação Física*, sobre o qual não se diz mais que o necessário.

Argumentos do Terceiro Diálogo

No terceiro diálogo, a vil fantasia da figura, das esferas e dos diversos céus é primeiramente negada e há a assertiva de que o céu é único, que é um espaço geral que abrange os inúmeros mundos, não obstante não neguemos serem muitos, antes, infinitos os céus, vendo essa palavra em outro sentido, pois, como esta terra possui o seu céu, que é a região em que se move e percorre, assim é para todas as outras inumeráveis terras. Há a declaração de como tantos céus foram imaginados e de forma figurada, como se fossem duas superfícies externas e uma cavidade interna; há também outros remédios e receitas que deram náuseas e repulsa aos que ordenaram e executaram e aos pobres que os ingeriram.

Em seguida, diz-se que o movimento geral e dos chamados excêntricos e aqueles que se referem ao firmamento são todos fantásticos, pois dependem de um movimento que o planeta faz com o seu centro, pela eclíptica, e os outros quatro tipos de movimentos que faz em torno do centro de sua própria massa. Daí se conclui que o movimento peculiar de cada estrela vem da espécie que nela pode ser verificada, como um móvel que se desloca por si mesmo, no espaço. Isso faz entender que todas as razões sobre o móvel e o movimento infinito são vãs e baseadas na ignorância sobre o movimento da Terra. Em terceiro lugar, afirma-se que não existe estrela que não se movimente como esta e as outras que, por

estarem avizinhas, mostram as diferenças locais de seus movimentos, mas que de uma maneira se movem os sóis, que são corpos em que o fogo é predominante, e de outra se movem as terras, em que a água predomina. Por fim, verifica-se de onde vem a luz que difunde os astros, dos quais alguns brilham por si mesmos e outros, por influência de astros diferentes. Em quarto, de que modo corpos muito distantes do Sol podem, assim como os mais próximos, participar do calor, reprovando-se a afirmação de Epicuro que acha que um sol é suficiente no Universo infinito. Mostra-se a real diferença entre astros que brilham e os que não brilham. Quinto, analisa-se a afirmação de Nicolau de Cusa² sobre a matéria e possibilidade de os mundos serem habitados e sobre a razão da luz. Sexto, mesmo que haja corpos luminosos por si só e quentes, o Sol não ilumina o Sol, a Terra não ilumina a Terra e a água, a própria água, mas a luz sempre provém do astro oposto, como se vê claramente em todo o mar resplandecente, quando estamos em locais aparentes, como as montanhas e, quando se está no mar ou mesmo no campo, não os vemos resplandecer senão quando, a pouca distância, a luz do Sol ou da Lua estão em oposição a eles.

Em sétimo, fala-se sobre a inconsistência das quintessências e diz-se que todos os corpos com sensibilidade não são diferentes e não são constituídos por outros primeiros princípios que não esses, e também que não se movem de outra maneira, apenas em linha reta e em círculo. Tudo isso será tratado com razões fáceis ao senso comum, enquanto Fracastório acomoda-se ao engenho de Búrquio e fica claro que não há acontecimento aqui que não se pressuponha lá, assim como não há nenhuma coisa que daqui se veja lá, a qual, se bem considerada, não se veja de lá, aqui. Em consequência, a bela ordem e a hierarquia da natureza são como sonhos e gracejos de velhas tontas.

Em oitavo, apesar de ser verdade a diferença entre os elementos, não há de modo algum essa ordem sensível e inteligível dos elementos, como comumente se supõe. Segundo o próprio Aristóteles, os quatro elementos são partes deste globo na mesma proporção, se não queremos afirmar que a água excede os outros, pois, justamente, chamamos os astros por vezes de água, por vezes de fogo, tanto os verdadeiros filósofos naturalistas quanto os profetas e poetas, que não dizem fábulas nem falam por metáforas, deixando que os pretensos filósofos contem fábulas e ninharias. Entende-se, dessa maneira, que os mundos são os corpos heterogêneos, os animais, os grandes globos nos quais a terra não é mais importante que os

outros elementos e onde todas as partículas movem-se mudando de lugar e disposição, da mesma forma que o sangue e os outros humores, espíritos e partículas que fluem e refluem, influem e efluem de nós e dos outros animais. Sobre isso se faz uma comparação, verificando-se que a terra, pelo impulso para o centro de sua massa, não é mais pesada que outro corpo simples que a essa composição concorra. A terra, por si só, não é grave, não sobe nem desce e é a água que faz a união, densidade, espessura e gravidade.

Em nono, discorre-se sobre a inconsistência da famosa ordem dos elementos da qual advém a razão dos corpos sensíveis compostos que, assim como muitos animais e mundos, estão no espaçoso campo que é o ar, o céu ou o vácuo, no qual estão todos os mundos que não contêm menos animais e habitantes do que este contém, não possuindo menor eficiência ou natureza diferente.

Em décimo, vendo como os facciosos e ignorantes disputam, com intenção perversa, fica evidente a maneira, na maioria das vezes, pela qual resolvem as disputas, apesar de alguns serem tão circunspectos que nem se alteram, com um sorriso de escárnio, com uma modesta malignidade, no que querem provar com razões que iiem eles mesmos entenderiam, e pretendem, com esses artifícios gentis, encobrir sua ignorância, que fica evidente em todas as suas manifestações, e também a lançam sobre seu adversário, pois disputam não para encontrar ou procurar a verdade, mas para alcançar a vitória, parecendo mais sábios e extremos defensores da opinião contrária. Assim, devem ser evitados por quem não tiver uma boa armadura de paciência.

Argumentos do Quarto Diálogo

No próximo diálogo, primeiramente é repetido o que se disse outras vezes, ou seja, como são infinitos os mundos, como cada um se move e como é formado. A seguir, assim como no segundo diálogo desfizeram-se os raciocínios que falam sobre a massa infinita ou a grandeza do Universo, depois do primeiro, com muitas razões determinou-se o grande efeito do imenso vigor e potência nesse como no terceiro diálogo, agora se afirma a multidão infinita de mundos e destroem-se as várias razões de Aristóteles contra a palavra mundo (que tem diferentes significados em Demócrito,

Aristóteles, Epicuro e outros). Sobre o movimento natural e violento, e muitos raciocínios dele advindos, Aristóteles entende que uma terra deveria mover-se para outra. Ao derrubar essas questões, primeiramente se enunciam fundamentos de grande importância para descobrir os verdadeiros princípios da Filosofia Natural. Em seguida, declara-se que, mesmo se a superfície de uma terra fosse contígua à outra, não ocorreria de as partes de uma moverem-se para a outra, ou seja, as partes heterogêneas ou diferentes, não os átomos e os corpos simples, o que leva a se verificar melhor a natureza do grave e do leve. Em terceiro, por qual motivo os grandes corpos foram colocados pela natureza a tanta distância e não estarem mais perto uns dos outros, de modo que se pudesse passar de um para o outro. Finalmente, quem observar acuradamente, verá a razão pela qual não devem existir mundos na circunferência do éter ou perto do vácuo, nos quais não haja potência, eficiência e ato, pois assim não poderiam receber vida e luz.

Em quarto, como a distância local pode ou não mudar a natureza do corpo e por que, quando uma pedra é colocada equidistantemente de duas terras, ou ficará imóvel ou se moverá para uma em detrimento da outra. Em quinto, Aristóteles erra sobre o que diz a respeito de impulso de gravidade ou leveza de um corpo para outro embora distantes, e de onde vem o desejo das coisas de se conservar no estado atual, apesar de ignóbil, desejo este que é causa de fuga e perseguição. Em sexto, que o movimento retilíneo não convém nem pode ser natural na Terra ou em outros corpos principais, mas nas partes desses corpos que para eles se movem dos vários e diferentes locais do espaço, sempre que não estão muito distantes. Em sétimo, os cometas provam que não é verdade que o grave, apesar de longínquo, receba impulso ou movimento para o seu continente, razão esta que vai não pelos verdadeiros princípios físicos, mas pelas hipóteses filosóficas de Aristóteles, que forma e estrutura os cometas com partes que são vapores e exalações da Terra. Em oitavo, em razão de outros argumentos, mostra-se como os corpos simples, que são do mesmo tipo em outros mundos, movem-se do mesmo modo e como a diferença do número incorre na diversidade de lugares, já que cada parte tem o seu centro e refere-se ao meio comum do todo, que não deve ser procurado no Universo. Em nono, determina-se que os corpos e as suas partes não possuem uma posição sob ou sobre determinado local, posto que esse local é aqui ou acolá.

Em décimo, como o movimento é infinito e como o móvel tende ao infinito em inúmeras disposições e que nem por isso há gravidade ou leveza com velocidade infinita; além disso, o movimento das partes próximas não pode ser infinito, pois elas conservam seu próprio ser. E também que o impulso das partes para o seu continente não pode acontecer senão dentro da sua própria região.

Argumentos do Quinto Diálogo

No início do quinto diálogo, mostra-se um personagem dotado de boa inteligência, que, apesar de nutrido na doutrina oposta, por ter capacidade de julgar sobre o que viu e ouviu, pode estabelecer a diferença entre as duas opiniões, facilmente se corrigindo e remediando-se. Mostra-se quem são os que, não entendendo Aristóteles e sendo de pouca inteligência, louvam-no como um milagre da natureza. Por isso, deve-se ter pena desses indivíduos e recusar-se a disputar com eles, pois com eles apenas se perde tempo. Aqui Albertino, um novo interlocutor, traz 12 argumentos nos quais se encerram as convicções contrárias à pluralidade e multidão dos mundos.

O primeiro baseia-se na ideia de que fora do mundo não há local, nem tempo, nem vácuo, nem corpo simples ou composto. O segundo, da unidade do motor. O terceiro, dos lugares dos corpos móveis. O quarto, da distância dos horizontes ao centro. O quinto, da contiguidade de mundos orbiculares. O sexto, dos espaços triangulares que causam com o seu contato. O sétimo, do infinito em ato, que não existe, e de um determinado número que não é mais lógico que outro; dessa razão pode-se, não só de forma legítima mas com grande vantagem, deduzir que o número não deve ser limitado, mas infinito. O oitavo, do limite das coisas naturais e da potência passiva das coisas, que não corresponde à eficiência divina e à potência ativa. Nisso deve-se considerar que é muito inconveniente que o primeiro e altíssimo seja semelhante a alguém que possui a capacidade de tocar harpa e por defeito da harpa não toca, ou seja, alguém que tem capacidade de fazer e não o faz, pois aquilo que pode fazer não pode ser feito por ele, o que expõe uma contradição que não pode ser desconhecida, exceto pelos que não conhecem nada. O nono, da bondade civil, que está na conversação. O décimo leva a concluir que, pela continuidade de um

mundo com outro, o movimento de um impede o movimento de outro. O décimo primeiro diz que, se este mundo é completo e perfeito, não é necessário que se junte com outro ou outros.

São essas as dúvidas e motivos que, se solucionados, encerram uma grande doutrina que é suficiente para descobrir os íntimos e profundos erros da Filosofia comum e a importância e oportunidade da nossa. Essa é a razão pela qual não devemos ter medo de que algo se desvie, que nada se disperse ou se inutilize ou se espalhe no vácuo e seja desmembrada e aniquilada. Essa é a razão pela qual se deve revezar as mutações e pela qual não há mal do qual não se possa sair nem bem no qual não se incorra, enquanto pelo espaço infinito, por causa da contínua mutação, toda substância permanece una e a mesma. Se a isso se estiver atento, não há acidente estranho que nos afaste por dor ou medo, ou fortuna que nos distraia por prazer ou esperança, pelos quais se conseguirá o verdadeiro caminho para a moralidade real. Assim seremos magnânimos, desprezando o que só os pensamentos infantis apreciam. Isso nos fará transformarmo-nos em maiores que deuses e que o cego comum adora, pois seremos sinceros contempladores da história da natureza, que em nós mesmos está escrita, nós, metódicos executores das leis divinas que estão esculpidas em nossos corações. Iremos saber que voar do chão ao céu ou do céu ao chão não é diferente, assim como não é diferente descer do limite de um até o do outro, pois não estamos restritos a eles mais que eles a nós, e eles não estão mais ao centro em relação a nós do que nós em relação a eles; da mesma maneira, não pisamos uma estrela nem estamos mais dentro do céu do que eles estão.

Assim, então, ficamos sem inveja e livres da ansiedade e da preocupação de ambicionar, como se estivesse distante o bem que temos à nossa volta. Estamos tão livres do grande medo que eles caíam sobre nós, esperando que caíamos sobre eles porque o mesmo ar infinito que sustenta este globo sustenta aqueles; assim como o animal livre move-se pelo seu espaço e ocupa sua área como os outros de sua espécie. Com isso tudo entendido e considerado, muito mais nos será permitido refletir e compreender! Assim, por meio da ciência, alcançaremos o bem, pois por outros meios é inútil sua procura.

Essa filosofia desperta os sentidos, apraz o espírito, enobrece a inteligência e leva o homem à real felicidade que ele pode ter e que é relativa à sua essência, pois o liberta do cuidado dos prazeres e do cego

sentimento das dores, levando-o a gozar de sua existência no presente e ter menos medo do futuro, pois a providência ou a sorte que predispõe nosso ser individual não deseja que saibamos de um mais que outro, e então temos dúvida e perplexidade ao primeiro contato com o assunto. Entretanto, se analisarmos o ser com profundidade, na substância em que somos imutáveis, saberemos que a morte não existe, não só para nós, mas também para qualquer substância; no entanto, nada diminui substancialmente, mas tudo, no infinito espaço, altera sua aparência. Como estamos sujeitos a uma grande eficiência, não deveríamos acreditar, julgar e esperar por nada que não seja bom e para o bom, o bem e para o bem. O oposto disso ocorre somente a quem percebe o estado presente, como a beleza de uma construção que não se revela a quem apenas observa um detalhe seu, como um tijolo, um pouco de cal ou uma pequena parede, mas sim para quem olha o conjunto e consegue comparar suas partes. Não tenhamos medo de que aquilo que está acumulado neste mundo, pela veemência de um espírito errante ou pela raiva de um deus fulminador, caia para fora dessa lápide ou cúpula do céu, ou como a poeira que se sacode e se espalha para fora desse véu estrelado, e que a natureza possa ser destruída na sua matéria, assim como o ar que fica dentro de uma bolha espalha-se quando esta estoura, pois sabemos que no mundo as coisas acontecem sempre uma depois da outra, sem que para isso haja uma força profunda ou a mão de um demiurgo que as faça se converter em nada. Não há limites, bordas, margens ou muros que nos separem ou roubem cópia das coisas. Por isso são férteis a terra e o mar, e contínuas as fagulhas do Sol, alimentando eternamente seu fogo voraz, e os humores do mar, porque do infinito sempre nasce nova cópia da matéria, de modo que Epicuro e Demócrito entenderam bem e pretendem que se renove e reintegre-se eternamente, diferentemente dos que se esforçam para salvar a constância do Universo, para que o mesmo número sempre venha depois do mesmo número e as mesmas partes da matéria transformem-se nas mesmas partes. Então, senhores astrólogos, com a ajuda dos físicos, seus mimetizadores, providenciem para que seus círculos mostrem as fantasiadas nove esferas móveis nas quais vocês prendem seus cérebros, para que se pareçam com papagaios engaiolados, enquanto eu os vejo daqui saltitando de um lado para o outro, pululando e dando giros. Sabemos que um imperador tão grandioso não teria um trono tão mesquinho e mísero, tão pobre tribunal, tão pequena corte e tão fraca que

possa ser assustado por um fantasma, destruído por uma quimera, diminuído por uma frustração e levado por um crime, reconstituído por um pensamento, de modo que um suspiro o preenche e um sorvo o esvazia. Porém, é um imenso retrato, uma louvável figura, uma incrível imagem que representa o infinito do infinito, majestoso espetáculo dado à excelência de quem não pode ser percebido, tomado e segurado. É assim que a excelência de Deus se glorifica e se manifesta na grandiosidade de seu império: não se regozija em um, mas em inúmeros sóis, e não em uma só terra ou apenas um mundo, mas em um milhão, ou então infinitos, de modo que não é pequena a propriedade da inteligência que sempre deseja e consegue unir espaço a espaço, massa a massa, unidade a unidade, número a número, pela ciência que nos tira das algemas de um majestoso império, que nos solta da pressuposta miséria e angústia, para nos fornecer as inúmeras riquezas do espaço, de campo muito digno, de tantos mundos cultos, não deixando que o círculo do horizonte, ilusório quando visto da Terra e fingido pela fantasia do éter espaçoso, prenda o nosso espírito guardado de um Plutão e à mercê de um Júpiter. Que nós fiquemos livres das amarras de um possuidor tão rico e ao mesmo tempo medíocre, avarento e sórdido doador, e do sustento de tão fértil e magnânima, mas depois mesquinha e mísera natureza.

Há diversos outros frutos recolhidos dessas árvores, honrados e dignos, e há outras messes valiosas e apetitosas que se pode recolher dessa semente espalhada e da qual não vamos nos recordar para não expor ainda mais a inveja de nossos opositores, mas deixemos compreender pelo seu julgamento aqueles que pode entender e julgar, pois eles mesmos poderão, com facilidade, sobre essas fundações, construir o prédio inteiro de nossa filosofia, que tem seus membros reduzidos à perfeição tão ambicionada, se assim aprover a quem nos governa e move, e se não for parada a empreitada iniciada, para que o que está colocado nos diálogos *Sobre a Causa, o Princípio e a Unidade*³ para alguns floresça, para outros cresça, para outros amadureça em rara colheita, enriqueça outros e os satisfaça tanto quanto é possível. Assim, depois de tê-lo separado de ervas daninhas e de joio, podemos preencher o celeiro dos engenhos cultos do melhor trigo que possa produzir o terreno de nossa cultura.

No entanto, apesar de haver a certeza em mim de que não é preciso recomendar, não deixarei de fazê-lo por obrigação, de procurar que seja realmente indicado aquele que não retiver entre as suas relações como um

homem de quem os senhores têm necessidade, mas com uma pessoa que tem necessidade dos senhores, por tantas e tais razões vistas, considerando que, por terem junto dos senhores tantos que os servem, não são diferentes dos plebeus, tesoureiros ou mercadores, mas por terem alguém digno de ser louvado, defendido e auxiliado são, como sempre demonstraram e foram, semelhantes aos príncipes generosos, heróis e deuses, que criaram pessoas como os senhores para defender seus amigos. E agora me permito lembrar aos senhores o que sei e que não é necessário lembrar: que os senhores podem, afinal, ser tão queridos pelo mundo e agradecidos por Deus, por serem amados e respeitados pelos príncipes da Terra, por maiores que sejam, quanto por amar, defender e conservar um daqueles. Não há algo que se possam fazer seus superiores em fortuna, muitos dos quais os senhores ultrapassam em virtude, que possa durar mais que suas paredes ou tapetes, mas os senhores podem fazer aos outros algo que mereça ser registrado no livro da eternidade, quer no que há na Terra como o que pensamos haver no céu: observando que o que se recebe de outros é testemunho da virtude deles, mas o muito que os senhores fazem aos outros é sinal legítimo de sua virtude. Adeus.

Primeiro Diálogo

Interlocutores:

Elpino, Filóteo, Fracastório e Búrquio.⁴

Elp. — Como pode ser que o Universo seja infinito?

Fil. — Como pode ser que o Universo seja finito?

Elp. — Acham que se pode demonstrar essa infmitude?

Fil. — Acham que se pode demonstrar essa fmitude?

Elp. — A que extensão se refere?

Fil. — E o senhor, que limites considera?

Fra. — *Ad rem, ad rem, si invat*; por muito tempo o senhor deixou-nos na dúvida.

Búr. — Filóteo, dê-nos algum argumento, pois vou me divertir imensamente ao ouvir essa história fantasiosa.

Fra. — *Modestius*, Búrquio: o que o senhor dirá se for convencido pela verdade?

Búr. — Mesmo que isso seja verdadeiro, não quero acreditar, pois não é possível que esse infinito seja entendido pela minha cabeça nem digerido pelo meu estômago, apesar de, na verdade, eu querer que fosse como Filóteo diz, pois se por azar acontecesse de eu cair fora deste mundo, eu sempre encontraria outras terras.

Elp. — Se quisermos, Filóteo, que nossos sentidos sejam juízes, ou se dermos a eles a vantagem que lhes cabe, pelo fato de todo o conhecimento vir deles, talvez concluamos que não é fácil achar uma maneira de se chegar ao que o senhor fala, de preferência, ao contrário. Mas, se o senhor quiser, pode começar a fazer-me entender alguma coisa.

Fil. — Não há sentido que veja o infinito ou algum a que se possa solicitar essa conclusão, pois o infinito não pode ser objeto dos sentidos. Por essa razão, quem buscar conhecê-lo por esse caminho é como quem quer ver com os olhos a substância e a essência, e quem a negasse por não ser sensível, ou visível, negaria sua própria substância e ser. Portanto, deve-se ter cuidado em solicitar o testemunho dos sentidos, que só admitimos em relação a algo sensível, e ainda com alguma dúvida, se não concorrerem, junto com a razão, para o juízo. À inteligência cabe julgar e

dar razão para o que é afastado no tempo e no espaço e em relação a isso é muito esclarecedor e testemunho suficiente o fato de os sentidos não terem capacidade de contrariar, e ainda mais, evidenciando e confessando sua fraqueza e insuficiência na aparência de finitude causada pelos limites do horizonte, e até por isso fica evidente sua inconstância. Como, então, sabemos, por experiência, que eles nos iludem, em relação à superfície do planeta em que estamos, muito mais deveríamos desconfiar deles, no que diz respeito ao que nos fazem compreender da concavidade estrelada.

Elp. — Então, diga-me: qual é a utilidade dos sentidos?

Fil. — Os sentidos servem para que exercitemos a razão e, parcialmente, para adquirir o conhecimento, mostrar e ser testemunha, mas não para testemunhar tudo, e não servem para julgamento ou condenação, pois, por melhores e mais perfeitos, eles não estão imunes a alguma perturbação. Em consequência, a verdade, em pequena parte, vem desse frágil princípio que são os sentidos, mas ela não está neles.

Elp. — Mas então onde ela está?

Fil. — Está no objeto que se pode sentir, como em um espelho; na razão, por meio da argumentação e do discurso; no intelecto, como um princípio ou conclusão; e na mente, como forma própria e viva.

Elp. — Exponha pois seus argumentos.

Fil. — Farei isso. Se o mundo é finito e fora do mundo há o nada, eu pergunto: onde está o mundo? Onde está o Universo? Aristóteles responderia que está em si próprio. O convexo do primeiro céu é um lugar universal e ele, como continente primeiro, não está em outro continente, porque o lugar não é nada mais que superfície e extremidade de um corpo continente; disso se conclui que o que não possui corpo continente, não possui lugar. Portanto, o que Aristóteles quer dizer com isto: “o lugar está em si próprio?” E o que o senhor quer concluir com essa “coisa existente fora do mundo?” Se se disser que o nada está aí, o céu e o mundo não estão com certeza em parte nenhuma...

Fra. — Nullibi ergo erit mundus. Omne erit in nihilo.

Fil. — O mundo seria uma coisa que não está em nenhum lugar. Se o senhor diz (pois quero acreditar que o senhor quer afirmar que qualquer coisa existe, para não ficar no vácuo e no nada) que fora do mundo há um ser inteligente e divino, Deus, que vem ao seu lugar de todas as coisas, o senhor ficará muito confuso para explicar *como* uma coisa incorpórea, inteligente e sem dimensões pode dar origem a coisas extensas. Se o

senhor diz que as entende como uma forma, assim como a alma compreende o corpo, não responde à pergunta de estar fora nem à questão do que está além e fora do Universo. E se quiser se justificar dizendo que onde está o nada e onde não está nenhuma coisa também não existe lugar, nem além nem fora, isso não me satisfará, pois são palavras e justificativas em que não se pode verdadeiramente pensar, porque é absolutamente impossível, com qualquer juízo ou fantasia (mesmo surgindo outros juízos e fantasias), fazer-me afirmar com real intenção que se tal superfície, tal limite, tal extremidade está além da qual não existe corpo nem vácuo, mesmo que ali houvesse Deus, pois não é atributo de Deus preencher o oco, nem por isso poderia, sendo incorpórea, delimitar o corpóreo, pois tudo o que termina ou é forma exterior ou é corpo continente, e de qualquer maneira que se afirme, seria menosprezar a dignidade da natureza divina e universal.

Búr. — Na realidade, acho que seria necessário dizer que, se uma pessoa estendesse a mão para fora daquele convexo, ela não estaria em um local nem em nenhum local, e por conseguinte não existiria.

Fil. — A isso se pode acrescentar que não há inteligência que não perceba que essa informação peripatética é um paradoxo implícito. Aristóteles definiu como lugar^s não um corpo continente, não um determinado espaço, mas uma superfície de um corpo continente, já que o primeiro, principal e máximo lugar é aquele ao qual menos convém (ou não convém) tal definição. Refiro-me à superfície convexa do primeiro móvel que é a superfície de um corpo, e de tal corpo que apenas contém, mas não é contido. Bem, para que essa superfície seja lugar, não é necessário que seja de um corpo contido, mas sim de um corpo continente. Se é superfície de corpo continente, mas não está junto e sim continuada no corpo contido, é um lugar sem lugar, satisfazendo que o primeiro céu só pode ser lugar pela sua superfície côncava, que toca a convexa do segundo. É por isso que aquela definição é mim, confusa e destruidora de si mesma, e a ela se chega pelo inconveniente de se querer que fora do céu esteja o nada.

Elp. — Os peripatéticos dirão que o primeiro céu é um corpo continente pela superfície côncava e não pela convexa, visto que ela é lugar.

Fra. — E a isso acrescento que se encontra, pois, superfície de corpo continente que não é lugar.

Fil. — Em resumo, indo diretamente ao ponto, acho que é ridículo dizer que fora do céu está o nada, que o céu está em si próprio, localizado ao acaso, e é lugar por acaso, *idest* com respeito às suas partes. E de qualquer forma que se interprete esse “acaso”, não se pode evitar que se faça dois de um, pois sempre algo é um continente e outro algo é o conteúdo, e tanto assim é que, para ele próprio, o continente é incorpóreo e o conteúdo é corpóreo, o continente é imóvel e o conteúdo é móvel, o continente é matemático e o conteúdo é físico. Portanto, seja o que for essa superfície, nunca pararei de perguntar: o que é que está além dela? Se for respondido que é o nada, então direi que o vácuo é um inane, e um determinado vácuo, um determinado inane que não possui limite ou qualquer termo posterior, mas tendo, porém, limite e fim do lado de cá. E muito mais difícil imaginar isso que pensar que o Universo é finito e imenso, pois não podemos evitar o vácuo se quisermos supor o Universo finito. Vamos verificar, então, ser possível esse tal espaço em que nada está. Nesse espaço infinito está este Universo (por acaso ou por necessidade, não importa). Pergunto se esse espaço, que contém o mundo, tem maior propriedade de conter um mundo do que outro espaço qualquer, que exista mais além.

Fra. — É claro que me parece que não, pois onde está o nada não há diferenças e onde não há diferenças não há propriedades diferentes, e talvez não exista propriedade alguma onde não existe coisa nenhuma.

Elp. — E também não há falta de propriedade. E das duas, de preferência aquela que essa.

Fil. — O senhor diz bem. Eu digo que, como o vácuo é oco (que advém dessa afirmação peripatética), não tem propriedade nenhuma para receber nem tampouco para repelir o mundo. Porém, dessas duas propriedades, uma é vista em ato e a outra não podemos ver, de fato, a não ser com os olhos do intelecto. Como nesse espaço, igual à grandiosidade do mundo (que os platônicos denominam matéria), está este mundo, dessa maneira um outro pode estar naquele espaço e em inúmeros outros além deste, semelhantes a este.

Fra. — Certamente que podemos julgar com mais seguridade segundo o que enxergamos e conhecemos do que de modo contrário ao que vemos e conhecemos. E assim, a nosso ver e com base em nossa experiência, o Universo não se acaba no vácuo e no vazio, e como disso não se sabe, por lógica deveríamos concluir que é assim, pois quando todas as razões estão

de acordo, vemos que a experiência é contrária ao vácuo e não ao pleno. Discutindo dessa maneira sempre seremos desculpados, mas falando de outra forma, não nos furtaremos de sermos acusados, o que é inconveniente. Por favor, Filóteo, continue.

Fil. — Portanto, do lado do espaço infinito, sabemos com segurança que há a propriedade de receber o corpo e apenas isso. De qualquer maneira, a mim basta considerar que não há repulsa em recebê-lo, ao menos por este motivo: onde está o nada, nada existe mais além que impeça e constitua limite. Agora nos resta verificar se é de se admitir que todo o espaço é pleno ou não. E nesse ponto, se considerarmos tanto o que este pode ser como o que pode fazer, sempre veremos que não é lógico, mas necessário, que seja pleno. E, para que isso fique evidente, pergunto se é bom que este mundo exista.

Elp. — Muito bom.

Fil. — Portanto, é bom que esse espaço, igual à dimensão do mundo (que eu chamo de vácuo, semelhante e indistinto do espaço que os senhores diriam ser o nada, para além da convexidade do primeiro céu), seja da mesma maneira pleno.

Elp. — E é.

Fil. — Além disso, quero saber: os senhores acreditam que, da mesma maneira que nesse espaço se encontra uma máquina chamada mundo, a mesma poderia estar em outro espaço desse oco?

Elp. — Diria que sim, apesar de não ver como no nada, no vácuo, possam ser estabelecidas diferenças.

Fra. — Tenho certeza de que vê, mas não ousa afirmar, pois já percebeu onde queremos chegar.

Elp. — Isso é seguro, pois é preciso falar e entender que este mundo está em um espaço, que não seria diferente do que está além do seu primeiro móvel, se o mundo não existisse.

Fra. — Prossiga, Filóteo.

Fil. — Portanto, da mesma maneira que este espaço pode, pôde e é perfeito pela continência desse corpo cósmico, como se diz, da mesma maneira todo o espaço pode e pôde ser perfeito.

Elp. — Concordo, mas pode existir e pode estar. E existe? Está?

Fil. — Eu o levarei, se estiver disposto a isso confessar com franqueza, a dizer que pode existir, que deve existir e que existe, pois como seria ruim que este espaço não fosse pleno, ou seja, que este mundo não

existisse, não seria menos se todo o espaço não fosse pleno, em decorrência da igualdade e, por conseguinte, o Universo seria de dimensão infinita e os mundos, inúmeros.

Elp. — E por que devem ser tantos e não apenas um?

Fil. — Porque, se é ruim que este mundo não exista ou que não seja pleno, não é igual em relação a este espaço ou a outro igual a este?

Elp. — Acho que é ruim em relação ao que está neste espaço, pois da mesma maneira poderia estar em outro igual a este.

Fil. — Podemos considerar que é o mesmo que isso, pois a bondade do ser corpóreo que existe neste espaço (ou em outro equivalente) é proporcional à própria bondade e perfeição que podem existir em tal espaço ou em semelhante a este, e não as que podem existir em outros e inúmeros espaços semelhantes a este. E também porque, se há razão para existir um bem finito, um perfeito terminado, há também razão para que exista um bem infinito, pois onde o bem finito existe por conveniência e razão, o infinito existe por absoluta necessidade.

Elp. — O bem infinito com certeza existe, mas é incorpóreo.

Fil. — Nesse ponto concordamos, em relação ao infinito incorpóreo. Mas há o que se oponha a que o bem seja um ser corpóreo infinito? Ou o que impede de nos levar a pensar que o infinito, implícito no simples e único princípio primeiro, explica-se nessa sua simulação infinita e ilimitada, capaz de conter inúmeros mundos, em vez de se expressar em estreitos limites que pareça impropriedade não achar que esse corpo, que se apresenta como grandioso e vasto em relação à divina presença, não seja senão um ponto, um nada?

Elp. — Como a grandiosidade de Deus de modo nenhum consiste na dimensão corpórea (desculpe-me dizer que o mundo nada acrescenta a ela), não devemos pensar que a grandiosidade de sua simulação consista na maior ou menor grandeza de dimensões.

Fil. — Disse-o muito bem, mas não respondeu ao ponto essencial de minha questão, pois eu não exijo o espaço infinito porque a natureza não possui espaço infinito pelo valor da dimensão e da massa corpórea, mas pelo valor das naturezas e espécies corpóreas, pois a excelência infinita é muito melhor em inúmeros indivíduos que em inúmeros finitos. Por essa razão, é preciso que seja infinita a simulação de um vulto divino inacessível, no qual, como partes infinitas, encontrem-se inúmeros mundos como são os outros. Da mesma forma, como diversos graus de

perfeição devem explicar a excelência divina incorpórea, de maneira corpórea devem existir inúmeros indivíduos, que são os grandes animais (um dos quais é esta terra, mãe generosa que nos pariu e alimenta-nos e que depois nada exigira), e para contê-los é necessário um espaço infinito. Assim também é bom que existam, e bem podem existir, inúmeros mundos semelhantes a este, da mesma forma que este tem podido existir, pode existir e é bom que exista.

Elp. — Diremos que esse mundo finito, com esses astros finitos, compreende a perfeição de tudo.

Fil. — Isso pode ser dito mas não provado, pois o mundo, que está nesse espaço finito, compreende a perfeição de todas as coisas finitas que estão no mesmo espaço, mas não das infinitas que podem existir em outros inúmeros espaços.

Fra. — Por favor, vamos parar por aqui e não façamos como os sofistas, que disputam para ter vitória e, enquanto a buscam, cobrem a si mesmos e aos outros, impedindo-os de ver a verdade. Acredito que não há ninguém tão teimoso e vil que, sobre a questão do espaço que pode infinitamente compreender e sobre a questão da bondade individual e número de mundos infinitos que podem ser compreendidos exatamente como esse único que conhecemos, queira negar de modo desleal que cada um deles tem razão para existir, pois o espaço infinito tem infinita potência e nela se ouve o ato infinito da existência, pelo que se julga deficiente o infinito eficiente, cuja potência não é vã. Por isso, Elpino, contente-se em escutar outras razões, se Filóteo as tiver.

Elp. — Na verdade, falar que o mundo é ilimitado, como o senhor diz do Universo, não causa inconveniente nenhum e até nos liberta de muitas angústias em que vivemos ao afirmar o contrário. Sei que, diversas vezes, como os aristotélicos, ocorre-nos de ter de dizer coisas que não possuem fundamento nenhum, da mesma maneira que, depois de termos negado o vácuo, tanto fora como dentro do Universo, pretendermos ainda responder à questão de onde está o Universo e afirmar que está em suas partes por ter medo de dizer que não está em lugar algum e dizer *nullibi, nusquam*. Porém, é evidente que isso nos força a dizer que as partes encontram-se em um lugar qualquer e o Universo não existe em lugar e espaço nenhum, o que, como se vê, não possui base racional, mas quer dizer uma fuga ágil para não confessar a verdade, admitindo o mundo e o Universo infinitos ou o espaço infinito, posições estas que levam à dupla confusão para quem as

sustenta. Então, eu afirmo que, se o todo é um corpo, e corpo esférico, por consequência figurado e limitado, é necessário que seja limitado no espaço infinito e temos de concordar que é realmente o vácuo, se quisermos dizer que aí está o nada; e se de fato existe o vácuo, deve poder conter mundos, assim como essa parte que contém esse mundo; se não existe, deve ser o pleno e consequentemente o Universo é infinito. E não é uma conclusão menos verdadeira afirmar-se que o mundo está *alicubi*, dizendo que fora dele está o nada e que aí está nas suas partes, do que se alguém afirmasse que Elpino está *alicubi*, pois a sua mão está em seu braço, os olhos em seu rosto, os pés nas pernas e a cabeça no torso. Mas, para se chegar a essa conclusão e não proceder como um sofista, insistindo na dificuldade aparente e desperdiçando o tempo com palavras, afirmo o que não posso negar: que no espaço infinito podem existir infinitos mundos semelhantes a este ou que esse Universo pode estender sua capacidade de compreensão a muitos corpos como esses, chamados astros e, ainda que a existência não se ajuste mais a um que a outro (sendo esses mundos semelhantes ou não), pois a existência de um não tem maior razão que a existência de outro, e também não a possui o ser de muitos que o ser de cada um, e a existência de infinitos que a de muitos. Portanto, como a extinção e o não ser deste mundo seriam um mal, assim não seria bom o não ser de outros inúmeros mundos.

Fra. — O senhor se explicou muito bem e mostrou entender bem os raciocínios não sendo sofista, pois aceita o que não pode ser negado.

Elp. — Porém, ainda gostaria de ouvir o que resta sobre as razões de princípio e causa eterna eficiente, se com esta se harmoniza um efeito infinito e se de fato existe tal efeito.

Fil. — Era exatamente o que faltava acrescentar, pois, depois de eu ter dito que o Universo deve ser infinito, pela capacidade e propriedade do espaço infinito e pela possibilidade e conveniência de existir inúmeros mundos como este, resta-me agora provar isso pelas circunstâncias do eficiente, que de tal modo deve ter produzido, ou melhor, produzem-no sempre assim e pelas nossas condições de interpretar. Podemos facilmente dar o argumento de que o espaço infinito é semelhante a esse que vemos do que argumentar que seja como não o vemos, ou, por exemplo, não por comparação ou proporção, ou por qualquer imaginação que finalmente não se destrua a si própria. Bem, para começar, por que queremos ou podemos pensar que a potência divina seja ociosa? Por que pretendemos afirmar que

a bondade divina, que pode se comunicar com coisas infinitas e difundir-se infinitamente, prefira ser escassa e reduzida, já que tudo o que é finito é nada em relação ao infinito? Por que querer que o centro da divindade, que infinitamente pode ser amplificada em uma esfera infinita (se assim se pode dizer), prefira ser estéril e comunicável, com um pai fecundo, gracioso e belo, e prefira comunicar-se de maneira reduzida, ou, melhor dizendo, não se comunicar a fazê-lo conforme a razão de seu ser e de sua gloriosa potência? Por que frustrar a capacidade infinita, negar a possibilidade dos mundos infinitos que podem existir, prejudicar a excelência da divina imagem que antes deveria brilhar em um espelho ilimitado, segundo a sua maneira de ser infinita e imensa? Por que afirmar algo que, se admitido, traz tantos inconvenientes e não favorece leis, religiões, crenças ou moral e destrói tantos princípios de Filosofia? E como se quer que Deus seja ilimitado em relação à potência, quanto à operação e ao efeito (que Nele são a mesma coisa) e como termo do convexo de uma esfera e não — se assim se pode afirmar — com termo sem termo, de coisa ilimitada? Termo, digo, sem termo, por ser a infinidade de um diferente da infinidade de outros, pois Deus é o infinito implícita e totalmente, enquanto o Universo é todo em tudo (se de qualquer maneira pode-se afirmar a totalidade na qual não existe parte ou fim), explícita e não totalmente. Portanto, um se mostra como termo e outro como terminado, não pela diferença que há entre finito e infinito, mas pela razão que um é finito e o outro tende à finitude, por existir um completo e total em tudo o que, apesar de ser de todo infinito, não é, porém, totalmente infinito, pois que isso se opõe à infinidade dimensional.

Elp. — Eu gostaria de entender isso melhor. Por esse motivo, peço que me esclareça mais sobre o todo e totalmente em tudo, e todo, em todo o infinito e totalmente infinito.

Fil. — Digo que o Universo é “todo infinito”, pois não possui limite, termo ou superfície, mas não afirmo que é “totalmente infinito”, pois cada parte que dele se pode tomar é finita, sendo também finito cada um dos inúmeros mundos que contém. Digo que Deus é “todo infinito” pois exclui de si qualquer termo, e cada um de seus atributos é uno e infinito, e digo que Deus é “totalmente infinito” porque está inteiramente em todo o mundo e em cada uma de suas partes, infinita e totalmente. Ao contrário da infinidade do Universo, que existe de maneira total no todo e não nas

partes (se se podem chamar “partes” referindo-se ao infinito) que nele podemos compreender.

Elp. — Estou entendendo. Continue, por favor.

Fil. — Portanto, por todas as razões pelas quais se diz ser conveniente, bom e necessário este mundo, considerado como finito, deve-se também afirmar serem convenientes e bons todos os outros inúmeros, aos quais, pela mesma razão, a onipotência concede a existência e sem os quais ela — por não querer ou por não poder — viria a ser criticada por deixar um vácuo ou, se não se quiser dizer vácuo, um espaço infinito. Por este, não só seria subtraída a infinita perfeição ao ser, mas também a infinita majestade atual ao eficiente, nas coisas feitas se são feitas, ou dependentes se são eternas. Que motivo nos convence de que um agente, podendo fazer um bom infinito, faça-o finito? E se o faz finito, por que devemos crer que o pode fazer infinito, sendo nele o fazer e o poder a mesma coisa? Por que, se é imutável, não há contingência nem na operação nem na eficácia, mas de certa eficácia depende determinado efeito e isso não pode ser outra coisa senão o que é, nem pode ser aquilo que não é e não ser senão aquilo que pode, não pode querer outra coisa senão aquilo que quer e não pode fazer outra coisa senão aquilo que faz, pois é próprio das coisas passageiras ter a potência diferente do ato.

Fra. — Por certo, não é sujeito de possibilidade ou potência o que nunca existiu, existe ou existirá e, na verdade, se o primeiro eficiente não pode querer senão o que já quer, também não pode fazer senão o que já faz. Não vejo, portanto, como alguns entendem o que se diz sobre potência ativa infinita a que não corresponda potência passiva infinita, pretendendo que Deus, que no infinito e imenso pode fazer diversos, faça apenas um e finito, tendo a sua ação a propriedade de necessidade, pois vem de sua vontade que, por ser imutável, a própria imutabilidade é a necessidade; logo, liberdade, vontade e necessidade são a mesma coisa, assim como o fazer, o querer, o poder e o ser.

Fil. — O senhor concorda e diz muito bem; portanto, é preciso dizer que ou o eficiente, podendo dele depender o efeito infinito, é reconhecido como causa e princípio de um Universo imenso, que contém muitos mundos, não advindo disso nenhum inconveniente, antes tudo a propósito e segundo a Ciência, as leis e a fé, ou, dependendo dele um Universo finito, com esses mundos (os astros) de quantidade limitada, seja a ele

atribuída uma potência ativa finita e limitada, como é finito e limitado o ato, pois proporcional ao ato é a vontade e a potência.

Fra. — Complementando, eu elaboro um par de silogismos: o primeiro eficiente, se desejasse fazer algo diferente do que quer fazer, poderia fazer coisa distinta da que faz, mas não pode querer fazer senão o que quer fazer; logo, não pode fazer senão o que faz. Portanto, quem disser sobre o efeito finito admite a operação e a potência finita. E também (que é semelhante), o primeiro eficiente não pode fazer senão o que quer fazer e não quer fazer senão o que faz; logo, não pode fazer senão o que faz. Por consequência, quem nega o efeito infinito nega a potência infinita.

Fil. — Esses silogismos, se não forem simples, são bem demonstrativos. E é louvável que alguns distintos teólogos não os admitam porque, considerando com justiça, sabem que os povos rudes e ignorantes vêm, com essa necessidade, não poder conceber como podem existir a eleição, a dignidade e os méritos da justiça e por isso, confiantes ou desesperados em relação ao destino, são capazes de grandes crimes. Como por vezes certos homens que corrompem as leis, as crenças e a religião por querer mostrar-se sábios, corrompem outros povos, ficando assim mais bárbaros e criminosos do que eram, especialistas em vícios e ardis, por causa das conclusões que tiram de tais premissas. Por essa razão, a afirmação contrária não é tão escandalosa para os sábios e traidora da grandiosidade e magnificência divina quanto a verdade é prejudicial à conversa contrária à finalidade das leis, não por ser a verdade, mas por ser mal compreendida, tanto pelos que a usam perniciosamente quanto pelos que a não podem compreender sem prejudicar os costumes.

Fra. — E certo. Nunca foi encontrado um filósofo, sábio ou homem de bem que, sob alguma desculpa, desejasse disso retirar a necessidade dos atos dos homens, acabando com o livre-arbítrio. Platão e Aristóteles, entre outros, pelo fato de verem em Deus a necessidade e imutabilidade, não desconsideraram a liberdade moral e a propriedade de pensar, pois sabem e podem entender como são compatíveis essa necessidade e essa liberdade. Entretanto, muitos dos reais padres e pastores de povos omitem essa conclusão ou então outra parecida, para não facilitar, para os criminosos e mistificadores, que são inimigos da civilização e do progresso, que concluem perigosamente, abusando da simplicidade e ignorância dos que entendem a verdade com dificuldade e possuem grande inclinação para o mal. Com facilidade nos perdoarão por utilizarmos tais proposições, que

são verdadeiras, de que queremos verificar a verdade da natureza, a magnificência de seu autor e não mostraremos à massa, mas somente aos sábios que podem chegar perto de compreender o que dizemos. Disso se conclui que os teólogos, que são sábios e religiosos, nunca prejudicaram a liberdade dos filósofos, que são verdadeiros, educados e esclarecidos e que sempre favoreceram as religiões, pois ambos sabem que a fé é requerida para educar os povos rudes, que devem ser governados, e demonstrações são requeridas para os iluminados, que sabem governar a si próprios e aos outros.

Elp. — Sobre esse argumento já se discorreu o suficiente. Volte novamente ao que conversávamos antes.

Fil. — Para chegarmos à conclusão daquilo que pretendemos, afirmo que, se no primeiro eficiente existe potência infinita, há também operação, e que dela depende o Universo de grandiosidade infinita e um número infinito de mundos.

Elp. — Isso é muito persuasivo e até mesmo pode conter a verdade. Entretanto, eu digo ser verdadeiro o que agora me parece verossímil se o senhor puder me esclarecer sobre um argumento muito importante exposto por Aristóteles, que por meio dele negava a potência divina intensiva, apesar de concedê-la extensivamente. O motivo pelo qual negava era que, sendo ato e potência a mesma coisa em Deus e podendo dessa maneira mover infinitamente, moveria de maneira infinita e com vigor infinito. E se isso é verdade, o céu seria movido em um instante, pois se o motor mais forte mexe mais rapidamente, o muito forte moverá muito mais rápido e o infinitamente forte moverá de maneira instantânea. O motivo dessa afirmativa é que Deus move de maneira regular e eterna o primeiro móvel, de acordo com a razão e a medida com a qual move. Pode-se ver, por isso, por qual motivo lhe é atribuída infinidade extensiva e intensiva, mas não infinidade absoluta. Disso quero concluir que, da mesma maneira como a sua potência infinitamente motriz é adquirida no ato do movimento, de acordo com velocidade finita, assim também a mesma potência que faz o imenso e os inúmeros é limitada por sua vontade ao finito e aos numeráveis. Alguns teólogos pretendem algo semelhante, pois, além de concederem a infinidade extensiva, que faz continuar sucessivamente o movimento do Universo, também solicitam a infinidade intensiva, com a qual se pode fazer inúmeros mundos, mover inúmeros mundos, movendo ao mesmo tempo em um instante cada um e todos eles; entretanto,

moderou dessa maneira com sua vontade a quantidade de todos os inúmeros mundos, como a qualidade do movimento muito intenso. Portanto, como esse movimento, apesar de vir de potência infinita, é conhecido como finito, facilmente pode-se acreditar determinado o número de corpos mundanos.

Fil. — Na realidade, esse argumento é mais persuasivo em aparência que qualquer outro e sua essência é mostrada o suficiente, indicando que se pretende que a vontade divina regula, modifica e limita a divina potência. Disso vêm inúmeros inconvenientes, de acordo com a Filosofia, não se considerando os princípios da Teologia que, ainda, não admitirão que a divina potência seja mais que a divina vontade ou bondade e, de forma geral, que um atributo se ajuste à divindade melhor que outro.

Elp. — Mas então por que falam assim, se não interpretam dessa maneira?

Fil. — Por não possuírem termos e resoluções eficientes.

Elp. — Mas então o senhor, que possui princípios pessoais pelos quais afirma a unidade, ou seja, que a potência divina é infinita intensiva e extensivamente e que o ato não é diferente da potência e que, por essa razão, o Universo é infinito e os mundos são muitos; e o senhor não nega o outro, que, com certeza, cada um dos astros ou céus, como quiser denominar, é movido no tempo e não no instante, mostre com que termos e com que resoluções põe a salvo sua certeza ou exclui as de outros que, concluindo, mostram o oposto do que o senhor acha.

Fil. — Para a solução do que se quer resolver deve-se antes considerar que, se o Universo é infinito e imóvel, não é necessário procurar seu motor. Depois, que sendo infinitos os mundos que estão nele, como as terras, os fogos e outros tipos de corpos denominados astros, todos se movem pelo princípio interno que é a própria alma, como em outra assertiva provamos. Por esse motivo, é perdoada a pesquisa de seu motor extrínseco. Em terceiro lugar, esses corpos movem-se na região etérea e não estão pendendo ou dependurados em algum corpo, assim como esta Terra, que, sendo um corpo, não está fixada em nenhum lugar, mas gira em torno do próprio centro e em volta do Sol, movida pelo instinto animal interno. Estabelecidas essas assertivas, segundo nossos princípios, não somos obrigados a mostrar o movimento ativo ou passivo de uma eficiência infinita, intensiva, pois o móvel e o motor são infinitos e a alma que se mexe e o corpo movido vão para um sujeito finito, ou seja, em cada

um dos ditos astros comuns. Isso é assim, pois o primeiro princípio não é o que move, mas é quieto e imóvel, proporcionando o movimento a infinitos e inúmeros mundos, grandes ou pequenos animais colocados na vasta imensidão do Universo, tendo cada um, de acordo com sua eficiência, a razão da mobilidade, mudança e outros incidentes.

Elp. —A sua proposição ideológica é bem forte, mas não derruba o alicerce das opiniões diferentes, que têm o famoso pressuposto de que o Ótimo Máximo move a tudo. O senhor diz que propicia o poder de mover a tudo o que se move e, no entanto, o movimento acontece de acordo com a eficiência do motor próximo. Na realidade, o que o senhor diz parece ser melhor que a opinião comum e mais lógico. Entretanto, pelo que o senhor costuma dizer sobre a alma do mundo e da essência divina que está em tudo, preenchendo tudo, e é mais intrínseca às coisas do que a sua própria essência, pois que é a essência das essências, vida das vidas e alma das almas, parece-me que podemos dizer que ele move tudo, assim como dá a tudo a possibilidade de se mover. Por isso, ainda há a dúvida já mostrada.

Fil. — Nisso posso convencê-lo com facilidade. Digo que nas coisas se pode contemplar, se assim se desejar, dois princípios ativos do movimento, um finito, segundo a razão do sujeito finito, que se move no tempo, e outro infinito, de acordo com a razão da alma do mundo, ou seja, da divindade, que é como a alma da lama que está em tudo e que faz com que a alma exista em tudo, e ele move-se no instante. Por isso, a Terra possui dois movimentos e todos os corpos que se movem possuem dois princípios de movimento, sendo o princípio infinito o que ao mesmo tempo move e moveu e por isso o corpo móvel não é menos estável que móvel. Como se pode ver na figura 1, que é uma alegoria da Terra, que é movida no instante, pois tem motor de eficiência infinita. Ela, movendo-se para o centro de *A* para *E* e indo de *E* para *A*, realiza isso em um instante, estando ao mesmo tempo em *A* e *E*, e em todos os lugares intermediários; por esse motivo, partiu e chegou ao mesmo tempo, ocorrendo sempre assim, o que resulta que está sempre estável. De forma idêntica, quanto ao movimento de volta ao centro, no qual *I* é o oriente, *V* o meio-dia e *K* é o ocidente e *O*, meia-noite.

Cada um desses pontos circula por causa do impulso infinito e cada um partiu e voltou ao mesmo tempo; por consequência, está sempre fixo, estando onde estava, de modo que, concluindo-se, esses corpos são movidos por eficiência infinita, da mesma maneira que não são movidos,

pois, em um instante, mover e não mover é a mesma coisa. Fica, então, o outro princípio ativo do movimento, que advém da eficiência intrínseca e, por consequência, existe no tempo em uma certa sucessão, e esse movimento é diferente da quietude. Assim, podemos dizer que Deus move o todo e devemos entender: Ele que dá a possibilidade de tudo o que se move mover-se.

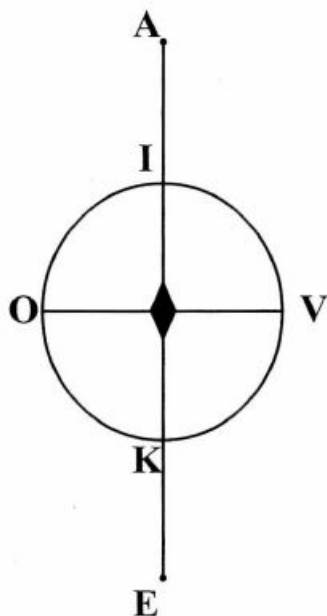


Fig. 1

Elp. — Agora que de forma tão eficaz o senhor tirou-me dessa dificuldade, eu me dou inteiramente ao seu juízo e espero no futuro receber sempre do senhor soluções como essa, pois, como até agora em poucas questões eu houvesse sido interrogado e experimentado, aprendi e percebi muitas coisas, e espero tirar disso mais vantagem, pois, apesar de não enxergar na totalidade o seu ânimo, vejo pelo raio que difunde que dentro há um sol ou uma grande fonte de luz. Deste dia em diante, querendo não superar sua capacidade, mas proporcionar oportunidades para as suas elucidações, novamente apresentarei minhas dúvidas e questões e, se o senhor se dignar, gostaria de encontrar-me neste mesmo local, nesta mesma hora, tantos dias quantos forem suficientes para ouvir e entender o bastante para acalmar meu espírito.

Fil. — Assim será feito.

Fra. — Será bem-vindo e todos seremos espectadores atentos.

Búr. — E eu, apesar de pouco compreender, se não entender os sentimentos ouvirei as palavras. E se não escutar as palavras, ouvirei a voz. Até breve!

Fim do Primeiro Diálogo

Segundo Diálogo

Fil. — Apesar de o primeiro princípio ser muito simples, se, de acordo com alguma característica fosse finito, seria finito segundo todas as outras características, ou seja, se fosse finito segundo uma razão inerente e fosse infinito segundo outra, ter-se-ia de entender que nele houve composição. Assim, se ele é operador do Universo, logicamente é operador infinito, que comporta o efeito infinito e refiro-me a efeito porque tudo depende dele. Também, da mesma maneira que nossa imaginação pode proceder de modo infinito, levando sempre uma grandeza dimensional para além da outra e um número depois do outro, de acordo com determinada sucessão e em potência igual deve-se admitir que Deus compreende em ato a dimensão infinita e o número infinito. Disso deriva que a possibilidade, conveniência e oportunidade de ser assim, como a potência ativa é infinita, o sujeito dessa potência é, conseqüentemente, infinito, pois, como mostramos em outras oportunidades, o poder fazer abrange o poder ser feito; o “dimensionador” abrange o “dimensionável” e o “dimensionante” abrange o “dimensionado.”⁶ Além disso, como são encontrados corpos dimensionados finitos, o intelecto primeiro compreende o corpo e a dimensão. Se o compreende, não o compreende menos como infinito; se o compreende como infinito, e o corpo deve assim ser compreendido, de maneira necessária existe tal espécie inteligível, que, por ser feita por tal intelecto, que é divino, é muito real, e tão real que o seu ser é mais necessário que o que está atualmente diante dos nossos olhos sensíveis. Portanto, se for bem considerado, ocorre que, como há um indivíduo realmente muito simples, também existe um muito amplo dimensionável infinito, que está nele e em que ele está, pela maneira como está em tudo e tudo está nele. Além disso, se pela qualidade do corpo temos que este tem potência para aumentar indefinidamente, como o fogo que se amplifica infinitamente quando dele se aproximam matéria e alimento, qual é a razão que pretende que o fogo, que pode ser infinito, e por conseguinte feito infinito, não pode, em ato, encontrar-se infinito? Não sei, na realidade, como se pode imaginar que exista na matéria algo em potência passiva que não esteja em potência ativa no eficiente, e por conseguinte em ato, antes que seja o próprio ato. Dizer que o infinito existe em

potência e em certa sucessão em ato implica que a potência ativa pode realizá-lo em ato sucessivo e não em ato concluído, pois o infinito não pode ser terminado; também disso vem ainda que a causa primeira não possuiria potência ativa simples, absoluta e única, e sim uma potência ativa a que corresponderia a possibilidade infinita sucessiva, e outra a que corresponderia a possibilidade indistinta do ato. Acho que, sendo o mundo limitado e não existindo meios de se imaginar como uma coisa corpórea cabe em uma coisa incorpórea, esse mundo teria potencialmente a propriedade de dissipar-se e anular, pois, pelo que sabemos, todos os corpos são solúveis. Nem haveria razão para não considerar que por vezes o vácuo infinito, mesmo não podendo ser entendido como possuidor de potência ativa, pode absorver esse mundo como um nada. Digo que o lugar, espaço e vácuo têm semelhança com a matéria, se não são mesmo a própria matéria, como por vezes parecem pretender, e talvez não sem razão, Platão e todos os que definem o lugar como um determinado espaço. Se a matéria tem sua potência, que não deve ser inútil, pois é da natureza e vem da natureza originária, é preciso que o lugar, o espaço e o vácuo tenham tal potência.

Como já foi dito, nenhum dos que afirmaram que o mundo é finito soube, depois de dita a palavra, descrever como ele é e, além disso, muitos dos que negam o vácuo e o vazio com proposições e palavras depois o admitem, necessariamente, na prática. Se for vazio e vácuo, é certamente capaz de receber, e de nenhum modo isso pode ser negado, visto que, pela mesma razão pela qual se julga impossível que no espaço em que esse mundo está ache-se ao mesmo tempo contido outro mundo, deve-se afirmar que é possível ser contido no espaço fora desse mundo, ou no nada, se assim Aristóteles pretende descrever o que não quer chamar de vácuo. Se ele afirma não poder haver ao mesmo tempo dois corpos, por não ser possível a coexistência das dimensões dos dois corpos, vem, desse raciocínio, que onde não estão as dimensões de um, podem estar as dimensões do outro. Se existe essa propriedade, o espaço é, de certa maneira, matéria, e se é matéria possui potência, e se possui potência, por que lhe negar o ato?

Elp — Muito bom. Porém, por gentileza, faça de outra maneira. Faça-me compreender qual a diferença entre o mundo e o Universo.

Fil. — A diferença é muito difundida fora da escola aristotélica. Os estoicos discriminam mundo e Universo porque o mundo é tudo o que é

pleno e feito de matéria sólida. O Universo é não apenas o mundo, mas também o vácuo, o vazio e o espaço fora dele e por isso dizem que o mundo é finito, mas o Universo é infinito. Epicuro denomina da mesma maneira o todo e o Universo, uma mistura de corpos e vácuo e diz que nisso está a natureza do mundo, que é infinito na capacidade do vazio e do vácuo e também na infinidade de corpos que nele existem. Nós não denominamos vácuo ao que é simplesmente o nada, mas a tudo o que não seja corpo que resiste de maneira sensível, sempre que possua dimensão, já que, de modo geral, não se imagina um corpo e uma coisa senão com a capacidade de resistir e por isso dizem que um infinito, ou seja, uma região etérea imensa, na qual existem inúmeros e infinitos corpos como a Terra, a Lua e o Sol, e que nós denominamos de mundos compostos de pleno e vácuo, porque esse espírito, esse ar, esse éter não está somente em torno desses corpos, mas também penetra seus interiores e está inerente a todas as coisas. Dizemos ainda que o vácuo, pela mesma razão que nos faria afirmar, respondendo à questão sobre onde estão o éter infinito e os mundos, que estão em um espaço infinito, em certo local em que tudo existe e é compreendido, nem se poderia compreender como existente em outro lugar.

Nesse ponto, Aristóteles, admitindo confusamente o vácuo por esses dois significados e um terceiro que pensou e não sabe designar ou definir, vai debatendo-se para se libertar do vácuo, e pensa destruir completamente, com os mesmos argumentos, todas as opiniões sobre ele. Entretanto, não toca nelas mais que alguém que, por ter ocultado o nome de alguma coisa, julgasse ter omitido a coisa, pois destrói o vácuo, e se por acaso o destrói, por uma razão que talvez não fosse mostrada por ninguém, pois os antigos, e mesmo nós, concebemos o vácuo como aquele no qual pode existir o corpo e que pode conter qualquer coisa e no qual estão os átomos e os corpos e somente ele define o vácuo como o nada, em que nada está e nada pode estar. Por isso, admitindo o vácuo de acordo com um nome e significado que ninguém lhe deu, fez castelos no ar e destruiu seu vácuo e não aquele de todos os outros que falaram sobre vácuo e se serviram desse nome. Esse sofista age sempre dessa maneira em relação a outros assuntos, como movimento, infinito, matéria, forma, demonstração, ente, construindo sempre sobre a fé da sua própria definição e nome, considerado sob outro significado, de modo que qualquer um que não seja totalmente sem juízo pode com facilidade perceber o quanto esse homem é

superficial quando considera a Natureza das coisas e o quanto é apegado às suas próprias hipóteses, nem admitidas nem dignas de ser admitidas, ainda mais vazias em sua Filosofia Natural do que se pode imaginar na Matemática. E se vê que se vangloriou e regozijou tanto com essa superficialidade que, sobre sua consideração das coisas naturais, quis tanto ser julgado como articulador lógico, ou como se quiser chamar, que, a despeito de impropriedades, chama de *físicos* os que têm sido mais solícitos sobre a natureza, realidade e verdade. Bem, para retomar ao assunto, considerando que seu livro *Do Vácuo* não diz, direta nem indiretamente, as coisas que podem com dignidade atacar nossa opinião, vamos deixá-lo assim, remetendo-o para uma oportunidade melhor. Por isso, Elpino, se quiser, alinhe e ordene as razões por que nossos opositores não admitem o corpo infinito e depois as outras, pelas quais não conseguem compreender a existência de inúmeros mundos.

Elp. — Farei isso. Apontarei por ordem as frases de Aristóteles e o senhor dirá o que lhe ocorrer sobre elas. “Deve-se considerar, ele diz, se se encontra corpo infinito, como dizem alguns antigos filósofos, ou se isso não é possível; a seguir, observar se existe um ou muitos mundos. A solução dessas questões é muito importante, pois uma e outra parte da contradição são de grande valor, porque constituem princípio de dois tipos de filosofia muito diferentes e contrários; vê-se, por exemplo, que o primeiro erro dos que admitiram as partes individuais fechou de tal modo o caminho que eles erram em grande parte da Matemática. Mostramos, então, um argumento de grande importância para as dificuldades passadas, presentes e futuras, pois, mesmo sendo pequena a transgressão que se faz no princípio, vem a ser dez mil vezes maior com a continuidade, assim como o erro que se comete no início de qualquer caminho, e que tanto mais vai crescendo quanto mais se avança, ficando longe do princípio de modo que acaba por se chegar a um termo contrário do proposto. E a razão disso é que os princípios são diminutos em grandeza e enormes em eficácia, e essa é a razão da determinação dessa dúvida

Fil. — Tudo o que ele diz é fundamental e tão digno de ser dito pelos outros como por ele, pois, assim como ele acredita que o mau entendimento desse princípio levou seus adversários a grandes erros, por outro lado nós acreditamos e vemos claramente que, pelo princípio contrário a esse, ele perverteu toda a consideração natural.

Elp. — Ele acrescenta: “É preciso ver se é possível que exista um corpo simples de grandeza infinita, o que, primeiramente, deve-se demonstrar como impossível no primeiro corpo, que se move em círculo, depois nos outros, porque sendo cada corpo simples ou composto, o que é composto segue a disposição do que é simples. Se, portanto, os corpos simples não são infinitos, nem em número nem em grandeza, então não poderá existir tal corpo composto

Fil. — Promete bem, pois se ele provar que o corpo chamado continente e primeiro é continente, primeiro e finito, será também supérfluo e inútil provar, depois, sobre os corpos contidos.

Elp. — A seguir, prova que o corpo redondo não é infinito. “Se o corpo redondo é infinito, as linhas que partem do centro serão infinitas e a distância de um raio a outro (os quais, quanto mais distantes do centro, mais distância adquirem) será infinita, pois, pela soma das linhas de acordo com a longitude, é preciso que resulte a maior distância; por isso, se as linhas são infinitas, a distância será também infinita. Bem, é impossível que o móvel possa percorrer uma distância infinita: e no movimento circular, é preciso que uma linha de raio do móvel venha ao lugar de um e outro raio.”

Fil. — Essa razão é satisfatória, mas não diz respeito ao conceito dos adversários, pois nunca se encontrou ninguém tão grosseiro e de maquinação tão mesquinha que tenha admitido o mundo infinito e de grandeza infinita, fazendo-a móvel. Ele mesmo mostra ter esquecido a que se refere sua *Física*, que, aqueles que admitiram um ser e um princípio infinito, consideraram-no também imóvel, nem ele, ou outro por ele, poderá alguma vez falar sobre um filósofo ou homem comum que tenha afirmado ser a grandeza infinita móvel. Mas ele, sendo um sofista, rouba parte da sua conclusão da argumentação de seu adversário, supondo o próprio princípio de que o Universo é móvel e que é de configuração esférica. Veja se, entre os motivos que esse mendigo apresentou, encontramos um que argumente contra a ideia dos que dizem existir um continente infinito, imóvel, infigurado, muito espaçoso e de inúmeros móveis, que são os mundos aos quais alguns denominam astros e outros, esferas; veja se nessas e em outras razões ele mostra premissas admitidas por alguém.

Elp. — Por certo, todas as seis afirmações são fundamentadas sobre o pressuposto de que o adversário afirme que o Universo é infinito e admita

que esse infinito seja móvel, o que, na realidade, é uma estupidez, uma irracionalidade, se é que não queremos fazer concorrer em uma identidade, o movimento e a quietude infinita, como ontem o senhor provou a propósito dos mundos particulares.

Fil. — Não desejo falar isso sobre o Universo, ao qual por nenhuma razão deve ser atribuído o movimento, que não pode nem deve se ajustar nem se deve exigir ao infinito e nunca, como se disse, encontrou-se alguém que imaginasse isso. Mas esse filósofo constrói castelos no ar, como se não tivesse terreno em que se fundamentar.

Elp. — Eu gostaria, realmente, de um argumento que combatesse o que o senhor diz, porque as outras cinco razões que esse filósofo apresenta percorrem os mesmos caminhos inúteis, com os mesmos pés. Por esse motivo, acho irrelevante expô-las e, depois de ter apresentado as que se referem ao movimento circular do mundo, continua mostrando as que se baseiam no movimento reto e diz também “ser impossível que qualquer coisa seja móvel de movimento infinito em direção do centro para baixo e ainda do meio para cima”, e prova, antes de tudo, como os movimentos de tais corpos, em relação aos corpos extremos e aos intermediários. “O movimento para cima e o movimento para baixo”, ele diz, “são opostos e o lugar de um é oposto ao lugar do outro. Também, se um dos opostos é limitado, é necessário que o outros também o sejam e, assim como eles, o intermediário, que participa da limitação de ambos, pois não de qualquer ponto, mas de determinada parte, é preciso que saia aquele que deve passar para além do meio, pois há um termo certo em que iniciam e outro em que acabam os limites do meio. Sendo, portanto, determinado o meio, é preciso que sejam limitados os extremos; se os extremos são limitados, é preciso que o meio seja definido e correto, e se os lugares são limitados, é preciso que o sejam também os corpos aí colocados, pois de outra maneira o movimento será infinito. Em relação à gravidade e leveza, o corpo que vai para cima pode chegar a ficar nesse lugar, porque nenhuma tendência natural é inútil. Portanto, não havendo espaço no mundo infinito, não há lugar nem corpo infinito. Quanto ao peso, também não há grave ou leve infinitos, e portanto não existe corpo infinito; da mesma maneira que é necessário, se o corpo pesado é infinito, que sua gravidade seja infinita, e a isso não se pode fugir, pois, caso se quisesse dizer que o corpo infinito possui gravidade infinita, decorreriam três inconvenientes: primeiro, que seriam a mesma coisa a gravidade e a leveza do corpo finito e infinito,

pois ao corpo finito grave, contanto que seja excedido pelo corpo infinito, eu farei tantas subtrações e adições até conseguir a mesma quantidade de leveza e gravidade. Segundo, que a gravidade da grandeza finita poderia ser maior que a da infinita, pois pelo motivo que pode ser igual a ela, pode ainda ser superior, se acrescentar o quanto se quiser ao corpo pesado ou subtrair deste ou acrescentar algo ao corpo leve. Em terceiro, que seriam iguais a gravidade da grandeza finita e da infinita e, como a gravidade em relação à gravidade tem a mesma proporção que a velocidade em relação à velocidade, resultaria que as mesmas velocidade e lentidão poderiam se encontrar em um corpo finito ou infinito. Quarto, que a velocidade do corpo finito poderia ser maior que a do infinito. Quinto, que poderia ser igual ou ainda, como o pesado excede o leve, assim a velocidade excede a velocidade; havendo gravidade infinita será necessário que, em qualquer local, mova-se em menos tempo que a gravidade finita ou então não se mova, pois a velocidade e a lentidão resultam da grandeza do corpo. Portanto, não existindo proporção entre o finito e o infinito, será finalmente preciso que o grave infinito não se mova, pois, caso se mova, não se moverá tão rapidamente que não haja gravidade finita que no mesmo tempo e pelo mesmo espaço avance com a mesma velocidade”.

Fil. — Não é possível achar outro que, sob título de filósofo, pensasse em hipóteses mais inúteis, e arquitetasse posições tão absurdas e paradoxais, para dar lugar a tanta leviandade vista nos seus raciocínios. Bem, em relação ao que disse sobre os lugares próprios dos corpos e do limite de cima, embaixo e entre, quero saber contra que posição ele argumenta, pois todos os que confirmam o corpo e a grandeza infinita não consideram nela meios nem extremos. Quem afirma o vazio, o vácuo, o éter infinito não lhe confere gravidade ou leveza nem movimento ou região superior e inferior, nem mesmo média e, colocando nesse espaço infinitos corpos como esta Terra, aquela e a outra terra, este Sol, aquele e outro ainda, todos fazem os seus trajetos dentro desse espaço infinito, por espaços finitos e limitados, ou então em volta de seus eixos. Assim, nós que estamos na Terra dizemos que ela está no meio e todos os filósofos antigos e modernos, sejam de que corrente forem, dirão também que ela está no meio, sem deixarem de lado seus princípios. Como dizemos à vista do maior horizonte dessa região etérea, que está ao nosso redor, limitada por um círculo equidistante em relação ao qual nós estamos no centro. Como os que estão na Lua acreditam ter à sua volta esta Terra, o Sol e

todas as outras estrelas que estão em tomo do centro e do termo dos raios do próprio horizonte, assim a Terra não é mais centro do que qualquer outro corpo comum, e certos e determinados polos não são mais, em relação à Terra, do que a Terra é um certo e determinado polo em relação a qualquer outro ponto do éter, o espaço comum, e da mesma forma ocorre com relação a todos os outros corpos que, por visões diferentes, são ao mesmo tempo centros, pontos de circunferência, polos, zênites e outras coisas. Portanto, a Terra não está, de nenhuma maneira, no meio do Universo, mas só em relação a essa nossa região. Assim, esse discutidor age por petição de princípio e pressuposição do que deve provar, ou seja, toma por princípio o equivalente ao oposto da posição contrária, pressupondo o meio, o extremo, contra os que, afirmando que o mundo é infinito, necessariamente negam ao mesmo tempo o meio e os extremos e, por conseguinte, o movimento para cima, para baixo ou mínimo. Os antigos viram e nós ainda vemos que algo vem para a Terra, onde estamos, e algo parece sair da Terra ou do lugar onde estamos. De acordo com isso, se dissermos ou quisermos dizer que o movimento de tais coisas é para cima e para baixo, entende-se em certa região e sob determinados ponto de vista, de modo que, se qualquer coisa afasta-se de nós, indo para a Lua, assim como nós dizemos que ela sobe, os que estão na Lua e são nossos anticéfalos⁸ dirão que ela desce. Portanto, os movimentos que existem no Universo não são diferentes em relação à posição sob, sobre, aqui ou lá, com respeito ao Universo infinito, mas sim aos mundos finitos que nele existem, quer vistos segundo sua imensidão de inúmeros horizontes comuns, quer de acordo com o número dos diversos astros; então, a mesma coisa, segundo o mesmo movimento e em relação aos diversos lugares, ainda se diz andar para cima ou para baixo. Portanto, os corpos limitados não possuem movimento infinito, mas finito e limitado, em relação aos seus próprios limites. Mas no ilimitado e infinito não há movimento finito nem infinito, e não há diferença em relação a lugar ou tempo.

Em relação ao argumento sobre a gravidade e a leveza, digo que é um dos mais belos frutos que poderia produzir a árvore da ignorância, pois a gravidade, como mostraremos quando a considerarmos, não está em nenhum corpo inteiro e naturalmente colocado, não havendo, portanto, diferenças que devam discriminar a natureza dos lugares e a razão do movimento. Além disso, mostraremos que é a mesma coisa, grave e leve,

segundo o mesmo impulso e movimento em relação a diversos meios, como também em relação a diversos meios diz-se estar o mesmo objeto sobre, ou sob, mover-se para cima ou para baixo. Digo isso em relação aos corpos particulares e mundos particulares, dos quais nenhum é grave ou leve e cujas partes, afastando-se e destacando-se, denominam-se leves e, voltando, denominam-se graves; como as partículas da Terra ou das coisas terrestres dizem-se subir, em relação à circunferência do éter, e descer, em relação ao seu todo, mas quanto ao Universo, e corpo infinito, por certo alguma vez encontrou-se quem dissesse grave ou leve? Ou então quem pusesse tais princípios ou delirasse de tal modo que pudesse levar-nos à conclusão de que o infinito é grave ou leve, ou que deva subir, nos elevar ou apoiar-se? Nós provaremos como nenhum dos infinitos corpos que existem é grave ou leve, pois esses atributos pertencem às partes, já que tendem para o seu todo e lugar de conservação, e não se referem ao Universo, mas aos próprios mundos continentes e inteiros; como na Terra, as partes do fogo, desejando libertarem-se e subirem ao Sol, levam sempre com elas alguma porção de terra e de água, às quais estão juntas e que, sendo multiplicadas em cima ou no alto, com impulso próprio e perfeitamente natural voltam ao seu lugar. Disso mais verdadeiramente se conclui que não é possível que os grandes corpos sejam graves ou leves, sendo o Universo infinito, e não há, portanto, motivo de afastamento ou aproximação da circunferência ou do centro e por decorrência a Terra não é mais grave no seu lugar do que o Sol no seu, Saturno no dele e a Estrela Polar no dela.

Poderemos, ainda, dizer que, como são as partes da Terra que voltam à Terra, pela própria gravidade, assim designamos o impulso das partes para o todo e do que está longe para o próprio lugar, tais são as partes dos outros corpos, como podem ser infinitas outras terras, infinitos outros sóis ou fogos, em semelhante condição ou de semelhante natureza. Todos se movem dos lugares de sua circunferência para o próprio continente, como para o centro. Daí deriva que haveriam infinitos corpos graves, segundo o seu número, mas não decorre, porém, que existe gravidade infinita, como em um sujeito, e intensivamente, mas como em diversos sujeitos, e extensivamente. E isso que decorre da nossa opinião e da de todos os antigos, e contra isso não possui argumento aquele nosso adversário. O que ele disse sobre a impossibilidade do infinito grave é tão claro e verdadeiro que é uma vergonha dizê-lo e de nenhum modo ajuda para

afirmar a própria filosofia, destruindo a dos outros, mas são todos argumentos e palavras jogadas ao vento.

Elp. — A leviandade dele, por tudo isso, é mais que clara, de modo que toda a arte da persuasão não bastaria para desculpá-la. Agora, então, ouça as razões que ele acrescenta para concluir universalmente que não existe corpo infinito. “Ora”, diz ele, *“sendo claro que não existe corpo infinito, para os que olham as coisas determinadas, resta olhar se isso é possível em geral, pois alguém poderia dizer que, assim como o mundo está colocado à nossa volta, não é impossível que existam mais céus. Mas antes de chegarmos a isso, discorramos sobre o infinito em geral. E, então, preciso que todo o corpo ou seja infinito, e todo de partes semelhantes, ou de partes dessemelhantes, constando estas de espécies finitas ou infinitas. Não há a possibilidade de que haja espécies infinitas se quisermos supor o que dissemos, ou seja, que há mais mundos semelhantes a este, porque como este mundo está colocado em nossa volta, assim estaria colocado à volta de outros, existindo outros céus, pois se os movimentos primários são limitados em torno do meio, é preciso que sejam limitados os movimentos secundários e, portanto, como já dissemos, sobre cinco espécies de corpos, sendo dois simplesmente graves ou leves, dois mediantemente graves ou leves e um nem grave nem leve, mas rápido em torno do centro, assim deve ser nos outros mundos. Não é, portanto, possível que conste de espécies infinitas, nem é possível também que conste de espécies finitas”*. E, antes de tudo, prova que não consta de espécies finitas diferentes por quatro razões, sendo a primeira que *“cada uma dessas partes infinitas é água ou fogo e, por conseguinte, coisa grave ou leve. Isso foi mostrado como sendo impossível, quando se viu que não há gravidade ou leveza infinitas*

Fil. — Já dissemos o suficiente quando respondemos a isso.

Elp. — Sei disso. Coloca a segunda razão, dizendo que *“é preciso que cada uma dessas espécies seja infinita e, por conseguinte, deve ser infinito o lugar de cada uma e disso resulta que será infinito o movimento de cada uma, o que é impossível. Não é possível que um corpo que desce deslize pelo infinito abaixo, o que é claro pelo que se vê em todos os movimentos e transmutações. Como na geração não se busca executar o que não pode ser executado, assim também no movimento espacial não se busca o lugar onde não se pode chegar, e o que pode estar no Egito é impossível que se*

dirija ao Egito, porque a natureza não age em vão. E impossível, portanto, que uma coisa se mova para um local onde não possa chegar

Fil. — Isso foi respondido o suficiente e dizemos que há terras infinitas, sóis infinitos e éter infinito ou, segundo dizem Demócrito e Epicuro, que existem o pleno e o vácuo infinitos, um dentro do outro, e que existem diferentes espécies finitas, umas compreendidas nas outras e umas ordenadas em relação às outras. Todas essas diferentes espécies devem ser vistas como concorrentes na formação de um Universo totalmente infinito, e também como infinitas partes do infinito, pois uma terra infinita vem em ato de infinitas terras parecidas a essa, não como uma entidade única contínua, mas como uma unidade formada por muitas daquelas. Raciocínio semelhante pode ser usado para outros tipos de corpos, que podem ser quatro, dois, três ou quantos forem (não defino agora); sendo elas como partes do infinito (se é que se pode falar assim), é preciso que sejam infinitas, de acordo com a massa que advém de tal quantidade. Portanto, não é preciso que o grave vá pelo infinito abaixo, mas como esse grave vai para o seu próximo e natural corpo, assim aquele vai para o seu e o outro para o dele. Esta terra possui as partes que são dela e a outra terra, as dela. Dessa maneira, o Sol tem as partes que vêm dele e procuram voltar para ele e assim também é para outros corpos, que buscam de forma natural suas partes. Por consequência, como os limites e distâncias entre os corpos são finitos, também são finitos os movimentos e, como ninguém vai da Grécia para o infinito, mas à Itália ou ao Egito, quando se move, parte da Terra ou do Sol não busca o infinito, mas um finito, ou seja, um limite. Entretanto, como o Universo é infinito e todos os seus corpos são modificáveis, todos, conseqüentemente, difundem parte deles mesmos e sempre em si mesmo se recolhem, mandam para fora algo que é deles e recebem algo que é de outrem. Não aparenta ser absurdo ou inconveniente isso, pelo contrário, parece ser natural e possível que essas mudanças finitas aconteçam para alguém e que as partículas da Terra andem pela região etérea e deslizem pelo espaço imenso, por vezes para um corpo, por vezes para outro, assim como ao nosso redor observamos as mesmas partículas mudarem de lugar, forma e disposição, mesmo ficando junto a nós. Também assim ocorre, se esta Terra é eterna e perpétua, não é pela consistência de suas partes e de seus indivíduos, mas pela vicissitude dos que difunde e dos que tomam o lugar dos primeiros, de forma a ficar com a mesma alma e inteligência e o corpo modificando-se sempre, renovando-

se pouco a pouco. Isso também é verificado para os animais que assim se mantêm, com os alimentos que absorvem e os dejetos que expelem. Se bem considerado, concluir-se-á que nos jovens não há a mesma carne que nos meninos e nos velhos não há a mesma de quando eram jovens, pois, estando em contínua mudança, permanentemente fluem em nós novos átomos e partem de nós os recolhidos outras vezes. Como ao redor do esperma, unindo-se átomos a átomos, pela virtude da alma e da inteligência geral (de acordo com a fábrica a que, como matéria, concorrem), o corpo cresce e forma-se, quando o influxo dos átomos é maior que o defluxo; posteriormente, o mesmo corpo tem determinada consistência quando o defluxo é igual ao influxo e cai quando o defluxo é maior que o influxo.

Não uso aqui os termos defluxo e afluxo no sentido absoluto, mas o defluxo do conveniente e nativo e o afluxo do alheio e inconveniente, que não pode ser vencido pelo defluxo, em razão de um princípio de debilidade que é tão contínuo no vital como no não vital. Por isso, para se chegar ao cerne da questão, digo que por essa vicissitude não é inconveniente, mas bem lógico, afirmar que as partes e os átomos têm um percurso e movimento infinito pelas infinitas vicissitudes e transformações, tanto de forma quanto de lugar. Seria inconveniente se, em relação ao limite estabelecido de mudança local ou de alteração, achássemos algo que tendesse para o infinito, o que não poderia ocorrer, já que nunca uma coisa é movida de um local que logo não esteja em outro, não é tirada de uma disposição sem ser colocada em outra nem deixa um ser sem ser absorvida por outro, o que resulta da mutação local, de modo que o sujeito próximo e formado não pode se mexer senão de maneira finita, pois com facilidade adquire outra forma e muda de lugar. O sujeito que primeiro estiver apto a receber forma se moverá infinitamente, de acordo com o espaço e número de configurações, enquanto as partes da matéria entram e saem deste para aquele e para outro lugar, parte e todo.

Elp. — Entendo isso muito bem. A isso acresce por terceira razão que se dissesse que o infinito é descontínuo e dividido em partes, devendo existir infinitos focos particulares e individuais, e sendo, então, cada um deles finito, ocorreria que o foco resultante de todos deveria ser infinito".

Fil. — Concordamos. E para concluir isso, ele não necessitava inutilizar o fato de que não há inconveniente nenhum, pois se o corpo vem separado ou dividido em partes diferentes entre si, uma com peso de cem, outra de

mil e outra de dez, resulta que o todo do corpo pesa 1.110. Só que ocorrerá isso com vários pesos diferentes, e não de acordo com um peso contínuo. Bem, nós e os antigos não achamos inconveniente que em partes diferentes esteja um peso infinito, porque delas, por lógica, totaliza um peso, ou pela Aritmética ou pela Geometria, que de maneira verdadeira e natural não faz um peso, como também não faz uma massa infinita, mas sim pesos e massas inúmeros e finitos, pois dizer, pensar e ser não são a mesma coisa, mas coisas muito diferentes, de onde se conclui que há um corpo infinito de uma espécie, mas uma espécie de corpo, em infinitos finitos; não há, portanto, um peso infinito, mas infinitos pesos finitos, de forma que essa infinidade não é com um todo contínuo, mas constituída de partes que existem em um infinito contínuo, que é o espaço, o lugar e a amplitude, capaz de conter todas as partes. Não é, portanto, inconveniente que hajam infinitos graves diferentes, que não compõem um grave, como infinitas águas não fazem uma água infinita, infinitas partes de terra não fazem uma terra infinita, de modo que existem em número infinitos corpos, que não compõem fisicamente um corpo de grandeza infinita. Isso é muito diferente, e de forma análoga pode ser visto na tração de um navio que pode ser arrastado por dez pessoas juntas, mas não conseguirá nunca ser puxado por milhares de pessoas separadamente, uma de cada vez.

Elp. — Com essas afirmações, o senhor resolveu mil vezes o que ele explica na quarta razão, que diz: “caso se considere o corpo como infinito, é preciso entendê-lo como infinito de acordo com todas as dimensões. Consequentemente, não pode em nenhuma parte existir coisa fora dele e por isso não é possível que em um corpo infinito existam vários corpos diferentes, sendo cada um deles infinito”.

Fil. — Isso tudo é verdadeiro e não se opõe ao que eu disse porque temos tantas vezes dito que existem em um infinito vários corpos diferentes finitos, e já explicamos como. Talvez seja como se alguém afirmasse que existem vários corpos contínuos juntos, observando, por exemplo, a lama na qual sempre e em todas as partes a água é contínua à água e a terra, à terra; portanto, pela participação insensível das mínimas partes de terra e das mínimas partes de água, que entram no conjunto, não se poderá dizer que são diferentes nem contínuas, mas sim um todo contínuo que não é água e não é terra, e sim lama.

Da mesma maneira, qualquer outra pessoa pode querer dizer que a água não é necessariamente contínua à água e a terra, à terra, mas a água pela

terra e a terra pela água; assim também pode vir um outro que, contrariando essas duas afirmações, diga ser a lama contínua à lama. E por isso pode o Universo infinito ser tomado por um todo contínuo, no qual o éter que está entre corpos imensos não os separa mais que a o ar entre as partes de água e de terra na lama, e a diferença é apenas a pequenez e inferioridade e a grandeza e superioridade das partes que estão no Universo; da mesma forma, os contrários e os diferentes móveis competem na constituição de um todo contínuo imóvel, no qual os contrários participam na constituição da unidade, pertencem a uma ordem e finalmente são uma unidade. Inconveniente e impossível seria, certamente, admitir dois infinitos, um diferente do outro, pois não existiria meios de se imaginar onde é o fim de um e o início do outro, de modo que os dois se limitem reciprocamente. Além disso, é muito difícil encontrar dois corpos finitos em um extremo e infinitos no outro extremo.

Elp. — Ele apresenta mais duas razões para provar que, dessa maneira, não existe o infinito: “a primeira é que seria necessário que fosse conveniente àquele um desses tipos de movimento local — gravidade, ou leveza infinita ou infinita circulação, e temos demonstrado como isso é impossível.

Fil. — Já mostrei quanto são inúteis esses discursos e razões, e que o infinito não se move no todo, e que não é grave ou leve, tanto ele como qualquer outro corpo, no seu estado natural, e também as partes separadas, quanto estão afastadas para além de certa distância, do próprio lugar. Por isso, o corpo infinito, em minha opinião, não é móvel nem em potência nem em ato, e é remota a possibilidade de haver gravidade ou leveza infinita, segundo os nossos princípios e os de outros, contra os quais se erguem tão lindos castelos!

Elp. — Por isso, a segunda razão também é inútil, pois em vão pergunta “*se o infinito se move natural ou violentamente*” a quem nunca disse que ele se movia, em potência ou em ato. Depois, prova que não há corpo infinito, depois de ter agido por razões deduzidas do movimento comum. Resumindo, diz que o corpo infinito não pode fazer uma ação em um corpo finito nem a receber daquele, e faz três proposições. A primeira é que “*o infinito não é influenciado pelo finito*”, pois todo movimento, e conseqüentemente toda paixão,⁹ existe no tempo; se é assim, poderá ocorrer que um corpo de grandeza menor tenha uma paixão proporcional a ela, mas, assim como o paciente finito é proporcional ao agente finito,

também o paciente infinito e o agente infinito. Isso pode ser visto se considerarmos A um corpo infinito, B um corpo finito e que todo o movimento que existe no tempo seja o tempo G, no qual A se move ou é movido. Consideremos um corpo de menor grandeza, B, e seja a linha D agente, cumprindo-se à volta de um outro corpo H, no mesmo tempo G. Disso se verifica que há proporção entre D, agente menor, e B, agente maior, assim como há proporção entre H, paciente finito, e A, parte finita, e seja ela AZ. Quando, pois, muda-se a proporção do primeiro agente ao terceiro paciente, como há proporção entre o segundo agente e o quarto paciente, ou seja, quando há proporção entre D e H, como há proporção entre B e Z, B será verdadeiramente, no mesmo tempo G, agente perfeito em coisa finita e coisa infinita, ou seja, em AZ, parte do infinito, e em A, infinito. Isso é impossível; portanto, o corpo infinito não pode ser agente nem paciente, pois dois pacientes iguais sofrem igualmente do mesmo agente, ao mesmo tempo; o paciente menor sofre do mesmo agente em tempo menor e o paciente maior, em tempo maior. Além disso, quando existem muitos agentes em tempos iguais e se faz a sua ação, virá a existir proporção entre agentes, como existe proporção entre pacientes. Também, todo agente atua sobre o paciente em tempo finito (aquele que conclui a sua ação e não aquele cujo movimento é contínuo, como só o movimento de translação pode ser), porque é impossível que exista ação finita em tempo infinito. Portanto, com isso, esclareço em primeiro lugar como o finito não pode exercer no infinito ação que tenha fim.

G — Tempo

A — Paciente Infinito

B — Agente Finito Maior

A (Parte do Infinito) Z

H — Paciente Finito

D — Agente Finito Menor

Segundo, demonstro da mesma maneira que “o *infinito não pode ser agente de coisa finita*”. Seja o agente infinito A e o paciente finito B e suponhamos que A, infinito, é agente em B, finito, no tempo G. Depois, seja o corpo finito D, agente na parte de B, ou seja, BZ, no mesmo tempo G. Com certeza haverá proporção entre o paciente BZ e todo o B paciente, como há proporção entre o agente D e o outro agente finito, H; mudando-se a proporção entre o D, agente, e BZ, paciente, assim como a proporção entre H agente e todo o B.

Consequentemente, B será movido por H, ao mesmo tempo em que BZ é movido por D, ou seja, no tempo G, em que B é movido pelo agente infinito A, o que é impossível. Essa impossibilidade deriva do que temos dito, ou seja, que se coisa infinita opera em tempo finito, é preciso que a ação não exista no tempo, porque entre o finito e o infinito não existe correspondência. Portanto, se dois agentes diversos exercem a mesma ação, no mesmo paciente, necessariamente a ação deles será realizada em dois tempos diferentes e haverá proporção entre tempos, como também entre agentes. Porém, se pusermos dois agentes, um infinito e outro finito, exercendo a mesma ação em um mesmo paciente, pode-se afirmar que, certamente, ou a ação do infinito acontece em um instante ou a ação do agente finito ocorre no tempo infinito. Ambos os casos, de qualquer forma, são impossíveis.

G — Tempo

A — Agente Infinito

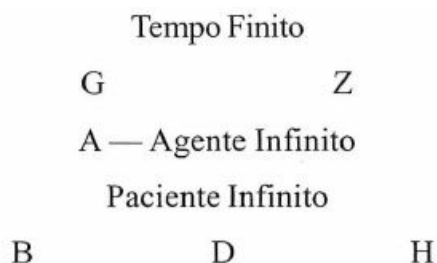
H — Agente Finito

B — Paciente Finito

D — Agente Finito

B — (parte do Paciente Finito) Z

Terceiro, diz-se que o “*corpo infinito não pode agir sobre o corpo infinito*”; pois, como se diz na auscultação física, é impossível que a ação ou a paixão fique incompleta. Por isso, ficando demonstrado que nunca a ação de um infinito sobre um infinito pode ser concluída, pode-se concluir que entre eles não pode existir ação. Tome-se dois infinitos e um seja B, que é paciente de A em tempo finito Q porque a ação finita é necessariamente em tempo finito. Suponhamos depois que a parte do paciente BD sofra a ação de A; claro que a paixão deste vem a ser em tempo menor que o tempo G, e seja essa a parte representada por Z. Haverá proporção entre o tempo Z e o tempo G, assim como há proporção entre BD, parte do paciente infinito, e a parte maior do infinito, ou seja, B, e seja essa parte representada por BDH, que é paciente de A, no tempo infinito G; no mesmo tempo, já foi paciente daquele todo o infinito B, o que é falso, já que é impossível existirem dois pacientes, um infinito e outro finito, que sofram o mesmo agente, pela mesma ação, ao mesmo tempo, sendo o eficiente finito ou, como tínhamos suposto, infinito.



Fil. — Acho que tudo o que Aristóteles diz está bem dito quando é bem aplicado e concluído a propósito; porém, como temos visto, nenhum filósofo falou de infinito suscitando tantos inconvenientes. Entretanto, não para responder ao que diz, já que não está em contradição conosco, mas só para contemplar a importância das suas frases, vejamos o seu modo de pensar. Em primeiro lugar, sua argumentação procede por fundamentos que não são naturais quando quer tomar essa ou aquela parte do infinito, já que o infinito não pode ter partes se não quisermos dizer que tal parte é infinita, sendo que implica uma contradição afirmar que no infinito existe parte maior e parte menor, ou seja, partes que possuem maior e menor proporção em relação àquela, pois não nos aproximamos mais do infinito contando de cem em cem do que de três em três, pois o número infinito consta tanto de infinitos três quanto de infinitos cem. A dimensão infinita não possui menos infinitos pés que infinitas milhas, e por isso, quando se quer significar as partes da dimensão infinita, não dizemos cem milhas ou mil parasangas,¹⁰ pois estas podem ser concebidas como partes do finito e, de fato, são apenas partes do finito em relação ao qual elas têm proporção, não devendo ser consideradas partes daquilo em relação ao qual não possuem proporção. Dessa maneira, mil anos não são parte da eternidade, pois não têm proporção com relação ao todo, mas são partes de alguma medida de tempo, como 10 mil anos ou 100 mil séculos.

Elp. — Então, faça-me entender quais o senhor julga que são as partes da duração infinita.

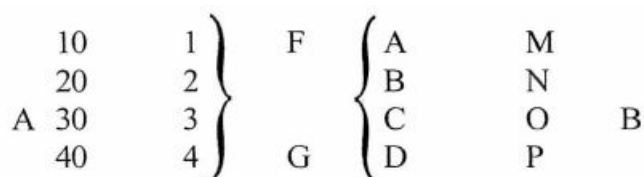
Fil. — As partes proporcionais da duração possuem proporção na duração e tempo, mas não na duração infinita e no tempo infinito, pois nele o tempo máximo, ou seja, a maior parte proporcional da duração é equivalente à mínima, sendo que os infinitos séculos não são mais que as infinitas horas, ou seja, na duração infinita, que é a eternidade, as horas não são mais que os séculos, de modo que tudo o que se afirmar como parte do infinito, pois é parte do infinito, é tão infinita na infinita duração

quanto na massa infinita. Por essa teoria pode-se perceber o quanto Aristóteles é limitado nas suas hipóteses, ao considerar as partes finitas do infinito, e como é a força das razões de alguns teólogos, quando querem inferir da eternidade do tempo o inconveniente de tantos infinitos, uns maiores que os outros, e quantas são as espécies de números. Por essa teoria, digo, há meios de sair de inúmeros labirintos.

Elp. — Principalmente dos que vêm agora, com relação aos passos infinitos e as infinitas milhas, que viriam à forma na imensidade do Universo um infinito menor e outro maior. Mas continue.

Fil. — Segundo, Aristóteles não demonstra as suas deduções, pois da premissa de que o Universo é infinito e que nele (não digo dele, pois uma coisa é referir-se a partes no infinito e outra é dizer partes do infinito) existem infinitas partes, tendo todas ações e paixões, e conseqüentemente, mudanças entre si, ele infere que ou o infinito exerce ação no finito ou sofre do finito ou que o infinito exerce ação no infinito, e este sofre e é transformado por aquele. Digo que essa conclusão não vale fisicamente, não obstante seja verdadeira pela lógica, já que, embora calculando pela razão encontremos infinitas partes que são ativas e infinitas que são passivas, sendo estas tomadas como um oposto e aquelas como outro oposto, na natureza — por essas partes estarem separadas e divididas por limites determinados, como vimos —, elas não os obrigam a afirmar que o infinito seja agente ou paciente, mas que inúmeras partes finitas têm ação e paixão no infinito. Admito não que o infinito seja móvel e mutável, mas que nele existam infinitos móveis e mutáveis e também não que o finito sofra do infinito nem que o infinito sofra do finito nem o infinito do infinito, de acordo com a infinidade física e natural, mas pela que vem de uma agregação lógica e racional, que soma todos os graves em um grave, mesmo que todos os graves não sejam um grave, pois sendo o infinito totalmente imóvel, imutável e incorruptível, nele podem haver, e há, movimentos e muitas e infinitas mudanças, perfeitas e completas. A isso se soma o que eu disse, que, dado que existem dois corpos que, sendo infinitos de um lado, terminem, do outro lado, um no outro, o que, contudo, não resultará no que Aristóteles pensa que resultará necessariamente, ou seja, que a ação e a paixão seriam infinitas, pois que, se desses dois corpos, um é agente do outro, não será agente de acordo com toda a sua dimensão e grandeza, pois não é vizinho, próximo, junto e contínuo ao outro, segundo toda ela e todas as suas partes. Vamos supor,

então, que existam dois corpos infinitos A e B, contíguos na linha de superfície FG; certamente, não atuarão um no outro com toda a sua eficiência, pois não estão próximos um do outro em toda a sua extensão, já que a contiguidade não pode existir senão em um certo limite determinado e finito. E ainda se acresce que, apesar de supormos que aquela superfície ou linha seja infinita, não se seguirá, por esse motivo, que os corpos contíguos nela causem um no outro ação e paixão infinitas, porque não são intensivas, mas extensas, como as partes são extensas. Disso deriva que em nenhuma parte o infinito age segundo toda a sua eficiência, mas de modo extensivo, parte por parte, diferente e separadamente.



Por exemplo, as partes de dois corpos opostos que podem ser alteradas estão próximas, como A e 1, B e 2, C e 3, D e 4 e assim sucessivamente, até o infinito. Nisso não se pode nunca verificar ação intensivamente infinita, pois as partes daqueles dois corpos não podem se alterar para além de determinada distância; por esse motivo, M e 10, N e 20, O e 30, P e 40 não têm possibilidade de se alterar. Assim, dois corpos infinitos colocados, não resultará ação infinita. Além disso, mesmo supondo que esses dois corpos infinitos podem intensivamente agir um no outro e referir-se um ao outro segundo toda a sua eficiência, não se concluirá disso qualquer efeito de ação ou paixão entre eles, pois o que repele e resiste é tão forte como o que impele e insiste. Por isso não há qualquer alteração. Assim, portanto, de dois infinitos contrários e opostos resulta mudança finita ou nada resulta, de fato.

Elp. — Bem, o que o senhor diria da hipótese de um corpo oposto finito e outro infinito, como se a Terra fosse um corpo frio, o céu fosse o fogo, e todos os astros, fogos, e o céu enorme e os astros inúmeros? O senhor julga que seria o que Aristóteles infere, ou seja, que o finito seria absorvido pelo infinito?

Fil. — Certamente que não, como se pode concluir do que eu disse, pois sendo a eficiência corpórea dilatada pela dimensão de corpo infinito, não seria eficiente contra o finito, com vigor e eficiência infinita, mas com o

que pode difundir das partes finitas e afastadas por certa distância, pois é impossível que aja de acordo com todas as partes, mas somente segundo as próximas. Como se vê na demonstração anterior, na qual supomos serem A e B dois corpos infinitos que não podem transformar-se um no outro, a não ser pelas partes que estão nas distâncias entre 10, 20, 30, 40 e M, N, O, P e, portanto, nada acontece para fazer maior ou mais forte a ação, apesar de o corpo B correr e crescer infinitamente e o corpo A permanecer finito. Assim, de dois contrários opostos advém sempre ação finita e alteração finita, tanto supondo um deles infinito e outro finito como supondo ambos infinitos.

Elp. — Estou muito satisfeito, e parece-me dispensável que se apresentem as outras razões grosseiras, com que pretende demonstrar que fora do céu não há corpo infinito, como aquela que afirma que: “todo corpo que está em um lugar é sensível, mas fora do céu não há corpo sensível e, portanto, aí não existe lugar”. Ou então: “todo corpo sensível está em um lugar, fora do céu não há lugar e, logo, aí não há corpo. Além disso, nem sequer existe fora, porque fora significa espécie de lugar sensível, diferente, não corpo espiritual e inteligível, pois alguém poderia dizer: se é sensível, é finito”.

Fil. — Eu acredito e compreendo que, além do limite imaginário do céu há uma região etérea e corpos comuns, astros, terras, sóis e todos totalmente sensíveis por si e para os que estão dentro ou perto, mesmo que não nos sejam sensíveis pela sua distância e afastamento. No entanto, considere que base ele tem, para que, pelo fato de não existirem corpos sensíveis além da circunferência imaginária, pretende que não haja corpo algum e por isso ele se negou a aceitar outro corpo, a não ser a oitava esfera, além da qual os astrólogos da época não admitiram a existência de outro céu. E por se referirem sempre ao movimento aparente do mundo em volta da Terra, a um primeiro móvel sobre todos os outros ficaram tais fundamentos que acrescentam esfera a esfera e tem encontrado outras sem estrelas e, conseqüentemente, sem corpos sensíveis. E se as fantasias e teses astrológicas acusam essa sentença, muito mais acusada é pelos que melhor entendem terem os corpos, que se dizem pertencentes ao oitavo céu, tanta diferença entre si, por estarem mais ou menos distantes da superfície da Terra, como os outros sete, pois a razão de sua equidistância depende só da falsa hipótese de a Terra ser fixa, contra o que grita toda a natureza, clama toda a razão e sentencia toda a inteligência reta e bem

informada. De qualquer forma, disse contra todas as razões que o Universo termina onde acaba a experiência de nossos sentidos, pois a sensibilidade é a causa de se supor que os corpos existem, mas a sua negação, que pode vir de uma potência sensível insuficiente, e não do objeto sensível, nem por leve hipótese é suficiente para que os corpos não existam, pois, se a verdade dependesse de tal sensibilidade, os corpos seriam de forma a parecer muito próximos e aderentes uns aos outros. Porém, nós achamos que determinada estrela, que parece menor no céu e se diz de quarta ou quinta grandeza, é muito maior do que outra que se classifica em segunda ou primeira grandeza e nesse julgamento engana-se o sentido, que não está habilitado a conhecer a razão da distância maior; e nós, que por isso havíamos conhecido o movimento da Terra, sabemos que aqueles mundos não possuem essa equidistância e não estão, por isso, colocados como que em um outro céu.

Elp. — O senhor quer dizer que estão como que colocados em uma mesma cúpula, coisa tão absurda que só as crianças podem imaginar, talvez por pensar que, se não estivessem pregados como uma boa cola ou pregados com potentíssimos pregos à lâmina ou tribuna celeste, cairiam em cima de nós, como o granizo. O senhor quer dizer que aquelas tantas outras terras e tantos outros espaçosos corpos possuem suas regiões e as suas distâncias no campo etéreo, como esta Terra que, como a sua revolução, produz essa aparência, ou seja, que todos, ao mesmo tempo, como se estivessem encadeados, girem à volta dela. O senhor quer dizer que não é preciso aceitar corpo espiritual fora da oitava ou nona esfera, mas que esse mesmo ar, como está em tomo da Terra, da Lua e do Sol e os contém, assim vai se ampliando no infinito para conter outros infinitos astros e grandes animais; esse ar vem a seu lugar comum e universal, um seio muito espaçoso que envolve o Universo infinito ao mesmo tempo em que esse espaço, que nos é sensível por tantas e muitas lâmpadas. O senhor acredita que não é o ar e esse corpo continente que se move de forma circular ou que arrasta os astros, como a Terra, a Lua e outros, mas que eles se movem nos seus espaços, por sua própria alma, com movimentos próprios que agem além do movimento do mundo, que se patenteiam pelo movimento da Terra e outros mais, que parecem comuns a todos os astros, como se estivessem pregados a um corpo móvel; essa aparência é causada pelos diferentes tipos de movimento desse astro, no qual estamos e cujo movimento é imperceptível para nós. Julga-se, conseqüentemente, que o ar

e as partes espalhadas pela região etérea não possuem movimento com exceção da redução e amplificação, necessária para o caminho desses corpos sólidos por meio do espaço, enquanto uns rodam em torno dos outros, pois é premente que esse corpo espiritual preencha tudo.

Fil. — É verdade. A isso somo, também, que esse infinito e imenso é um animal, apesar de não ter figura determinada e sentido que se refira a coisas externas, pois possui em si toda a alma, compreende todo o animado e é todo ele. Além disso, não vem disso inconveniente nenhum, como dos dois infinitos, pois sendo o mundo um corpo animado, possui em si infinita eficiência motriz, e é sujeito infinito da mobilidade, pelo modo como dissemos, nas suas partes, porque o todo contínuo é imóvel tanto no movimento circular, em torno do meio, quanto no movimento reto, que é parte do meio ou vai para o meio, e não possui nem meio nem extremos. Afirmamos, ainda, que o movimento de grave e de leve não só convém ao corpo infinito, mas também a corpos inteiros e perfeitos que nele existem, nem a parte de qualquer um destes, que esteja em seu lugar e goze de sua natural disposição. E digo novamente que é grave ou leve não só absoluta mas relativamente, ou seja, em relação ao lugar para o qual as partes espalhadas e dispersas se retiram e agregam. E é suficiente por hoje ter dito isso quanto à massa infinita do Universo. Amanhã eu o esperarei para o que quiser ouvir sobre os infinitos mundos que nele existem.

Elp. — Eu, apesar de por essa teoria julgar-me convencido da outra, voltarei, ainda, na esperança de ouvir outras coisas especiais e maravilhosas.

Fra. — E eu virei apenas para ouvir.

Búr. — E eu também; pouco a pouco e cada vez mais estou chegando perto do seu pensamento e assim pouco a pouco chegarei a achar possível, e talvez verdadeiro, o que o senhor diz.

Fim do Segundo Diálogo

Terceiro Diálogo

Fil. — O céu, o grande espaço, o seio, o continente universal, a região etérea onde tudo corre e move-se é uma só. Aí podem ser vistas de maneira sensível muitas estrelas, astros, globos, sóis e terras, e pode-se, com razão, inferir que são infinitos. O imenso Universo é infinito e é o composto resultante desse espaço e de tantos corpos que nele estão.

Elp. — É de tal maneira que não há esferas de superfície côncava e convexa nem céus móveis, e tudo é um campo, um receptáculo geral.

Fil. — Exatamente.

Elp. — Os diferentes movimentos dos astros é o que nos fez pensar que fossem muitos os céus, pois se enxergava um céu com muitas estrelas que girava em torno da Terra, sem que nenhuma delas ficasse mais longe das outras, mas ficando sempre à mesma distância relativa e ao mesmo tempo em uma ordem certa, voltando-se ao redor da Terra como uma roda em que estivessem grudados muitos espelhos e que rodasse em tomo do próprio eixo. É evidente, portanto, por causa do sentido da visão, que aqueles coipos luminosos não têm movimento próprio para se deslocarem no ar como aves, mas o da revolução dos céus em que estão fixos, feito pela energia divina de qualquer inteligência.

Fil. — Geralmente é nisso em que se acredita. Mas essa fantasia (quando se compreender o movimento deste mundo em que estamos, que sem estar fixo a qualquer esfera movimentava-se no amplo campo geral, por um princípio intrínseco, de natureza e alma próprias, girando em volta do Sol e girando em volta do próprio centro) será destruída e uma porta será aberta para o entendimento dos verdadeiros princípios das coisas naturais, e rapidamente poderemos andar nos caminhos da verdade que, oculta sob o véu de obscuras e imbecis fantasias, tem ficado escondida pela injúria do tempo e pelas vicissitudes das coisas, depois que o dia dos antigos sábios foi substituído pela noite dos temerários sofistas.

Não está parado, gira
O que no céu, e sob o céu se mira
Para cima ou para baixo, tudo se move
Em tempo longo ou breve,

Seja pesado ou leve
E tudo vai talvez, com o mesmo passo,
Para o mesmo lugar.
E tudo corre, corre até chegar.
Tanto remexe a água em ebulição,
Que uma mesma parte
Move-se para cima ou para baixo,
E a mesma agitação
A tudo impõe o mesmo fado dessa arte.

Elp. — Certamente, e disso não tenho dúvida, a quimera dos estrelíferos e flamíferos,¹¹ dos eixos, dos céus móveis, do trabalho dos epiciclos e de muitas outras fantasias não é causada por outro motivo a não ser pensar, como de fato parece, que esta Terra está no centro do Universo e que, solitária, parada e fixa, tudo se move ao seu redor.

Fil. — Para os que estão na Lua ou em outros astros no espaço, sendo terras ou sóis, o mesmo acontece.

Elp. — Se supusermos, então, que a Terra, com o seu movimento, provoca essa impressão do movimento diurno e do mundo, e com as várias aparências desse movimento causa todos os outros movimentos, que se ajustam, da mesma maneira, às outras estrelas, nós permaneceríamos achando que a Lua (que é outra terra) se move por si mesma no ar, ao redor do Sol. Também assim é com Vénus, Mercúrio e os outros astros, que também são outras terras e fazem seus trajetos ao redor do mesmo pai da vida.

Fil. — É assim.

Elp. — Além desse movimento do mundo há os movimentos próprios de cada um e característicos das denominadas estrelas fixas (com referência a um e outro em relação à Terra), e esses movimentos são mais em quantidade do que diferentes corpos, de modo que não é possível que dois astros se juntem em uma mesma ordem e medida de movimento, se for admitido movimento em todos os que não apresentam variação pela enorme distância que estão de nós. Apesar de eles fazerem suas voltas ao redor do Sol e girarem em torno dos próprios centros, pela participação do calor vital, as diferenças de sua aproximação ou de seu afastamento não podem ser notadas por nós.

Fil. — É assim.

Elp. — Há, portanto, muitos sóis e infinitas terras, que andam em torno daqueles sóis, como esses sete andam em torno desse nosso sol vizinho.

Fil. — É assim.

Elp. — Como é, então, que não enxergamos o movimento de outros lumes em torno de outros sóis, e também, naqueles em que enxergamos, não entendemos movimento nenhum, ficando sempre os corpos celestes (com exceção dos cometas) na mesma posição e distância?

Fil. — O motivo é que nós vemos os sóis que são maiores, enormes corpos, mas não enxergamos as terras, pois elas são corpos muito menores e parecem assim invisíveis. Não é descabido que existam também outras terras que se movam em torno desse sol e que não percebamos, ou por distância maior ou por menor grandeza, ou por não terem muita água na superfície, ou por não possuírem superfície com face para nós e oposta ao Sol, por meio da qual, como em um espelho, tomam-se visíveis. Disso, não é maravilha ou contrário à natureza que muitas vezes ouçamos que o Sol está eclipsado, sem que entre ele e nossa visão se interpusesse a Lua. Podem também, além dos visíveis, haver diversos lumes aquosos (ou seja, terras em que haja água), que andem ao redor do Sol, mas os diferentes momentos do seu giro não podemos perceber, pois estão muito distantes; portanto, nesse movimento muito lento que há nos mundos visíveis, sobre ou além de Saturno, não se notam variações de movimento nem ordem no movimento de todos ao redor do meio, que possamos considerar a Terra no meio, como o Sol.

Elp. — Como o senhor queria que todos pudessem participar do calor vital do Sol, se estão muito distantes desse astro?

Fil. — Porque quanto mais distantes estão, maior círculo fazem e maior é este, mais lentamente se movem ao redor do astro vital, e quanto mais lentos são, mais resistem aos quentes e afogueados raios solares.

Elp. — O senhor pretende, portanto, que os corpos, mesmo distantes do Sol, possam, mesmo assim, continuar a receber calor o suficiente, pois, girando mais velozmente em torno do próprio eixo e mais lentamente em torno do Sol, poderia não só receber calor, mas também mais, se preciso fosse, já que, pelo movimento mais veloz em torno do próprio centro, a mesma parte do convexo da Terra que não foi aquecida o suficiente mais depressa se restaura e pelo movimento mais lento em torno do Sol, por estar mais submetida à sua ação, venha a receber mais vigorosamente os raios flamejantes?

Fil. — E assim.

Elp. — O senhor diz, então, que os astros para lá de Saturno, se realmente são imóveis como aparentam, sejam os inúmeros sóis ou fogos a que somos mais ou menos sensíveis, ao redor dos quais giram terras próximas que não conseguimos perceber?

Fil. — Poder-se-ia dizer assim, satisfazendo que todas as terras merecem ter a mesma razão, assim como todos os sóis.

Elp. — O senhor acha, por isso, que todos aqueles sejam sóis?

Fil. — Não, pois não sei se todos, ou a maioria, são parados ou se alguns giram ao redor dos outros, porque não foi observado por ninguém e não é fácil de observar, como não se consegue com facilidade perceber o movimento e o progresso de algo que está distante, que a uma grande distância dificilmente se vê mudar de lugar, como ocorre quando observamos navios em alto mar. Seja o que for, sendo o Universo infinito, é necessário que haja mais sóis, pois é impossível que o calor e a luz de apenas um se espalhe pelo imenso, como Epicuro postulou, se é verdade isso que lhes atribuem. Portanto, é preciso, também, que haja inúmeros sóis, sendo muitos visíveis como pequenos corpos, mas, por vezes, um astro que nos parece diminuto pode ser muito maior do que outros que nos pareça imenso.

Elp. — Deve-se julgar tudo isso possível e conveniente.

Fil. — Ao redor deles podem girar terras como mais ou menos massa que a nossa.

Elp. — Como posso saber a diferença? Ou então, como discriminar os fogos das terras?

Fil. — Os fogos são fixos e as terras são móveis; os fogos cintilam e as terras não, e esse sinal é mais perceptível que o primeiro.

Elp. — Diz-se que a cintilação provém do seu afastamento de nós.

Fil. — Se isso fosse verdade, o Sol não cintilaria mais que os outros, e os astros menores, que estão mais distantes, cintilariam mais que os maiores, que estão mais perto.

Elp. — O senhor acha que os mundos ígneos também são habitados, como os aquosos?

Fil. — Nem mais nem menos.

Elp. — Mas que seres podem viver no fogo?

Fil. — Não julgues que eles são corpos feitos de partes semelhantes, pois não seriam mundos, e sim massas vazias e estéreis. Entretanto, é conveniente e natural que exista diferenças nas suas partes como nesta e em outras Terras há diferenças nos próprios membros, mesmo que estes sejam sensíveis como águas iluminadas e aqueles, como chamas luminosas.

Elp. — O senhor acha que, em relação à consistência e solidez, a matéria que está perto do Sol seja também a matéria perto da Terra? (Pois sei que não há dúvida quanto a ser uma a matéria primeira de tudo o que existe).

Fil. — Exatamente. Foi como entendeu Timeu, confirmou Platão e todos os verdadeiros filósofos souberam, mas poucos explicaram, não existindo nenhum em nosso tempo que tenha compreendido isso. Pelo contrário, de outros muitos modos a compreensão é dificultada, o que ocorreu por desgaste de hábito e defeito de princípios.

Elp. — Apesar de não haver atingido esse modo de ver, chegou perto dele a Douta Ignorância de Nicolau de Cusa, quando, mencionando as condições da Terra, disse o seguinte: “Não deveis julgar que, pela sua obscuridade e cor negra, possamos dizer que o corpo terreno seja vil e mais ignóbil do que os outros, pois, se habitássemos o Sol, não enxergaríamos a claridade que vemos nele, dessa região que é circunferencial a ele. Além disso, ao presente, se observarmos bem, veremos que há junto de seu centro quase uma Terra, ou então um corpo úmido e nebuloso, de onde, como em um círculo em torno, difunde-se a luz clara e brilhante. Então, tanto ele como a Terra são compostos dos mesmos elementos”.

Fil. — Até esse ponto descreveu muito bem; vá em frente e apresente o que ele diz em acréscimo a isso.

Elp. — Pelo que diz, entende-se que esta Terra é um outro Sol e que todos os astros também são igualmente sóis. Fala desta maneira: “Se alguém fosse além da região do fogo, veria parecer com esta Terra uma nítida estrela ao redor de sua região; assim também, por estarmos na circunferência da região do Sol, ele parece a nós muito luminoso e a Lua não aparenta assim, talvez porque estejamos em locais intermediários em relação à sua circunferência, ou, como ele disse, nas regiões centrais, ou seja, na área úmida e aquosa e, por isso, mesmo que tenha luz própria,

não nos parece nada disso, pois o que é visto na superfície aquosa advém do reflexo da luz solar”.

Fil. — Esse senhor sabe e viu muito um dos muito particulares engenhos que têm respirado esses ares; porém, em relação a chegar à verdade, ele o faz como quem nada em ondas violentas, por vezes jogado para cima e por vezes para baixo, pois não via a luz contínua, aberta e clara, não nadando regular e tranquilamente, mas com interrupções e intervalos. O motivo disso é que ele não se libertou dos falsos princípios da teoria comum na qual estava imbuído e que o havia embasado, de modo que, não por acaso, o título de sua obra vem muito a calhar, *Da Doutra Ignorância ou Da Doutrina Ignorante*.

Elp. — Qual foi o princípio do qual ele não se libertou e deveria ter se libertado?

Fil. — Que o elemento fogo, como o ar, tromba com o movimento do céu, e que o fogo é um corpo muito sutil, o que é claramente contra a realidade e a verdade, como já se mostrou sobre outros assuntos, e em outros discursos apropriados, nos quais se conclui que é muito necessário que exista um princípio natural e sólido, consistente do corpo quente e do corpo frio, e a região etérea não pode ser de fogo nem fogo, mas quente e acesa por um corpo que está perto, sólido e espesso como o Sol. Quando se pode falar naturalmente de algo, não é preciso invocar fantasias matemáticas. É claro que todas as partes que a Terra possui não são luminosas por si, e observamos que algumas podem brilhar por influência alheia, como a água e o ar em vapor, que pegam o calor e a luz do Sol e difundem-nos por regiões próximas no entorno. Por isso, é preciso que haja um corpo antes, ao qual é conveniente que seja, por si, quente e luminoso, e não pode ser assim se não for constante, espesso e denso, pois o corpo raro e tênue não pode ser sujeito de luz e calor, como já demonstramos. É preciso, então, que os dois princípios das duas primeiras qualidades opostas e ativas sejam assim constantes, e que o Sol, segundo o que nele é luminoso e quente, seja como uma pedra ou metal muito sólido e incandescente. Não é necessário ser líquido, como o chumbo, o bronze, o ouro e a prata, mas que possa ser infusível, não bem o ferro em brasa, mas o ferro que já é o próprio fogo e que, como o astro em que estamos é por si só frio e escuro, só usufruindo de luz e calor quando é aquecido pelo Sol, assim aquele é por si mesmo quente e luminoso, não participando do frio e opacidade senão quando é arrefecido pelos corpos que estão em volta, que

têm em si partes de água, assim como a Terra tem partes de fogo. E como nesse corpo frio, o primeiro frio e opaco, há animais que vivem pelo calor e pela luz do Sol, e no corpo muito quente e luminoso há os que vegetam pela refrigeração dos corpos frios que estão ao redor; então, assim como esse corpo é, por sua participação, quente nas partes diferentes, também aquele é frio nas suas, por participação.

Elp. — E o que o senhor diz em relação à luz?

Fil. — Digo que nenhum corpo brilha em si — o Sol não brilha no Sol nem a Terra na Terra —, mas qualquer corpo luminoso brilha no espaço em sua volta; entretanto, apesar de a Terra ser um corpo luminoso pela incidência dos raios solares, a sua luz não é sensível a nós nem a quem está na superfície da Terra, mas aos que estão em oposição a ela. Além do mais, como à noite toda a superfície do mar é iluminada pelos raios da Lua, para os que estão no mar isso só é perceptível a certa distância que está em oposição à Lua. E se a esses fosse possível subir mais e mais, no ar, sobre o mar, veriam a dimensão da luz crescer mais e o campo luminoso ficaria maior. Disso se conclui que, para os que estão nos astros luminosos ou iluminados, não é perceptível a luz de seu astro, mas isso acontece para os que estão em volta; também como em um mesmo local comum, um lugar determinado recebe luz de outro local particularmente diferente.

Elp. — O senhor diz com isso que para os que vivem no Sol não é ele quem faz o dia, mas sim outra estrela que está em volta?

Fil. — Isso mesmo. Entende isso?

Elp. — E quem não entenderia? Com essa maneira de ver, entendo isso e muitas outras coisas. Existem, portanto, dois tipos de corpos luminosos — os ígneos, que são os primariamente luminosos, e os aquosos ou cristalinos, que são os iluminados ou secundariamente luminosos.

Fil. — É isso.

Elp. — Então, a razão da luz não deve se referir a outro princípio?

Fil. — Como pode ser diferente disso, se não conhecemos outro fundamento da luz? Para que se apoiar em quimeras, quando é a própria experiência que ensina?

Elp. — Na verdade, não devemos pensar que a luz dos corpos vem acidentalmente aos que estão ao redor, como a podridão da lenha, as escamas, os grumos viscosos dos peixes ou dorsos frágeis dos ratos e dos vaga-lumes, sobre a razão de cujo lume mais uma vez conjecturaremos.

Fil. — Como preferir.

Elp. — Os que dizem que os corpos luminosos ao redor são quintessências¹² ou substâncias divinas corpóreas, de natureza contrária às que estão junto de nós, também estão enganados, assim como estariam se dissessem o mesmo sobre uma candeia ou um cristal brilhante visto de longe.

Fil. — Certamente.

Fra. — Na realidade, isso é razoável para os sentidos, para a razão e para o intelecto.

Búr. — Não ao meu, que acha que essa maneira de ver é um suave sofisma.

Fil. — Fracastório, responda você a ele, porque eu e Elpino, que já falamos muito, agora queremos ouvir.

Fra. — Meu caro Búrquio, eu prefiro colocá-lo no lugar de Aristóteles e ficar no lugar de um homem simples e rude, que diz nada saber e que supõe não ter percebido nada do que Filóteo disse e entende, e do que acha Aristóteles e também todo o mundo. Creio na multidão, em nome da fama e da autoridade peripatética, admiro junto com uma multidão a divindade desse demônio da natureza¹³ e, por isso, venho ao senhor para saber da verdade e libertar-me da insistência de quem o senhor chama de sofista. Então pergunto: por que diz que há uma grande diferença entre aqueles corpos celestes e esses que estão perto de nós?

Búr. — Aqueles são divinos e esses são grosseiramente materialistas.

Fra. — Mas como o senhor poderia me mostrar e fazer-me acreditar que aqueles são mais divinos?

Búr. — Porque aqueles são imutáveis, imóveis, incorruptíveis e eternos e a esses ocorre o contrário. Aqueles, móveis de movimento circular perfeito e esses, de movimento reto.

Fra. — Gostaria de saber se, após bem considerado, o senhor juraria não ser esse coipo único (que o senhor entende como três ou quatro corpos, e não entende como membros do mesmo composto), móvel como os outros astros, que são móveis, já que o seu movimento não é perceptível a nós por estarmos afastados por uma determinada distância; e esse, se existe, não nos é perceptível, pois, como os verdadeiros contempladores da natureza notaram, antigos e modernos, e como os sentidos manifestaram de muitas maneiras, pela experiência, não podemos sentir o movimento a não ser comparando-o, relacionando-o a qualquer coisa fixa, da mesma maneira

que alguém, que não saiba que a água corre e que não veja as margens, estando no meio da água, em um navio, não notará o seu movimento. Por essa razão, poderia ficar em dúvida e não ter certeza disso, quanto à quietude e fixidez, e também posso supor que, se eu estiver no Sol, na Lua ou em outras estrelas, sempre pensaria estar no centro do mundo, imóvel, ao redor do qual giraria tudo que está à volta, girando como o corpo continente em que me encontro, em torno do próprio centro. E por isso não tenho certeza da diferença entre o que é móvel e o que é estável.

Quanto ao que diz do movimento reto, certamente não vemos esse corpo se deslocar em linha reta, como também não vemos os outros. Se a Terra se move, move-se circularmente como os outros astros, assim como afirmam Platão, Hegésias¹⁴ e todos os sábios, e Aristóteles e todos os outros devem aceitá-los. O que vemos subir e descer da Terra não é todo o globo, mas algumas partes dele, que não se afastam além da região que é calculada entre as partes e membros desse globo, no qual, como em um animal, há defluxo e influxo das partes, alguma vicissitude, certa transformação e renovação. E se tudo acontece do mesmo modo nos outros astros, não é necessário, ainda, que seja a nós perceptível, pois essas elevações e exalações de vapores, essa sequência de ventos, chuvas, neves, trovões, esterilidade, fertilidade, inundações, nascimento e morte, se existem nos outros astros, também não são perceptíveis a nós. Mas aqueles só são a nós sensíveis pelo esplendor contínuo que nos enviam pelo espaço de sua superfície de fogo, água e nuvens. Como esse astro também é sensível aos que estão nos outros, pelo esplendor que sai da superfície dos mares (às vezes pelo aspecto afetado por corpos nublados, pelo mesmo motivo que na Lua as áreas opacas parecem menos opacas), não mudando a sua superfície a não ser em enormes intervalos de tempo, em cujo decurso os mares tomam-se continentes e os continentes tomam-se mares. Esses corpos e aqueles são, então, sensíveis pela luz que emitem. A luz que se propaga da Terra para os outros astros não é mais nem menos perpétua e imutável que a de astros semelhantes, e assim como não sentimos o movimento reto e a alteração dessas partículas, a eles não é sensível qualquer outro movimento e alteração que se passa nesse corpo; e como da Lua desta terra pode-se ver diversas partes, umas mais outras menos luminosas, também da terra da Lua se veem muitas partes pela variedade e diferença de espaços de sua superfície. É como se a Lua estivesse mais longe, sem o diâmetro das partes opacas, as partes

luminosas unir-se-iam e apertar-se-iam, ficando com a aparência de um corpo menor e luminoso, a Terra pareceria assim se estivesse mais longe da Lua.

Disso podemos imaginar como as infinitas estrelas são tantas outras luas e outros tantos globos terrestres, tantos outros mundos semelhantes a este, ao redor dos quais esta terra parece girar, como eles parecem girar em torno desta terra.

Por que achamos que há diferença entre esses e aqueles corpos, se os vemos tão parecidos? Por que queremos negar que são semelhantes, se não há razão ou sentido que induza essa dúvida?

Búr.— Com isso, o senhor considera provado que aqueles corpos não são diferentes desse?

Fra. — Sim, e bem provado, pois o que de lá se pode ver nesse, vê-se naqueles daqui, e o que naqueles se vê daqui, nesses se vê de lá. Em outras palavras, tanto esse como aqueles são corpos pequenos, parcialmente luminosos pela distância menor desse e daqueles. Esse e aqueles, totalmente luminosos, porém menores, em virtude da maior distância em que se encontram.

Búr. — Onde está a boa ordem, a bela hierarquia da natureza, segundo a qual se vai do corpo mais denso e espesso, que é a terra, para o menos espesso que é a água, ao sutil que é o vapor, e ao mais sutil que é o ar puro, e ao sutilíssimo que é o fogo, e ao divino que é o corpo celeste? Do escuro ao quase claro e ao claro, ao mais claro e ao claríssimo? Do tenebroso ao bem lúcido, do alterável e corruptível ao isento de qualquer mudança e corrupção? Do muito grave ao grave, e deste ao leve, ao levíssimo e ao que não é grave nem leve? Do móvel ao meio, do meio para o móvel e por fim ao móvel ao redor do meio?

Fra. — Quer saber onde está essa ordem? Está onde vivem os sonhos, as fantasias, as quimeras e as loucuras, pois, em relação ao movimento, tudo o que se move de maneira natural possui translação circular, ou em torno do centro, ou ao redor de um outro, e quando digo circular não considero o círculo e a translação circular, simples e geométrica, mas de acordo com a regra pela qual vemos os corpos naturais mudarem de lugar físico. O movimento reto não é próprio nem natural de nenhum corpo principal, pois só é verificado nas partes, que são praticamente dejetos que saem dos corpos mundanos, ou então de qualquer maneira vão às esferas conaturais e continentes. Dessa maneira, vemos as águas que, tomadas a vapor rarefeito

pelo calor, sobem, e condensadas pelo frio em formato próprio, voltam para baixo, por um processo que hei de explicar em ocasião oportuna, quando considerar o movimento. Em relação à disposição de quatro corpos — terra, água, ar e fogo —, quero saber que natureza, que arte, que sentido a faz, verifica e demonstra.

Búr. — O senhor então nega a famosa descrição dos elementos?

Fra. — Não nego a descrição, pois deixo cada um descrever as coisas naturais como quiser, mas nego essa ordem, essa disposição, ou seja, que a terra seja circundada e contida pela água, a água pelo ar, o ar pelo fogo e o fogo pelo céu. E afirmo ser um apenas o continente e receptáculo de todos os corpos e grandes estruturas, que vemos como espalhados e dispersos nesse amplo campo, em que cada um desses corpos, astros, mundos, lumes eternos, é composto do que se chama terra, água, ar e fogo. Se na sua substância de composição predomina o fogo, o corpo chama-se sol e tem luminosidade própria; se predomina a água, o corpo chama-se globo terrestre, lua ou algo assim, e brilha por influência de outrem, como disse. Nesses astros ou mundos, como se queira denominar, entende-se que essas partes diferentes estão ordenadas de acordo com várias feições de pedras, lagoas, rios, fontes, mares, areias, metais, cavernas, montes, planícies e outras espécies de corpos compostos, de sítios e figuras, que são as partes heterogêneas nos animais, de acordo com as várias compleições de ossos, intestinos, veias, artérias, carnes, nervos, pulmões, membros de uma e outra figura, mostrando seus montes e vales, seus recessos, as águas, os seus espíritos, os seus fogos, com acidentes proporcionais a todas as impressões meteóricas, ou seja, os catarros, as erisipelas, os cálculos, as vertigens, as febres e outras manifestações e hábitos que correspondem às neblinas, chuvas, neves, canículas, abrasamentos, raios, trovões, terremotos, ventos e tempestades marítimas. Por isso, se a Terra e outros mundos são animais diferentes dos animais comumente considerados como tais, são certamente animais por uma razão maior e mais importante. Entretanto, como Aristóteles pode provar, ou outro qualquer, que o ar está mais ao redor da Terra do que dentro dela, se não há porção nenhuma desta em que o ar não tenha lugar e não penetre, talvez pela maneira pela qual os antigos consideravam o vácuo, por abranger tudo por fora e penetrar dentro do pleno? Como se pode imaginar que a terra possua espessura, densidade e consistência sem a água que una as partes? Como se pode entender que a Terra é mais grave para o meio sem que se acredite

que as suas partes são aí mais espessas e densas, cuja espessura é impossível sem água, que só possui poder de aglutinar as partes? Quem não vê que em todo lugar da Terra erguem-se ilhas sobre as águas e montes, e não apenas sobre as águas, mas no ar vaporoso e tempestuoso, que está fechado nos altos montes e nos membros da Terra, formando um corpo esférico perfeito; por isso, não é claro que as águas não estão menos dentro das vísceras da Terra que os humores e o sangue dentro das nossas? Quem não entende que nas profundas cavernas e concavidades da Terra estão os principais acúmulos de água? E se é dito que está úmida sobre as praias, digo que não são estas as partes superiores da terra, pois tudo o que está entre os montes altos está dentro de sua concavidade. Da mesma forma, pode ver-se nas gotas empoeiradas, que caem consistentes sobre o plano, pois a alma íntima que compreende essas coisas, e que está em todas elas, faz primeiramente esta operação: unir o quanto pode as partes, de acordo com a capacidade do sujeito — e não é porque a água esteja naturalmente sobre ou em tomo da terra, mais que o úmido da nossa substância esteja sobre ou em tomo do nosso corpo.

Concordo que, de todos os locais da praia e lugares onde estão os grandes acúmulos de água, vê-se que eles são mais elevados no centro. E, certamente, se as partes da terra pudessem se unir por si mesmas fariam isso de modo semelhante, como é evidente pela forma esférica que assumem quando estão aglutinadas pela água. Estando a água, nas vísceras da Terra, e não existindo, portanto, nenhuma parte dela que faça a espessura e união das partes, que não contenha mais partes de água que de terra (porque onde há o espessamento, são máximos a composição e o domínio de tal sujeito, que tem a virtude das partes coerentes), haverá alguém que não prefira dizer que a água é a base da terra e não a terra da água? Que a terra afunda na água e não a água na terra? E furta-se de perceber que a altura da água sobre a superfície da Terra em que vivemos, chamada de mar, não pode ser e não é tanta que seja comparada à massa dessa esfera, não estando realmente ao seu redor como acreditam os tolos, mas no seu interior. Como Aristóteles confessou, forçado pela verdade ou pela afirmação costumeira dos filósofos da Antiguidade, no primeiro livro de seu *Meteora*, quando reconheceu que as duas mínimas regiões do ar turbulento e irrequieto estão interceptadas e compreendidas nos altos montes, e são como partes e membros delas, e esta é circundada e compreendida pelo ar sempre calmo, sereno e claro, com visão para as

estrelas, pelo que, abaixando-se os olhos, pode-se ver os ventos, nuvens, névoas, tempestades, fluxos e refluxos, que vêm da vida e respiração desse grande animal e ser que denominamos Terra, que foi designada por Ceres, representada por Isis, chamada Prosérpina e Diana, a mesma que no céu é chamada de Lucina, sabendo-se que esta não é de natureza diferente daquela. Eis o quanto erra esse bom Homero, quando não está dormindo, ao dizer que a água naturalmente está sobre, ou em torno da terra, onde não existem ventos, chuvas ou névoas. E se houvesse considerado e visto melhor, teria observado ainda que o meio desse corpo (se é aí o centro de gravidade) é lugar mais de água que de terra, pois as partes de terra não são graves, sem que haja muita água em sua composição, sem a qual não têm a capacidade de impulso e do próprio peso para descer do ar e encontrar a esfera do continente. Por isso, que juízo reto, que verdade natural discrimina e ordena essas partes, da maneira que é concebida pelo vulgo cego e ignóbil, aprovada pelos que falam sem analisar, predicada por quem muito diz e pouco pensa? Quem acreditará, também, não ter base de verdade (mas se é criada por um homem sem autoridade, é algo de se rir; se é referida por pessoa considerada e ilustre, é algo para ser contado por mistério ou parábola e interpretada como metáfora; se é mostrada por um homem que possui mais senso e inteligência que autoridade, enumerada entre os paradoxos ocultos) a frase de Platão que está no *Timeu*, de Pitágoras e outros, que diz que nós moramos no côncavo e escuro da Terra e temos com os animais que existem sobre a Terra a mesma relação que os peixes têm conosco, pois, assim como estes vivem em um úmido espesso e mais denso que o nosso, também nós vivemos em um ar mais carregado que os que estão em uma região pura e tranquila, e da mesma maneira como o oceano é água, em relação ao ar impuro, também é assim o nosso ar enevoado em relação ao verdadeiramente puro?

Dessa forma de ver e dizer, o que quero concluir é que o mar, as fontes, os rios, os montes, as pedras e o ar neles contidos e compreendidos até a região dita intermediária não são senão partes e membros diferentes de um mesmo corpo, de uma mesma massa, bem proporcionais às partes e membros que nós conhecemos comumente por compostos animais e cujo termo, convexidade e superfície são limitados pelas margens extremas dos montes e pelo ar tempestuoso, de modo que o oceano e os rios ficam nas

profundidades da Terra, como o fígado, considerado fonte de sangue, e as veias, ramificadas, estão contidas e estendidas pelas partes mínimas.

Búr. — Então a terra, que está no meio, não é um corpo muito grave? Não é então seguida pela água que a circunda, em relação à gravidade, que é mais grave que o ar?

Fra. — Se acha que o grave assim o é pela sua maior capacidade de penetrar nas partes e ficar em seu meio, ou centro, eu digo que, entre todos os ditos elementos, o ar é o mais grave e o mais leve, pois, da mesma maneira que cada parte da terra, se tiver espaço, desce até o meio, também as partes do ar irão mais rapidamente para o centro do que as de qualquer outro corpo, pois ao ar cabe ser o primeiro a suceder o espaço e a opor-se ao vácuo, preenchendo-o. Já não o faz tão rapidamente as partes da terra, que não se movem a não ser quando lhes penetra o ar, porque, para fazer com que o ar penetre, não é preciso terra, água ou fogo e; nem mesmo nenhum desses antecipa ou vence por serem mais prontos, aptos e ágeis para encher os cantos de um corpo continente. Também, se a terra, que é corpo sólido, sair, será o ar que ocupará seu lugar, mas a terra não é apta a ocupar o lugar do ar que sai. Por consequência, sendo característica do ar mover-se e penetrar em todos os locais e cantos, não há corpo mais leve que o ar nem mais pesado que ele.

Búr. — O que diz agora da água?

Fra. — Da água já disse, e repito, que é mais grave que a terra, pois vemos com mais eficiência o líquido descer e entrar na terra, até o centro, do que a terra penetrar na água; além disso, a terra, tomada sem composição de água, flutuará na água e ficará sem poder penetrá-la, não descendo se não for antes embebida de água e condensada em uma massa e corpo espesso, por meio de cuja espessura e densidade ganha o poder de entrar para dentro e sob a água. A água, opostamente, nunca descera por mérito da terra, mas porque se agrega, condensa e redobra o número de suas partes, para embeber e amassar a terra; por esse motivo, vemos que um recipiente cheio de cinza bem seca leva muito mais água que um outro recipiente igual, mas vazio. Por isso, a terra, enquanto terra, está em cima e sobrenada a água.

Búr. — Explique isso melhor.

Fra. — Volto a dizer que, se tirássemos toda a água da terra, de modo que restasse terra pura, o resultado seria um corpo incongruente, raro, dissolvido e de fácil dispersão pelo ar, ainda sob forma de muitos corpos

descontínuos, pois o que faz a continuidade é o ar, e o que faz pela coerência e continuidade é a água, qualquer que seja o composto, coerente e sólido, que por vezes é um e por vezes é outro, e por vezes é composto de um e de outro.

Disso deriva que a gravidade não advém de outra coisa senão da coerência e espessura das partes, e as da terra não possuem coerência a não ser pela água, cujas partes unem-se por si, como o ar, e a qual possui mais eficiência que qualquer outra, se por acaso não existir força única que faça as partes de outros corpos unirem-se, ocorrerá que a água, em relação a outros corpos que ficam mais graves por ela, e pela qual outros adquirem o peso, é, antes de tudo, grave. Portanto, os que dizem que a terra tem por base a água, não deviam ser considerados loucos, mas sábios.¹⁵

Búr. — O que dizemos é que a terra deve sempre ser considerada como meio, como tantos ilustres disseram.

Fra. — E tantos loucos confirmam.

Búr. — O que diz sobre os loucos?

Fra. — Digo que essa afirmação não pode ser confirmada nem pelos sentidos nem pela razão.

Búr. — Não observamos que os mares têm fluxo e refluxo e os rios seguem seu curso pela superfície da Terra?

Fra. — Não enxergamos as nascentes, que são o princípio dos rios e fazem as lagoas e os mares brotarem das entranhas da Terra, e não de fora de suas vísceras, se por acaso compreendesse o que eu disse agora há pouco, muitas vezes?

Búr. — Vemos que a água desce do ar antes que as fontes formem-se pela água.

Fra. — Sabemos que a água — se desce de um ar diferente do qual é parte e que pertence aos membros da terra — está antes, original, principal e totalmente na terra; depois está no ar, secundária e derivativamente, e de maneira particular.

Búr. — Sei que o senhor está baseado nisso, que a verdadeira superfície extrema do convexo da Terra não é medida a partir da face do mar, mas do ar igual aos montes muito altos.

Fra. — Assim o seu príncipe, Aristóteles, afirmou e confirmou.

Búr. — Esse meu príncipe é incomparavelmente mais célebre, digno e seguido que o seu, que não é conhecido nem nunca se viu. Por isso, por mais que o senhor agrade o seu, a mim não me desagrada o meu.

Fra. — Mesmo que o deixe morrer de fome e frio e alimente-o de vento e mande-o descalço e nu.

Fil. — Por favor, não percam tempo com essa discussão inútil e vã.

Fra. — Faremos isso. Búrquio, o que o senhor diz sobre isso que acaba de escutar?

Búr. — Digo que, seja o que for, por fim é preciso ver o que está no centro desta massa, deste seu astro, deste seu animal, pois se lá houver terra pura, a maneira como esses senhores ordenaram os elementos não é vã.

Fra. — Já disse e demonstrei que é mais razoável lá haver ar ou água do que terra, que, aliás, não estaria ali sem ser composta de mais partes de água, que são, por fim, seu fundamento, pois vemos as partículas de água penetrar com muito mais força a terra do que as partículas de terra na água. É, portanto, mais verdadeiro e também necessário que nas entranhas da terra haja água, do que nas entranhas da água haja terra.

Búr. — E o que o senhor diz da água que sobrenada e corre sobre a terra?

Fra. — Todos veem que isso ocorre por obra da própria água que, havendo conglomerado e fixado a terra, e conjugado suas partes, impede que ela própria seja absorvida em excesso, pois de outra maneira penetraria até as profundidades da substância, como vemos ainda por experiência universal.

É preciso, portanto, que no meio da terra haja água, para que esse meio tenha firmeza, o que não deve ser atribuído primeiro à terra preferencialmente, mas à água, pois é ela que une e combina as partes da terra, e conseqüentemente age mais rapidamente na densidade da terra, do que, ao contrário, a terra causa a coerência das partes da água e as faz densas. Se o senhor não quer, portanto, que no meio esteja um composto de terra e água, é mais verdadeiro e razoável, e comprovado por experiência, que esteja antes água que terra. E se existir um corpo espesso, é mais razoável que nele predomine a água que a terra, porque a água é quem faz a espessura das partes da terra, que se dissolve pelo calor (não a espessura que existe no primeiro fogo e que é dissolúvel pelo seu contrário), e que, quanto mais grave e espessa, mais participa da água. Disso concluímos que as coisas muito espessas que existem junto a nós não só possuem mais água, mas são a própria água em substância, como se vê na redução dos corpos mais graves e espessos que são os metais que se

podem liquefazer. E, na verdade, em todo corpo sólido em que existem partes coerentes, existe a água, que junta e une as partes da natureza, a começar pelas mínimas, de modo que a terra, desunida de água, não é senão átomos vagos e dispersos. Entretanto, as partes da água são mais consistentes sem terra, pois as partes de terra nunca podem se conglomerar sem água, pois se o lugar do meio é destinado ao que para ele corre com maior impulso e mais velozmente, primeiro convém ao ar, que preenche tudo, em segundo lugar convém à água, e em terceiro à terra. Se se destina ao primeiro grave, ao mais denso e espesso, primeiro convém à água, depois ao ar e depois à terra. Se tomarmos a terra em conjunto com a água, primeiro convém à terra, em segundo lugar convém à água e em terceiro, ao ar. Isso é verdadeiro pois, por vários e diferentes motivos, o meio ajusta-se a vários, em primeiro lugar; de acordo com a verdade e a natureza, um elemento não existe sem outro, e não existe membro da terra, ou seja, desse grande animal, onde não existam todos os quatro, ou pelo menos três deles.

Búr. — O senhor conclui rápido demais.

Fra. — O que quero concluir é que a famosa e vulgar ordem dos elementos e corpos mundanos é um sonho e uma fantasia vã, pois nem por natureza é verificada nem por conveniência ou potência pode existir de tal modo. Resta saber, portanto, que existe um campo infinito e espaço continente que abarca e penetra tudo. Nele existem infinitos corpos semelhantes a este, não estando qualquer deles mais no centro do Universo que outro, pois o Universo é infinito e, portanto, sem centro ou margens; ainda que essas coisas se ajustem a cada um desses mundos, que nele existem do modo que outras vezes disse, e principalmente quando mostrei que existem certos meios circunscritos e definidos, que são os sóis, os fogos, ao redor dos quais giram todos os planetas, as terras, as águas, assim como vemos esses sete planetas errantes andarem ao redor desse, que é nosso vizinho; e ainda quando mostramos que cada um desses astros ou mundos, girando ao redor do próprio centro, produz a aparência de um mundo sólido e contínuo, que arrebatava todos os astros que podem existir, girando em torno dele como centro do Universo, de modo que não existe um só mundo, uma só Terra, um só Sol, mas tantos mundos quantas são as lâmpadas luminosas que vemos ao nosso redor, as quais estão em um céu, lugar e receptáculo, assim como esse mundo está em um lugar, céu e receptáculo. Dessa maneira, o céu, o ar imenso e infinito, apesar de ser

parte do Universo infinito, não é um mundo nem parte de mundos, mas ambiente, refúgio e campo para os que nele existem, movem-se, vivem e vegetam, põem em efeito os atos de suas vicissitudes, produzem, alimentam, realimentam e mantêm os seus habitantes e animais, e por certas disposições e ordens regem a natureza superior, mudando a figura de um ser em vários sujeitos. Portanto, cada um desses mundos é um meio para o qual cada uma de suas partes concorrem, e onde assenta toda a coisa congênita, como as partes desse astro, mesmo a certa distância, e de cada lado e região ao redor, relacionam-se com seu continente.

Disso, não existindo parte que, vinda de um grande corpo, não reflua novamente nele, acontece que é eterno, mesmo que seja dissolúvel, mesmo que essa infalível eternidade venha, por certo, se não estou enganado, de uma providência externa, não de uma suficiência interna e própria. Mas isso eu o farei compreender em outras oportunidades, com razões mais específicas.

Búr. — Então, os outros mundos são habitados como este?

Fra. — Se não são assim nem melhores, não são menos nem piores, pois é impossível que uma inteligência apenas razoável possa imaginar que inúmeros mundos, que aparentam tão ou mais magníficos que este, sejam privados de habitantes semelhantes ou melhores; os quais ou são sóis ou o sol difunde neles os seus raios benéficos e fecundos, que tanto tomam feliz o sujeito e a fonte como tomam afortunados os circunstantes que participam dessa virtude que se difunde. São, portanto, infinitos os principais e inúmeros os membros do Universo, com mesmo aspecto, superfície, prerrogativa, eficiência e efeito.

Búr. — Não acha que existem diferenças entre uns e outros?

Fra. — Já disse, mais de uma vez, que são por si luminosos e quentes os que em sua composição predomina o fogo; os outros, que são frios e escuros, em cuja composição predomina a água, resplandecem por interferência alheia. Dessa diversidade e oposição dependem a ordem, a simetria, o aspecto, a paz, a concórdia, a composição, a vida. Assim, os mundos são compostos por contrários, vivendo e vegetando, como as terras e as águas, pelos outros contrários, como os sóis e os fogos. Acredito que assim entende o sábio que disse fazer Deus a paz nos contrários sublimes, e aquele que disse ser o todo consistente por litígio de concordes e por amor de litigantes.¹⁶

Búr. — Dessa forma, o senhor coloca o mundo de cabeça para baixo.

Fra. — E o senhor acha que faria mal alguém que quisesse inverter um mundo virado às avessas?

Búr. — O senhor quer tomar vã tanto cansaço, estudo, suor, sobre “auscultações físicas”, de “céus e de mundos”, às quais têm se dedicado tantos cérebros de comentadores, parafraseadores, glosadores, compendiadores, sumistas, escoliastas, transiadadores, divulgadores e teóricos, e sob as quais puseram suas bases e lançaram seus fundamentos, os doutores profundos, sutis, áureos, magnos, inexpugnáveis, irrefragáveis, angélicos, seráficos, querubínicos e divinos?

Fra. — *Adde* os tritura-pedras ou quebra-seixos, os cornúpetos, os escoucinhadores. *Adde* os visionários, paládios, olímpicos, firmamentícios, celestes do empíreo, altissonantes.

Búr. — Deveremos, ao seu pedido, mandá-los todos para a latrina? Não há dúvida de o mundo será bem governado se tirarmos e desprezarmos as especulações de tantos e tão dignos filósofos!

Fra. — Não é justo que tiremos a alfafa dos burros e pretendamos que o paladar deles seja igual ao nosso. A variedade de engenhos e intellectos não é menor que a de espíritos e estômagos.

Búr. — O senhor quer que Platão seja um ignorante, que Aristóteles seja um asno e os que os seguiram sejam insensatos, estúpidos e fanáticos?

Fra. — Meu filho, não digo que esses sejam os burros e aqueles sejam os asnos, esses os macacos e os outros os chimpanzés, como quer que eu diga; como disse no início, eu os considero os heróis da Terra, mas não posso, entretanto, acreditar neles sem motivo nem admitir suas proposições, cujas contradições, como o senhor deve ter compreendido se não for cego ou surdo, são tão claramente verdadeiras.

Búr. — Então, quem nos servirá de juiz?

Fra. — Todo o juízo reto e direito, toda pessoa discreta que não fique obstinada quando se achar convencida e impotente para defender as razões deles e resistir às minhas.

Búr. — Quando eu não os souber defender, será por incapacidade minha e não de sua doutrina e quando o senhor, combatendo-os, souber tirar conclusões, não será por verdade das doutrinas, mas por suas importunações sofismáticas.

Fra. — Eu, se me reconhecesse ignorante das causas, iria me abster de dar opiniões. Se eu fosse tão apegado a essas coisas como o senhor, julgá-me-ia douto por fé e não por ciência.

Búr. — Se o senhor se conhecesse melhor, saberia que é um asno, presunçoso, sofista, perturbador das boas letras, carrasco dos engenhos, amador de novidades, inimigo da verdade e suspeito de heresia.

Fil.—Esse cavalheiro mostrou até agora ter pouca doutrina; agora quer nos dar a conhecer que possui pouca descrição e não tem polidez.

Elp. — Tem boa voz e disputa com mais galhardia que um frade franciscano. Meu caro Búrquio, louvo muito a firmeza de sua fé. Disse, no princípio, que ainda que isso fosse verdade, não queria acreditar.

Búr. — Sim, prefiro ignorar em companhia de muitos ilustres e doutos a saber por poucos sofistas, assim como esses amigos.

Fra. — Muito mal o senhor distingue entre doutos e sofistas, se quisermos acreditar no que diz. Não são ilustres e doutos os que ignoram nem os que sabem são sofistas.

Búr. — Eu sei que o senhor entende o que quero dizer.

Elp. — Seria suficiente se pudéssemos o que o senhor diz, pois o senhor mesmo teria grande cansaço para compreender o que diz.

Búr. — Andem, andem, mais doutos que Aristóteles; vão, vão mais divinos que Platão, mais profundos que Averróis,* mais judiciosos que um grande número de filósofos e teólogos, de tantas épocas e de tantas nações, que os têm comentado, admirado e posto no céu. Andem vocês, que não sei quem são nem de onde vieram, e querem presumir oporem-se à corrente de grandes sábios!

Fra. — Seria essa a melhor de todas as razões que o senhor apresentou, se fosse uma razão.

Búr. — O senhor seria mais sábio que Aristóteles se não fosse uma besta, um desgraçado, um mendigo, um miserável, alimentado à broa, morto de fome, gerado por um alfaiate, nascido de uma lavadeira, neto de um chico remendão, filho de Momo, postilhão de putas, irmão de Lázaro que faz as ferraduras para os burros. Fique com cem mil diabos, pois não é melhor que ele.

Elp. — Por favor, magnífico senhor, não se incomode mais em vir encontrar-se conosco e espere que nós o procuremos.

Fra. — Querer com mais razões mostrar a verdade a tais indivíduos é o mesmo que, com várias espécies de sabão, mais vezes lavar-se a cabeça de um burro, pois não se aproveitaria mais lavando cem que uma vez ou mil, pois lavar é o mesmo que não ter lavado

Fil. — E aquela cabeça ainda será tida por mais sórdida no final da lavagem do que no princípio, pois, ajuntando-se mais e mais água e perfumes, cada vez mais se removem os vapores daquela cabeça, sentindo-se o mau cheiro que não seria sentido de outro modo, e que será tão mais fastidioso quanto mais aromáticos forem os líquidos com que foi excitado. Já dissemos hoje o suficiente: fico alegre com a capacidade de Fracastório e com seu juízo maduro, Elpino. Bem, já falamos sobre o ser, o número e a qualidade dos mundos infinitos, e é bom que vejamos, amanhã, se há razões contrárias e quais são elas.

Elp. — Que seja assim.

Fra. — Adeus.

Fim do Terceiro Diálogo

Quarto Diálogo

Fil. — Os mundos não são, então, infinitos, como se imaginou no conjunto desta Terra, circundada por tantas esferas, umas contendo um astro, outras contendo inúmeros astros, já que o espaço é de tal amplitude que nele podem se deslocar muitos astros e cada um deles é de tal modo que por si mesmo e por um princípio interno pode se mover para se comunicar com coisas convenientes, sendo suficiente, capaz e digno de ser considerado como um mundo. Não há nenhum que não possua um princípio eficaz e uma maneira de continuar e conservar a perpétua geração da vida de vários e ótimos indivíduos. Considerando-se que a aparência do movimento universal é causada pelo verdadeiro movimento diurno da Terra (que também é encontrado em astros semelhantes), não há o que nos obrigue a supor a equidistância das estrelas, as quais popularmente se julga que estão pregadas e fixas em uma oitava esfera, e não há raciocínio que nos impeça de dizer que, das distâncias daqueles inúmeros astros derivem as inúmeras diferenças que vemos em seus raios. Seremos convencidos de que no Universo não existem céus e esferas concêntricas, sendo sempre contida a menor pela maior, como uma cebola e suas peles, mas que o calor e o frio, espalhados no campo etéreo pelos corpos que notadamente possuem essas características, moderam-se mutuamente e em diversos graus, fazendo-se princípio próprio de todas as formas e espécies de seres.

Elp. — Bem, cheguemos rapidamente às soluções das razões contrárias, e principalmente às de Aristóteles, que são as mais decantadas e conhecidas, estimadas pela multidão tola e julgadas como perfeitas demonstrações. E para que não ache que estou deixando algo para trás, recorrerei a todas as razões e frases desse pobre sofista e o senhor considerará uma a uma.

Fil. — Que seja assim, pois.

Elp. — Deve-se ver, diz ele no primeiro livro do seu *Céu e Mundo*, se fora deste mundo há outro.

Fil. — Sobre essa questão, o senhor sabe que nós e ele utilizamos a palavra “mundo” de maneira diferente, pois nós juntamos mundo a mundo, como astro a astro, nesse vastíssimo espaço etéreo, como é normal o

entendimento de todos os sábios que consideraram os mundos infinitos. Ele utiliza o nome “mundo” para um agregado de elementos e dos céus imaginários dispostos até o convexo do primeiro móvel que, sendo absolutamente redondo, tudo roda em um movimento muito rápido, e girando ele em tomo do centro em que estamos. Seria um divertimento inútil e infantil se confederássemos razão por razão, mas é melhor resolver suas razões na parte em que são opostas à nossa maneira de ver, deixando de lado as que não nos contradizem.

Fra. — E o que alegaríamos aos que nos acusassem de disputarmos sobre o erro?

Fil. — Diremos que o defeito advém de ele ter tomado o conceito “mundo” com um significado inadequado, formando-se um fantástico universo corpóreo, e também que as nossas respostas não valem menos se supormos o significado de “mundo” pela imaginação de nossos adversários do que de acordo com a verdade, pois onde são imaginados os pontos da última circunferência deste mundo, cujo meio é a Terra, podem estar pontos de outras inúmeras terras, que estão além daquela circunferência imaginária; em consequência, pode ser que realmente aí existam, apesar de não pela condição imaginada por eles, que, de qualquer maneira, não tira ou acrescenta um ponto ao argumento que fala sobre a quantidade do Universo e do número de mundos.

Fra. — Muito bem. Continue, Elpino.

Elp. — “Todo corpo”, diz Aristóteles, “ou move-se ou permanece parado. E esse movimento ou permanência ou é natural ou é forçado. Também, todo corpo, no local em que não permanece por violência, mas de maneira natural, fica imóvel, não por violência, mas por natureza, e permanece naturalmente no local em que não se move por violência, de maneira que tudo o que é movido para cima com violência, move-se naturalmente para baixo e ao contrário. Disso se conclui que não há mais mundos, se considerarmos que, se a terra, que está fora deste mundo, move-se violentamente para o meio dele, a terra que está neste mundo irá mover-se naturalmente para o meio daquele, e se o seu movimento do meio deste mundo para o meio daquele for violento, é natural o seu movimento do meio daquele mundo para este. A causa disso é que, se há mais terras, é forçoso dizer que a potência de uma é semelhante à potência de outra, assim como a potência daquele fogo será semelhante à potência deste.

De outra forma, as partes daquele mundo serão semelhantes apenas na denominação às partes deste, mas não no ser; conseqüentemente, aquele mundo não será tal, mas será chamado mundo, como este. Além disso, todos os corpos que são de uma natureza e de uma espécie possuem um movimento, pois todo corpo move-se naturalmente de qualquer maneira. Se aí existem terras como esta, sendo da mesma espécie, é claro que terão o mesmo movimento; de maneira inversa, se o movimento é o mesmo, os elementos são os mesmos. Dessa maneira, a terra daquele mundo irá mover-se necessariamente para a terra deste e o fogo daquele para o fogo deste. Disso vem que a terra também se move tão naturalmente para cima como para baixo, e assim o é com o fogo. Bem, sendo essas coisas impossíveis, deve haver só uma terra, um centro, um meio, um horizonte, um mundo".

Fil. — Contra isso argumento que, pela maneira com que nossa Terra gira em torno dessa região e ocupa lugar no infinito universal, assim como os outros astros fazem e giram em torno de suas regiões no Universo, no qual, como esta Terra consta de seus membros, tem suas alterações, fluxo e refluxo nas suas partes (como vemos ocorrer com os animais, humores e partes, que estão em contínua alteração e movimento), assim os outros astros constam de membros afetados de modo semelhante. E assim como neste, movendo-se naturalmente de acordo com toda a máquina, não há movimento a não ser o circular, pelo qual gira em torno de seu próprio centro e desliza ao redor do Sol, também necessariamente os outros corpos são da mesma natureza.

Da mesma forma que as partes isoladas daqueles, estando por qualquer motivo afastadas do seu lugar (referindo-se às que não podem ser consideradas principais ou membros), aí voltam naturalmente, com impulso próprio, também as partes da terra e da água, pela ação do Sol e da terra, sob forma de exalações e vapores, haviam se afastado para os membros e regiões superiores desse corpo, para ele regressam depois de readquirirem forma própria. Além disso, aquelas partes, como essas, não se afastam de seu continente para além de certo ponto, como ficará evidente quando vemos que a matéria dos cometas não pertence a este orbe. E finalmente, mesmo que as partes de um animal sejam da mesma espécie que as partes de outro animal, ainda, por pertencerem a vários indivíduos, nunca as partes de um (as principais e longínquas) inclinam-se para o lugar das partes de outros, como a minha mão nunca se adaptará ao

seu braço e minha cabeça ao seu busto. Assim considerado, dizemos que há semelhança entre todos esses astros, entre todos os mundos, e possuem a mesma razão esta e outras terras. Isso não implica que onde está este mundo devam estar todos os outros, onde este globo está situado devem estar situados os outros, mas pode-se concluir que, assim como está no seu lugar, todas as outras devem estar nos lugares delas, como não é natural que esta se mova para o lugar das outras, não é natural que as outras se movam para o lugar desta; como esta é diferente daquelas em matéria e outras circunstâncias particulares, aquelas são diferentes desta. Assim, as partes desse fogo movem-se para esse fogo, como as partes daquele vão para aquele; as partes desta terra, para essa toda, e as partes daquela terra para aquela toda. Portanto, as partes daquela terra que chamamos Lua, com as suas águas, iriam se moveriam para esta violentamente e contra a natureza, como as partes desta se moveriam para aquela. Ela gira naturalmente em seu lugar e alcança a sua região, que é aquela; esta está naturalmente aqui, na sua região. Assim, suas partes referem-se àquela terra como as desta a esta, e assim também é para as partes de água e de fogo. A parte inferior desta terra não é qualquer ponto da região etérea, fora e além desta (como ocorre com as partes saídas da própria esfera, se é que ocorre), mas está no centro de sua massa ou rotundidade, ou gravidade. Dessa maneira, a parte inferior daquela outra terra não é um lugar fora dela, mas o seu próprio meio ou centro. A parte superior desta terra é tudo o que há em sua circunferência, mas as partes daquela se movem tão violentamente para além de sua circunferência e recolhem-se tão naturalmente para o seu centro como as partes desta, que violentamente se afastam e naturalmente voltam ao próprio meio. E assim como se deve entender a verdadeira semelhança entre estas e aquelas terras.

Elp. — Explicou muito bem, pois como é inconveniente e impossível que um desses animais se mova e fique onde está o outro, e não possua substância própria e individual com o seu próprio lugar e circunstâncias, assim é muito inconveniente que as partes deste tenham inclinação e movimento atual para o lugar das partes daquele.

Fil. — O senhor entende claramente o que diz respeito às partes que são verdadeiramente partes, pois no que concerne aos primeiros corpos indivisíveis, com os quais se compõem na origem o todo, é de se acreditar que hajam certas vicissitudes no espaço pelas quais afluem em algumas partes e emanam de outras. E se estes, por vontade divina, não compõem

segundo o ato novos corpos, dissolvendo os antigos, ao menos possuem essa propriedade, pois, na realidade, os corpos comuns são dissolúveis, mas pode ocorrer que, por virtude interna ou externa, os mesmos persistam pela eternidade, por terem tanto e tal influxo de átomos, quanto têm defluxo, ficando com o mesmo número, como nós, que de maneira parecida, dia a dia, hora a hora, momento a momento, renovamos nossa substância corpórea pela contração e dilatação de todas as partes do corpo.

Elp. — Falemos mais sobre isso. Quanto ao presente, gosto muito do que o senhor notou, que, como se compreenderia subir cada uma das outras terras violentamente para esta, se para qualquer das outras se movesse. Por isso, se andando de qualquer parte desta terra para a circunferência ou última superfície, e para o horizonte hemisférico do éter, fosse-se para cima, assim de qualquer parte da superfície de outras terras para esta se procede por ascensão, já que esta terra é circunferencial às outras, como aquelas são em relação a esta.

Concordo que, apesar de aquelas terras serem de mesma natureza que esta, isso não faz com que se refiram ao mesmo centro, pois o centro de qualquer outra terra não é o centro desta e a sua circunferência não é a circunferência desta, como a minha alma não é a sua e minha gravidade e minhas partes não são suas, apesar de todos esses corpos, gravidades e almas chamarem-se da mesma maneira e serem da mesma espécie.

Fil. — Sim, mas nem por isso gostaria que imaginasse que, se as partes daquela terra se aproximassem desta, não seria possível terem da mesma maneira impulso por esse continente, como se as partes destas se aproximassem daquela; apesar de, de maneira ordinária, não vermos ocorrer isso aos animais e vários indivíduos das espécies desse corpo, ao menos quando um é alimentado e cresce pelo outro, e um se transforma no outro.

Elp. — Muito bem. Porém, o que o senhor diria se toda aquela esfera estivesse tão perto desta quanto acontece que dela se afastem as suas partes, as quais possuem propriedade de voltar ao continente?

Fil. — Considerando-se que as partes principais da Terra cheguem fora de sua circunferência, em tomo da qual está o ar puro e claro, admito que tais partes podem naturalmente voltar daquele lugar para o seu, mas não toda uma esfera diversa, nem descerem naturalmente as suas partes, mas, pelo contrário, subirem violentamente; como as partes desta não desceriam naturalmente para aquela, mas subiriam violentamente.

Em todos os mundos, o extrínseco de sua circunferência é sua parte superior, e o centro intrínseco é a parte inferior, não se tirando de fora, mas de dentro daqueles a razão do meio para o qual as suas partes tendem naturalmente, como ignoram os que, imaginando certo limite e definindo o Universo de forma vã, consideram ser o mesmo o meio e o centro do mundo e o desta Terra, sendo o contrário demonstrado, conhecido e aprovado pelos matemáticos contemporâneos, que descobriram que o centro da Terra não é equidistante da circunferência imaginária do mundo.

Não menciono os outros mais sábios, que, tendo entendido o movimento da Terra, não só por razões próprias à sua arte, mas *et iam* por qualquer razão natural, chegaram à conclusão, sobre o mundo e o Universo, que com o sentido da visão podemos alcançar, mais logicamente e sem cair em erros, e para elaborar uma teoria mais própria e justa, aplicável ao movimento regular dos astros, que andam ao redor do meio, devemos perceber que a Terra está tão afastada do meio quanto do Sol. Assim, facilmente, com os seus próprios princípios possuem meios de descobrir, aos poucos, a inconsistência do que se diz sobre a gravidade desse corpo, da diferença entre esse local e os outros, da distância dos inúmeros mundos, que deste vemos para além dos planetas, e do movimento rápido de todos eles em torno desse único em relação a todos, podendo ainda haver dúvidas sobre os outros inconvenientes, de que é carregada a filosofia vulgar. Para retomar ao ponto de partida, volto a dizer que nenhum astro, no seu todo ou parte dele, estaria apto a se mover para o meio de um outro, apesar de estar próximo a esse, de modo que o espaço ou ponto de circunferência daquele tocasse o ponto ou espaço de circunferência deste.

Elp. — O oposto disso a natureza prudente fez, pois se isso ocorresse, um corpo contrário destruiria o outro, o frio e o úmido iriam aniquilar o quente e seco, de modo que, colocados a certa distância, um vive e vegeta sob influência do outro.

Além disso, um corpo semelhante impediria que o outro se comunicasse e participasse com o conveniente, que dá ao diferente e do diferente recebe; como ocorre por vezes danos não medíocres, que causam à nossa vulnerabilidade as interposições de uma outra terra, que chamamos Lua, e entre esta o Sol. Bem, o que aconteceria se ela estivesse mais próxima da Terra e nos privasse por muito tempo de calor e luz vital?

Fil. — Muito bem dito. Continue agora com o que diz Aristóteles.

Elp. — Ele mostra então uma objeção fictícia, dizendo que um corpo não se move para o outro porque, quanto mais afastado estiver por distância local, mais diferente será sua natureza. E contra isso afirma que a maior e menor distância não são suficientes para fazer com que a natureza seja diferente.

Fil. — Isso, se entendido como se deve, é assaz verdadeiro. Mas nós temos outro modo de explicar e apresentamos outro motivo pelo qual a Terra não se move para outra, estando tanto perto quanto distante.

Elp. — E já o ouviu. Mas também acho que é verdade o que os antigos queriam dizer: que um corpo, quanto maior é o afastamento, menor capacidade tem (chamada de propriedade e natureza, como diziam), pois as partes a que está sujeito muito ar possuem menor potência para dividir o meio e vir para baixo

Fil. — Isso é correto e bem verificado nas partes da Terra que, de certo termo de seu local distante, costumam voltar ao seu continente, apressando-se mais quanto mais próximas estiverem. Mas nós mencionamos agora as partes de uma e de outra terra.

Elp. — Bem, sendo uma terra semelhante à outra e uma parte à outra, o que o senhor acha que aconteceria se estivessem perto? Não existiria igual potência tanto nas partes de uma quanto nas de outra, para se aproximarem e, conseqüentemente, subirem ou descerem?

Fil. — Considerado um inconveniente (se é inconveniente), o que impede de colocar outro, que vem em consequência? Mas, deixando isso, digo que as partes, tendo igual razão e distância de diversas terras, ou ficam ou, determinando um lugar para onde ir, pode-se dizer que descem em relação a ele e que sobem em relação ao outro do qual se afastam.

Elp. — Entretanto, quem saberá se as partes de um corpo principal se movem para um outro corpo principal, apesar de semelhante em espécie? Pois acho que as partes e os membros de um homem não podem caber e ser convenientes a outro homem.

Fil. — A princípio isso é verdade, mas, bem considerado, ocorre o contrário, pois temos visto, por experiência, que a carne de outro pode prender-se ao lugar onde estava o nariz de um e estamos convencidos de que podemos substituir a orelha de um pela de outro.

Elp. — Essa cirurgia não deve ser trivial.¹⁷

Fil. — Decerto que não.

Elp. — Agora pergunto novamente: se ocorresse de uma pedra estar no meio do ar, em um ponto equidistante de duas terras, por que devemos achar que permaneceria fixa? E por que iria preferencialmente para um do que para outro continente?

Fil. — Digo que, não tendo a pedra, por seu formato, mais relação com um que com outro, e tendo um e outro relação igual com a pedra, e sendo as mesmas as suas influências sobre ela, ocorreria que, pela incerteza e razão, em relação a dois termos opostos, permaneceria, não conseguindo se decidir a ir para um ou para outro, já que um não atrai mais que outro e ela não possui mais impulso para um que para outro. Mas se um deles for mais semelhante a ela ou da mesma natureza, ou mais apto a conservá-la, é para ele que a pedra se dirigirá, pelo caminho mais curto, pois o princípio motor fundamental não é a própria esfera e o próprio continente, mas o desejo de conservação; vemos como a chama serpenteia perto da terra inclinando-se para baixo, a fim de andar para o lugar mais próximo em que possa se alimentar e crescer, abandonando a direção do Sol, para o qual não iria sem correr risco de enfraquecer no trajeto.

Elp. — O que o senhor diz do que acrescenta Aristóteles, de que as partes e os corpos congêneres, mesmo estando distantes, movem-se também para o seu semelhante?

Fil. — É fácil perceber que isso é contrário à razão e aos sentidos, como já dissemos. Por certo, as partes extremas ao globo irão mover-se para o semelhante próximo, mesmo que ele não seja seu continente primário e principal. Por vezes, vai para outro que melhor o conserve e alimente, mesmo que não seja semelhante em espécie, pois o princípio interno impulsivo não vem da relação que possui com determinado local, ponto e esfera própria, mas do impulso natural de procurar onde mais rapidamente e melhor possa manter-se e conservar seu ser no presente; mesmo ignóbil, todas as coisas o desejam. Como especialmente querem viver e sobretudo temem a morte os homens que não possuem a luz da verdadeira Filosofia e não entendem outro ser além do presente, pensando que não pode acontecer nada que não já os pertença, pois não entenderam que o princípio vital não consiste de acidentes, que resultam da composição, mas da substância individual e indissolúvel, que, não havendo perturbação, não possui desejo de se conservar nem o medo de se dissipar; isso é característico dos compostos, ou seja, por uma razão simétrica, acidental e de forma, pois nem a substância espiritual que une, nem a material que é

unida podem estar sujeitas a qualquer mudança ou paixão, não buscando, portanto, conservar-se; por essa razão, não cabe a tais substâncias nenhum movimento, mas sim aos compostos. Essa teoria será compreendida quando se souber que ser leve ou pesado não é prerrogativa dos mundos nem às suas partes, pois essas diferenças não existem naturalmente, mas positiva e relativamente.

Além disso, pelo que já consideramos, ou seja, que o Universo não possui limites ou extremidades, mas é imenso e infinito, resulta que os corpos principais não podem se pôr a se mover de modo reto em relação a qualquer meio ou extremos, pois possuem a mesma e igual relação em todos os cantos, fora de sua circunferência; por esse motivo, não possuem outro movimento retilíneo que o das próprias partes em relação a outro meio e centro, que não seja o do próprio conjunto inteiro, continente e perfeito. Isso eu considerarei no momento oportuno. Voltando ao que disse, acrescento: esse filósofo não poderá, pelos seus próprios princípios, verificar que um corpo, mesmo afastado, possa voltar ao seu continente ou semelhante se ele considera os cometas como possuidores de matéria terrestre que subiu, sob forma de exalação, à flamejante região do fogo, sendo suas partes não aptas a descer; porém, arrebatadas pelo vigor do primeiro móvel, giram ao redor da Terra, apesar de não serem quintessência, mas sim corpos terrestres, graves, espessos e densos. Como se demonstra claramente pela sua aparição, a tão longos espaços de tempo, e pela resistência ao grave e vigoroso incêndio de fogo, persistindo, por vezes, mais de um mês a arder, como se verificou em nosso tempo durante 45 dias seguidos.¹⁸

Portanto, se pela distância não se acaba com o atributo da gravidade, por qual razão esse corpo não só não desce, mas fica firmemente girando ao redor da Terra? Se disser que não gira por si mesmo, mas por ser arrebatado, insistirei que da mesma maneira é arrebatado cada um dos seus céus e astros (que ele não admite serem graves ou leves, nem de matéria semelhante). Digo que o movimento desses astros parece ser próprio deles, já que não é como o diurno nem ao de outros astros.

A razão é muito boa para convencer por seus próprios princípios, pois nós explicaremos a verdadeira natureza dos cometas, examinando-a detalhadamente e mostrando que essas incandescências não provêm da esfera do fogo, porque viriam de todas as partes acesas, já que são contidas, segundo toda a circunferência ou superfície de sua massa, no ar

atrito pelo calor, como eles dizem, ou pela esfera de fogo; porém, vemos sempre que a inflamação é de uma parte, concluindo que os ditos cometas são tipos de astros, como bem disseram os antigos, e esses astros, aproximando-se ou afastando-se deste, por motivo de atração e repulsão, primeiro parece que crescem, como se se inflamassem, e depois diminuem, como se se extinguissem, não se movendo ao redor da Terra; entretanto, o seu movimento é além do diurno, próprio da Terra, que, girando com o próprio dorso, toma orientes e ocidentes os lumes que estão além de sua circunferência. E não é possível que aquele corpo terrestre, de tão imenso, possa ser arrebatado e mantido suspenso, opostamente à sua natureza, por um corpo líquido, sutil e aéreo, que não resiste a nada e cujo movimento, se fosse efetivo, seria somente de acordo com o primeiro móvel, pelo qual é arrastado, e não imitaria o movimento dos planetas; então, tanto é considerado da natureza de Mercúrio como da Lua, de Saturno e de outros. Mas isso será abordado em outra oportunidade. Por agora, é suficiente ter dito o que basta como argumento, opondo-se a esse, que não deseja que da proximidade ou afastamento infira-se maior ou menor propriedade de movimento, que ele chama próprio e natural, contra a verdade — à qual não permite que se chame de próprio e natural a um sujeito em determinada posição que nunca lhe seja conveniente; por isso, se as partes além de certa distância nunca se movem para o continente, não se pode dizer que esse movimento seja natural.

Elp. — Caso se considere bem, saber-se-á que os princípios deste são contrários aos reais princípios da natureza. Ele argumenta, a seguir, que “se o movimento dos corpos simples é natural a eles, ocorre que os corpos simples, que existem em muitos mundos e são do mesmo tipo, irão mover-se para o mesmo meio ou para o mesmo extremo”.

Fil. — Isso nunca poderá ser provado por ele, isto é, que devem ir para o mesmo lugar particular e individual, pois, se do fato dos corpos serem do mesmo tipo conclui-se que lhes convém lugar do mesmo tipo, e meio desse tipo, que é o próprio e certo, não se deve nem se pode concluir que exijam o mesmo número de locais.

Elp. — Ele pressentiu esse tipo de resposta algumas vezes e, apesar de seu esforço inútil, responde que quer provar que a diferença numérica não é causa da diversidade de locais.

Fil. — Em geral, vemos que tudo é o oposto disso. Mas, diga lá, como ele prova isso?

Elp. — Ele diz que, se a diversidade numérica dos corpos fosse a causa da diversidade de locais, seria preciso que cada uma das partes desta Terra, diversas em número e gravidade, tivesse no mesmo mundo o próprio meio, o que é impossível e incongruente, já que o número de meios seria tanto quanto o número de partes individuais da Terra.

Fil. — Considere então como é medíocre esse argumento. Considere se, só por isso, pode-se afastar a opinião contrária ou de preferência confirmar aquela. Quem duvida que não é incongruente afirmar ser um o meio de toda a massa, e do corpo e animal inteiro, ao qual se referem e acolhem, e pelo qual se unem e possuem base todas as partes, e visto que podem, ao mesmo tempo, existir claramente inúmeros meios, de acordo com a multidão de partes, podemos, portanto, procurar em cada uma ou tomar ou supor o meio? No homem há somente um meio, que é o coração; depois, há muitos outros meios, de acordo com a multidão de partes, das quais o coração tem o seu meio, os pulmões o seu, o fígado, cabeça, braço, mão e pé, esse osso, essa veia, essa articulação, partículas de membros, tendo lugar particular e determinado, tanto no primeiro e geral, que é todo o indivíduo, como no próximo e particular, que é todo esse ou todo aquele membro do indivíduo.

Elp. — Veja que se pode interpretar que ele não apenas quer dizer que cada parte possui seu meio, mas que há um meio para o qual se move.

Fil. — No final, tudo vai dar no mesmo: no animal não se exige que todas as partes vão para o meio e centro, pois isso é impossível e não apropriado, mas que se refiram a ele pela união das partes e constituição do todo. A vida e a consistência das coisas isoladas só é verificada na devida união das partes, que sempre se admite terem aquele mesmo ermo que se toma por meio e centro. Entretanto, na constituição de um todo completo, as partes são referentes a um só meio. Na constituição de cada membro, as partículas são referentes ao meio particular de cada uma, para que o fígado tome consistência pela união de suas partes, e também os pulmões, cabeça, orelhas, olhos e outros. É assim que não só não é inconveniente, mas muito natural que existam muitos meios, segundo a razão de muitas partes, e partículas de partes, se assim se quiser, pois destes, cada um é constituído, subsistente e consistente, pela consistência, subsistência e constituição dos outros.

Certamente o intelecto revolta-se com a consideração de tais impropriedades que esse filósofo apresenta.

Elp. — Isso se deve à reputação que ele conseguiu, mais por não ter sido compreendido do que por outra coisa. Por favor, considere o quanto esse cavalheiro se compraz com esse argumento ruim. Veja como, quase triunfando, continua com estes termos: “*Se o inquiridor não pode contradizer essas palavras e razões, necessariamente só existe um meio e um horizonte*”

Fil. — Muito bem dito. Continue.

Elp. — *A seguir, prova que os movimentos simples são finitos e estabelecidos, pois a afirmação de que o mundo é um e que os movimentos simples possuem lugar próprio era baseada nisso. Diz assim: “Todo o móvel move-se de certo termo para certo termo e há sempre diferença específica entre o termo de onde e o termo para onde, sendo finita toda a mudança; assim são a doença e a saúde, a pequenez e a grandeza, o aqui e lá, pois o que está para ser curado não tende para outra coisa senão para a saúde. O movimento da Terra e do fogo não é, por isso, no infinito, mas em certos termos diferentes dos lugares de onde se movem, pois o movimento para cima não é o movimento para baixo e esses dois lugares são os horizontes dos movimentos. Assim é definido o movimento reto. O movimento circular não é menos definido, pois, indo de determinado a determinado termo, de oposto a oposto, e sempre aquele, caso se considere a diversidade de movimento que está no diâmetro do círculo; de fato, o movimento de todo o círculo não possui contrário (pois não termina em outro ponto a não ser onde começou), mas nas partes da revolução, quando ela é tomada de um extremo do diâmetro a outro*”

Fil. — Isso não há quem duvide ou negue, que o movimento é determinado e finito, seguindo tais razões. Mas é falso que seja simplesmente estabelecido para cima ou para baixo, como já provamos, pois toda a coisa se move, aqui ou lá, indiferentemente, seja qual for o lugar de sua conservação. E digo (supondo os princípios de Aristóteles e semelhantes) que, se debaixo da Terra estivesse outro corpo, as partes da Terra ficariam aí firmes e naturalmente subiriam. E Aristóteles não negará que, se as partes do fogo estivessem sobre sua esfera (como, por exemplo, onde consideram o céu ou a cúpula de Mercúrio), desceriam naturalmente. Vê, portanto, o quão natural determinam o sobre e o sob, o grave e o leve, depois de ter considerado que todos os corpos, seja onde estiverem e para onde se movam, retêm e procuram, dentro do possível, o lugar de sua conservação.

Entretanto, mesmo que seja verdadeiro que todas as coisas se movem para os seus meios, dos seus e para os seus termos, e todo o movimento, circular ou reto, é encaminhado de oposto a oposto, disso não se conclui que o Universo seja de grandeza finita ou que o mundo seja um só, e não se acaba com o argumento de que o movimento de qualquer ato específico seja apenas infinito, de modo que o espírito, ou como se queira denominar, que faz ou contribui para essa composição, união e vivificação, pode existir e existirá sempre em outras e várias infinitas. Talvez todo o movimento seja finito (dizendo do presente movimento, não absoluta e simplesmente de cada um em particular, mas no todo), e que existam infinitos mundos, pois como cada um dos infinitos mundos é finito e possui uma região finita, assim se ajustam a cada um deles determinados termos do seu movimento e de suas partes.

Elp. — Muito bem dito. Com isso, sem que se suscite nenhum inconveniente contra nós ou coisa que seja a favor do que ele quer provar, lembramos daquele “argumento” que ele acrescenta para demonstrar “que não existe movimento infinito, pois a Terra e o Fogo, quanto mais perto ficam de sua esfera, mais rapidamente se movem, e, por isso, se o movimento fosse no infinito, a velocidade, leveza e gravidade existiriam no infinito”.

Fil. — Que faça bom proveito.

Fra. — Sim, mas isso parece um jogo de bagatelas, pois se os átomos possuem movimento infinito pela sucessão local, que fazem periodicamente, por vezes sendo emanados desse e por vezes influenciando naquele, por vezes juntando-se a essa e por vezes àquela, por vezes concorrendo nessa e por vezes naquela configuração, pelo enorme espaço do Universo, certamente virão a ter movimento local infinito, a deslizar pelo espaço infinito e a concorrer a infinitas alterações, o que não implica que possuam infinita gravidade, leveza ou velocidade.

Fil. — Coloquemos de lado o movimento dos elementos e das partes principais e consideremos apenas o das partes próximas, atribuídas a certas espécies de seres, ou seja, de substância: como as partes da terra que também são terra. Destas, verdadeiramente diz-se que giram e na forma que obtêm não se movem a não ser de certo a certo termo.

E disso não deriva esta conclusão: portanto, o Universo é finito e o mundo é um, mais do que esta outra: logo, os macacos nascem sem cauda; logo, os mochos veem à noite sem óculos; e logo, os morcegos fazem lâ.

E mais, entendendo essas partes, nunca se poderá concluir isso: o Universo é infinito, existem terras infinitas, e uma parte da Terra poderá se mover continuamente no infinito, e deve haver, para uma terra infinitamente distante, impulso infinito e gravidade infinita. E isso, por dois motivos: um que não pode acontecer esse trânsito, pois constando o Universo de corpos e princípios opostos, tal parte não poderia deslizar tanto pela região etérea que não viesse a ser vencida pelo contrário, e chegar a tal ponto que aquela terra já não se movesse mais, porque essa substância já não é terra, tendo, por vitória do contrário, mudado de forma e aspecto.

Em relação ao outro motivo, geralmente vemos ser impossível que da distância infinita possa haver ímpeto de gravidade e leveza, como se diz, se considerarmos que esse impulso das partes não pode existir a não ser na região do próprio continente e que, se estivessem fora dela, não se moveriam aí mais que os humores fluidos (que nos animais vão das partes externas para as internas, das superiores às inferiores, subindo e descendo, movendo-se dessa para aquela parte, e daquela para essa, segundo as diferentes condições) que, colocados fora do próprio continente, ainda que contínuos a ele, perdem tal força e impulso natural. Por isso, essa relação vale para o espaço de determinada região, medido pelo raio, do centro à circunferência: à volta desta há a mínima gravidade e à volta daquela há a máxima, vindo a ser maior ou menor no meio de acordo com os graus de proximidade em tomo de um ou de outra. Isso é visto na seguinte demonstração, na qual *A* significa o centro da região em que, como se diz, a pedra não é grave nem leve; *B* indica a circunferência da região, em que não será da mesma maneira grave ou leve, ficando quieta (na qual aparece ainda a coincidência do máximo e mínimo, que é demonstrada no fim do livro *Do Princípio, Causa e Unidade*); 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 indicam a diferença de espaços intermediários:

- B* 9 nem grave nem leve
- 8 mínimo grave, levíssimo
- 7 muito menos grave, muito mais leve
- 6 menos grave, mais leve
- 5 grave, leve
- 4 mais grave, menos leve
- 3 muito mais grave, muito menos leve
- 2 gravíssimo, mínimo leve
- A* 1 nem grave nem leve

Pode-se ver, então, como é impossível que uma terra deva se mover para outra, crescendo que as partes de cada uma, colocadas fora da circunferência, não possuem esse impulso.

Elp. — O senhor acha que essa circunferência é definida?

Fil. — Sim, em relação à máxima gravidade que possa haver na parte máxima ou se é mais agradável (pois todo o globo não é grave ou leve), em toda a terra. Porém, em relação às diferenças médias de graves e leves, digo que se devem medir tantos valores quantas forem as massas das várias partes que estão compreendidas entre o máximo e o mínimo grave.

Elp. — Deve-se entender essa hierarquia com critério, pelo que percebo.

Fil. — Cada um que possui engenho poderá, por si mesmo, entender como. Quanto às razões de Aristóteles, muito se falou. Vejamos agora se, nas demais, mostra algo de novo.

Elp. — Por favor, tenha paciência, mas falemos isso outra hora, porque Albertino me espera e está disposto a ter aqui conosco amanhã. Acredito que o senhor poderá ouvir dele as mais nobres razões que por opinião oposta possam ser apresentadas, por ser muito prático na Filosofia comum.

Fil. — Faça da maneira que lhe aprouver.

Fim do Quarto Diálogo

Quinto Diálogo

Novo interlocutor: Albertino¹⁹

Alb. — Quero saber qual fantasma, monstro, que homem diferente, que cérebro magnífico é esse que traz novas ao mundo, ou então quais são as coisas velhas e obsoletas que vem renovar, que raízes podadas querem brotar nessa nossa idade.

Elp. — São raízes podadas que ressurgem, são coisas antigas que retomam, são verdades ocultas que são reveladas: é uma nova luz que, depois de longa noite, surge no horizonte e hemisfério de nosso saber, e que aos poucos se avizinha do meridiano de nossa inteligência.

Alb. — Se eu não conhecesse Elpino, sei o que diria.

Elp. — Diga o que quiser, mas se possuir engenho como eu julgo que o senhor possui, concordará com ele, como eu concordo. Se tiver melhor, concordará mais rapidamente e melhor, e eu penso que assim será, já que, aqueles para quem a Filosofia é difícil e a Ciência é comum, sendo ainda discípulos e mal versados nela (mesmo que tal não se julguem, como geralmente acontece), não será fácil trazê-los ao nosso parecer, pois neles tem mais poder a fé universal, vencendo neles principalmente a fama dos autores que lhes têm pegado pelas mãos; por isso admiram a reputação de quem expõe e comenta. Mas os outros, para os quais a Filosofia é clara, ou que chegaram ao ponto no qual já não é necessário gastar o restante da vida para entender o que os outros dizem, mas se possuem luz própria no intelecto, o verdadeiro agente, como Argos, penetram em todos os locais, podendo contemplá-la nua por mil portas, com os olhos dos vários conhecimentos; poderão, chegando mais perto, distinguir o que se acredita e se tem por verdadeiro e aprovado, por haverem olhado de longe, por força do costume e sentido geral, daquilo que verdadeiramente é e deve ter-se por certo, como possuindo verdade e substância das coisas.

É muito difícil que aprovelem essa Filosofia os que não possuem a boa felicidade e engenho natural ou não são espertos o suficiente nas várias disciplinas, não tendo tanto poder no ato reflexo do intelecto, que saibam discernir o que é fundamentado na fé do que é estabelecido pela evidência dos reais princípios, pois há coisas que o vulgo tem por princípio que,

depois de bem consideradas, resultam em conclusões absurdas e impossíveis. Não mencionando os engenhos sórdidos e mercenários que, pouco ou nada afeitos à verdade, contentam-se em saber aquilo que em geral se toma por saber, pouco amigos da verdadeira sabedoria, mas ávidos de fama e reputação, desejosos de parecer, mas pouco cuidadosos em ser. Por fim, é difícil que se escolha entre as diferentes opiniões e às vezes afirmações paradoxais, quem não possuir um juízo sólido e reto sobre elas. É difícil que tenha capacidade para julgar quem não possui a habilidade de comparar umas às outras, estas àquelas, e com muita dificuldade compara coisas diversas quem não entende os elementos que as distinguem. Mais difícil é entender no que diferem umas coisas das outras, ficando ocultos o ser e a substância de cada uma delas, e isso não é evidente se não for claro por suas causas e princípios, nos quais se fundamentam. Só depois de haver visto com os olhos do intelecto e considerado com juízo reto os fundamentos, princípios e causas em que se basearam essas diferentes e contrárias filosofias, conhecidas e contrapesadas com a balança intelectual a natureza, substância e propriedade de cada uma;

considerada a diferença que há entre umas e outras, e depois de comparar e julgar corretamente, poderão se pronunciar sem hesitar, escolhendo de acordo com a verdade.

Alb. — Ser solidário com opiniões inúteis e estultas é próprio de inúteis e estultos, disse o príncipe Aristóteles.

Elp. — Está bem dito. Mas, se bem se observar, essa sentença e esse conselho são utilizados contra as suas próprias opiniões, quando forem claramente estultas e inúteis. Quem quiser julgar sabiamente, como já disse, deve desnudar-se do hábito de acreditar e deve julgar possível tanto uma quanto a outra contraditória, a sacudir de si aquele hábito de acreditar em que se está imerso desde o nascimento; tanto a que nos apresenta a conversação geral como a outra, pela qual renascemos com a Filosofia, morrendo para o comum entre os estudiosos considerados sábios por uma geração e em uma determinada época. Quero dizer com isso que, quando há controvérsias entre esses e outros julgados sábios por outras gerações e em outras épocas, se quisermos julgar com retidão, devemos lembrar o que disse o próprio Aristóteles: que, talvez pelo fato de nós só considerarmos algumas poucas coisas, emitimos por vezes julgamentos demasiadamente precipitados; além disso, por vezes, a opinião por força

do hábito toma de tal maneira o nosso consentimento que coisas impossíveis aparentam ser necessárias e outras, que são muito verdadeiras e necessárias, parecem ser impossíveis. E se isso acontece com o que é evidente, o que ocorrerá com o que é duvidoso, que depende de princípios bem fundamentados e firmes?

Alb. — O comentador Averróis e muitos outros dizem que não se pode saber o que Aristóteles ignorou.

Elp. — Todos eles tinham um engenho tão medíocre e estavam em trevas tão escuras que o mais alto e importante que viam eram Aristóteles. Entretanto, quando esses e outros deixam de lado tais afirmações, querendo falar com mais cuidado, deveriam dizer que Aristóteles era um deus, e isso não para o sublimar, mas para justificar a própria incapacidade, semelhantes a macacos, que acham seus filhos as mais belas criaturas do mundo e seus parceiros os mais gentis do planeta.

Alb. — Parturient montes...

Elp. — Verá que não nasce um rato.

Alb. — Muitos atiraram flechas e tramaram contra Aristóteles, mas seus castelos caíram, suas flechas romperam-se e seus arcos emperraram.

Elp. — O que ocorre quando uma idiotice combate a outra? Uma será poderosa contra a outra, mas nem por isso deixa de ser idiotice e não será, finalmente, descoberta e vencida pela verdade?

Alb. — Afirmando ser impossível contradizer Aristóteles.

Elp. — Isso é muito precipitado para se afirmar.

Alb. — Eu não digo nada sem antes ter observado bem e melhor ainda considerado o que Aristóteles diz. E nele não só não existe erro como enxergo divindade em tudo o que disse. Acredito que ninguém poderá perceber o que eu não cheguei a conhecer.

Elp. — O senhor mede o estômago e o cérebro dos outros pelo seu e julga ser impossível para os outros o que é impossível para si mesmo. Há no mundo pessoas tão infelizes que, além de não possuírem bens, possuem, por obra do destino, uma fúria infernal por companheira que voluntariamente ofusca sua visão com o véu negro da inveja corrosiva para não verem a sua nudez, pobreza, miséria, e os ornamentos, riqueza e felicidade dos outros; preferem adoecer por soberba e vil penúria e ser sepultadas sob o estrume da maldita ignorância a serem flagrados vislumbrando uma nova disciplina, pois têm a impressão de que assim confessam ser até então ignorantes e ter um ignorante por mestre.

Alb. — O senhor pretende, *verbi gratia*, que eu me tome discípulo desse aí, eu, doutor aprovado por mil academias, que exerce profissão pública de Filosofia nas primeiras academias do mundo, negando Aristóteles para dessa pessoa aprender Filosofia?

Elp. — Eu, não como doutor, mas como indouto, gostaria de ser ensinado, não como quem deveria ser, mas como sou, desejaria aprender, e por isso aceito como mestre não só esse, mas qualquer um que os deuses me enviarem por mestre, pois eles me farão compreender aquilo que não entendo.

Alb. — Quer, portanto, que eu torne a ser criança?

Elp. — O contrário disso.

Alb. — Agradeço sua gentileza, pois pretende melhorar-me e engrandecer-me, fazendo-me ouvir esse desgraçado, publicamente odiado na academia, adversário das doutrinas comuns, louvado por poucos, aprovado por ninguém e perseguido por todos.

Elp. — Não me importa que seja perseguido por todos, mas por ser louvado por poucos que são excelentes e heroicos. Ele é opositor das doutrinas comuns não por serem doutrinas ou por serem comuns, mas por serem falsas; é odiado na academia porque onde existe discordância não há amor; é atribulado porque a turba é contrária a quem não está com ela e quem se coloca no alto fica alvo de muitos. Descrevendo o seu caráter, em relação à maneira de abordar assuntos especulativos, digo que não possui muita curiosidade de ensinar, mas sim de compreender; e ele ouvirá a boa nova e sentirá maior prazer quando perceber que o senhor quer ensiná-lo (mesmo que possua esperança no resultado), do que se lhe dissesse que queria ser ensinado por ele, pois seu desejo consiste mais em aprender que em ensinar, achando-se mais apto para o primeiro que para o segundo. Ele vem vindo, junto a Fracastório.

Alb. — Pois seja bem-vindo, Filóteo.

Fil. — Agradeço.

Alb. — Feno e palha no bosque a ruminar

Como o boi, o cavalo, o carneiro, o chibo e o jumento!

Mas eis que melhor vida agora intento

E catecúmeno me venho tornar.²⁰

Fra. — Seja bem-vindo.

Alb. — Até o instante, julguei as suas posições, pois as achei indignas de serem ouvidas, assim como respondidas.

Fil. — Eu também julgava assim nos primeiros anos, enquanto me ocupava de Aristóteles. Depois que vi e considerei mais coisas, podendo analisá-las com critério mais amadurecido, talvez eu tenha desaprendido e perdido o juízo. Como isso é doença e ninguém a sente mais que o próprio doente, eu, levado por uma suspeita e movido da doutrina à ignorância, estou bem contente de ter topado com tal médico, que todos julgam competente para me curar de tal mal.

Alb. — Não o podendo fazer a natureza, eu também não posso, se o mal tiver penetrado até o osso.²¹

Fra. — Por favor, senhor, primeiro tome o pulso e analise a urina, pois, depois disso, se não pudermos prover a cura, pelo menos teremos critério para fazer o diagnóstico.

Alb. — A forma de tomar o pulso é ver como ele se sai de alguns argumentos que agora farei ouvir e que comprovam necessariamente a impossibilidade de mais mundos, e mais ainda de que os mundos sejam infinitos.

Fil. — Ficarei muito grato quando o senhor houver me ensinado isso, e mesmo que sua intenção não logre sucesso, eu ficarei devedor, pelo fato de confirmar minha impressão, pois, na realidade, estimo-o de tal maneira que pelo senhor posso perceber toda a força da opinião contrária; ao mesmo tempo, o senhor que é mestre em ciências ordinárias, poderá notar a potência de seus edifícios e suas fundações, pela diferença que possuem dos nossos princípios. Bem, para que não sejam interrompidos os nossos raciocínios e cada um possa, à vontade, explicar tudo, peço o favor de apresentar suas razões que acha fundamentais, e mais firmes, que demonstrativamente pareçam concluir.

Alb. — Farei isso. Iniciarei, pois, por aquela que não admite existir lugar ou tempo fora deste mundo, pois se afirmou a existência de um primeiro céu e primeiro corpo, que está bem distante de nós e é o primeiro móvel. Disso vem o costume de chamar de céu ao que é o supremo horizonte do mundo, no qual ficam todas as coisas móveis, fixas e quietas, que são as inteligências motrizes do céu. Também, dividindo o mundo em corpo celeste e elementar, o primeiro é limitado e contido e o segundo é limitante e continente, e a ordem no Universo é tanta que, indo do corpo mais denso ao mais sutil, aquele que está sobre o convexo do fogo, no qual estão fixos o Sol, a Lua e as outras estrelas, é uma quintessência que não deve ser seguida pelo infinito, pois seria impossível a ela chegar ao

primeiro móvel, mesmo que se repita o que ocorre com os outros elementos, tanto por serem circunferenciais quanto pelo corpo incorruptível e divino ser compreendido e contido pelos corruptíveis, o que é inconveniente, pois ao divino convém a razão de forma e ato, conseqüentemente de “compreendente”, “configurante”, “terminante”, e não a maneira da matéria terminada, compreendida e figurada. Em seguida, argumento com Aristóteles: “se fora deste céu há algum corpo, ou será simples ou será composto”, e qualquer que seja a maneira que se afirma, pergunto se ele está aí como em lugar natural ou violenta e acidentalmente. Mostramos que lá não há corpo simples, pois não é possível que o corpo esférico mude de lugar, porque como é impossível que mude o centro, também não é possível que mude de sítio, já que só por violência ele pode estar fora do próprio sítio e não pode haver nele violência nem ativa nem passivamente. Assim também não é possível que exista fora do céu um corpo simples, com movimento reto, pois os lugares desses corpos são diferentes dos lugares fora do mundo. Não se pode afirmar que esteja lá acidentalmente, pois quereria dizer que outros corpos lá estão naturalmente. Bem, estando provado que não há corpos simples além dos que são parte da composição deste mundo, e que são móveis de acordo com três tipos de movimento local, por consequência não há fora do mundo outro corpo simples. Se é assim, também é impossível que aí haja algum composto, pois este deriva daqueles e neles se resolve.

Dessa forma, é claro que não há muitos mundos, pois o céu é único, completo e perfeito, não havendo nem podendo haver outro semelhante a ele. Disso se conclui que fora desse corpo não pode haver lugar pleno ou vácuo nem tempo. Não há lugar, pois se este for pleno, conterá corpo simples ou composto, e eu havia dito que fora do céu não há corpo simples ou composto. Se for vácuo, então, de acordo com a razão do vácuo (que se define como espaço que pode conter corpo), poderia lá haver. E eu mostrei que fora do céu não pode haver corpo. Não há tempo, pois o tempo é número de movimento e o movimento é propriedade de corpo; portanto, onde não existe corpo não existe movimento, nem número, nem medida de movimento e onde não há medida, não há tempo. Como provamos que fora do mundo não há corpo, fica assim demonstrado que não existe movimento nem tempo. Se for assim, não existe lá algo temporal nem móvel e, conseqüentemente, só há um mundo.

Segundo, a unidade do mundo pode ser deduzida principalmente da unidade do motor; é algo aceito que o movimento circular é um, uniforme, sem princípio ou fim. Se for um, é um efeito que só pode advir de uma causa. Se for um o primeiro céu sob o qual estão todos os inferiores, que tendem para a mesma ordem, é preciso que o governante e motor sejam únicos. Ele sendo imaterial, não pode ser multiplicado por número ou pela matéria. Se for um o motor, e de um motor só vem movimento, e um movimento (complexo ou não) só existe em um móvel simples ou composto, e daí vem que o Universo é móvel e um. Por isso, não existem mais mundos.

Terceiro, conclui-se, principalmente dos corpos móveis, que o mundo é um só. Os tipos de corpos móveis são três: grave em geral, leve em geral e neutro, ou seja, terra e água, ar e fogo e céu. Dessa maneira, os lugares móveis são também três: ínfimo e central, para onde o corpo muito grave vai, supremo, que está mais longe daquele, e médio, entre o ínfimo e o supremo. O primeiro é grave, o segundo não é grave nem leve e o terceiro é leve. O primeiro é do centro, o segundo é da circunferência e o terceiro é do espaço entre centro e circunferência. Há, portanto, um lugar inferior, para onde se movem todos os graves, em qualquer mundo em que estejam, e um lugar superior, para o qual vão todos os leves, de qualquer mundo; há, portanto, um lugar em que se move o céu, qualquer que seja o mundo a que pertença. Bem, se há um lugar, há um só mundo, e não há mais mundos.

Quarto, suponhamos que há mais centros para os quais os graves de diversos mundos se encaminham; há mais limites superiores, para os quais o leve se dirige e esses lugares de diversos mundos não são diferentes em espécie, mas só em número. Ocorreria que entre um meio e outro haveria mais distância que entre um meio e seu limite superior. Mas os meios são da mesma espécie e o meio e o horizonte são contrários, e com isso haveria maior distância local entre os que são do mesmo tipo do que entre os que são opostos. Isso vai contra a natureza desses opostos, pois, quando se diz que os primeiros opostos estão afastados ao máximo, entende-se que esse máximo é a distância local, que deve existir nos opostos sensíveis. Vê-se, então, o que deriva da hipótese de existirem mais mundos e portanto tal hipótese não só é falsa, mas também impossível.

Quinto, se existissem mais mundos semelhantes em tipo, deveriam ser iguais ou proporcionais (tudo é o mesmo, segundo o argumento); se for

assim, não poderão haver mais que sete mundos contínuos a este, pois, sem haver interpenetração de corpos, não há mais que seis esferas contínuas a uma, como, sem interceptar linhas, não podem tocar um outro mais que seis círculos iguais (figura 2). Sendo assim, ocorre que vários horizontes estarão em tantos pontos (em que os seis mundos externos tocam esse nosso mundo ou outro) ao redor de um só centro. Mas, já que a eficiência dos dois primeiros opostos deve ser igual, isso resultaria em desigualdade e os elementos superiores seriam mais poderosos que os inferiores, e os primeiros venceriam os segundos, aniquilando, por consequência, a esfera central.

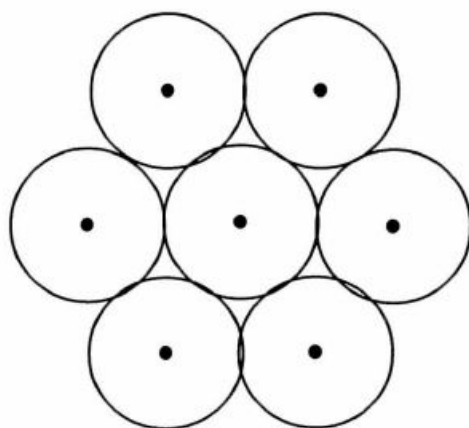


Fig. 2

Sexto, se os círculos não se tocam a não ser em um ponto, é preciso que haja espaço entre o convexo de uma esfera e outra, e aí ou há algo que o preencha ou nada. Se há qualquer coisa, certamente não pode ser na natureza de um elemento distante do convexo da circunferência, pois, como se vê, o espaço é triangular, limitado por três arcos que são partes de circunferências de três mundos e por isso vem a ser o meio mais distante das partes que estão mais perto dos ângulos e muito afastados daqueles, como pode ser claramente verificado. É preciso, então, imaginar novos elementos e um novo mundo, diferente em natureza desses elementos e mundo para preencher aquele espaço. Ou então é preciso admitir o vácuo, o que supomos ser impossível.

Sétimo, se houvesse mais mundos, ou seriam finitos ou infinitos. Se fossem infinitos, o infinito existiria em ato, o que por muitas razões é impossível. Se fossem finitos, seria preciso que fossem em determinado

número e sobre isso é preciso investigar, pois são tantos, nem mais, nem menos, pois não existe sequer mais um, que importaria um ou outro a mais; se fossem pares ou ímpares seria preciso saber o porquê disso, pois toda a matéria distribuída em vários mundos não está englobada em um mundo apenas, sendo que a unidade é menor que a multidão, em paridade de condições, pois a matéria, se está dividida em quatro, seis ou dez terras, não constitui antes um grande globo, perfeito e único. Como, portanto, entre o possível e o impossível está o número finito preferencialmente ao infinito, assim como o conveniente e o inconveniente, é mais lógica e em conformidade com a natureza a unidade do que a pluralidade ou multidão.

Sétimo,²² vê-se que em todas as coisas a natureza atua sem supérfluos, pois, como não é falha em coisas necessárias, também não abunda em coisas supérfluas, podendo fazer tudo nas obras deste mundo, não havendo assim razão para se querer imaginar que haja outros.

Oitavo, se houvesse infinitos mundos, ou mais que um, existiriam essencialmente por isso, que Deus pôde fazer, ou então que possam depender de Deus. Porém, mesmo que isso seja verdadeiro, não se conclui, entretanto, que existam, pois além da potência ativa de Deus existe a potência passiva das coisas, pois da absoluta potência divina não depende aquele tanto que se pode fazer na natureza, já que nem toda potência ativa se converte em passiva, mas somente a quem possui paciente proporcional, ou seja, um sujeito que possa receber todo ato do eficiente; desse modo, à primeira causa não corresponderia coisa alguma causada. Portanto, pelo que pertence à natureza do mundo, não pode haver mais que um, apesar de Deus poder fazer mais que um.

Nono, a pluralidade de mundos é algo desprovido de razão, pois não existiria neles a gentileza civil que consiste na convivência civil; os deuses criadores de diversos mundos não haveriam procedido bem se não proporcionassem aos cidadãos dos ditos mundos relações recíprocas.

Décimo, com a pluralidade dos mundos, o trabalho de cada motor ou deus seria perturbado, pois sendo inevitável que as esferas se toquem em um ponto, ocorreria que um não poderia se mover contra o outro e seria difícil que o mundo fosse governado por deuses, por meio do movimento.

Décimo primeiro, pluralidade de indivíduos não pode advir de um, a não ser pelo ato por meio do qual a natureza se multiplica por divisão de matéria, e esse ato é a geração: Aristóteles disse isso a todos os peripatéticos. Os indivíduos não se multiplicam a não ser pelo ato da

geração. Porém, os que afirmam existir mais mundos da mesma matéria, forma e espécie não afirmam que um se converta em outro nem se gere do outro.

Décimo segundo, o que é perfeito não admite adições; portanto, se este mundo é perfeito, não precisa de outro que se lhe acrescente. O mundo é perfeito, antes como tipo de contínuo que não termina em outra espécie de contínuo, já que o ponto, matematicamente indivisível, gera uma linha, que é uma espécie de contínuo; a linha gera uma superfície, que é a segunda espécie de contínuo e a superfície gera um corpo, que é a terceira espécie de contínuo. O corpo não emigra nem se transforma em outra espécie de contínuo, mas, se é parte do Universo, é limitado senão por outro corpo, e se é Universo, é perfeito, não sendo limitado senão por si mesmo. Portanto, o mundo e o Universo é um, se deve ser perfeito.

Essas são as doze razões que me limito a apresentar por hora; se me satisfizer nelas, considero-me satisfeito em todas.

Fil. — É preciso, meu Albertino, que alguém que se proponha a defender uma conclusão, se não for totalmente louco, tenha examinado as razões contrárias; seria como um estúpido soldado que se propõe a defender uma cidade sem antes considerar as circunstâncias e os locais por onde pode ser assaltada.

As razões que o senhor apresenta (admitindo que sejam razões) são bem comuns e já ditas por muitos. Responderei da melhor maneira possível a todas, apenas considerando, por um lado, os seus fundamentos e, por outro, o modo de nossa afirmação. Ambos são claros pela ordem que vou dar na resposta, que será constituída de breves palavras, pois, se é preciso dizer e explicar outras coisas, referir-me-ei ao pensamento de Elpino, que repetirá o que já me ouviu falar.

Alb. — Antes me permita que me convença que isso pode ser proveitoso, e não sem satisfação para um que deseja saber, pois, certamente, não ficarei aborrecido de ouvi-lo primeiro e depois a ele.

Fil. — Para os sábios e judiciosos, entre os quais o considero, é suficiente mostrar o ponto que está em questão, pois por eles mesmos podem fazer ideia dos meios pelos quais se vai a uma ou outra posição, contrária ou paradoxal. Por isso, em relação à primeira dúvida, digo que toda a construção desaba se não há distinções entre orbes e céus, e que os astros, nesse enorme espaço etéreo, movem-se por princípio intrínseco, ao redor do próprio centro e em tomo de qualquer outro meio. Não é um

primeiro móvel que realmente arrebatava tantos corpos, ao redor desse meio, mas é apenas esse nosso globo que causa a aparência desse movimento. E Elpino mostrará as razões que embasam isso.

Alb. — Com todo o prazer ouvi-las-ei.

Fil. — Quando ouvir e entender que aquela maneira de ver é contrária à natureza, e isso seguindo estritamente a razão, sentidos e verificação natural, já não afirmará que há um limite, um termo do corpo e do movimento do Universo, e que é apenas vã fantasia achar que há esse primeiro móvel, esse céu supremo e continente, em lugar de um espaço geral no qual existem outros mundos, assim como este globo terrestre nesse espaço, que está circundado por este ar, sem que esteja fixado em qualquer outro corpo e tenha outra base que não o próprio centro. E se notarmos que não se pode provar que este mundo, por não apresentar acidentes distintos dos que outros astros circunstantes mostram, é de outra condição ou natureza e não se pode julgar que ele está no meio do Universo mais que qualquer outro e que antes pareça ser ele rodeado por aqueles do que aqueles por esse, de modo que, entendendo-se essa igualdade natural, se conclui a falta de base dessa ideia dos céus móveis, a eficiência da alma motriz e natureza interna, que impulsionam esses globos, a amplidão do espaço do Universo, a falta de base para limites e a configuração externa dele.

Alb. — São coisas que, em verdade, não repugnam à natureza e podem ser mais convenientes, mas são muito difíceis de provar, requerendo enorme empenho para soltar-se das razões e opiniões contrárias.

Fil. — Quando encontrarmos a ponta do fio, rapidamente se desembaraçará a meada, pois a dificuldade provém de um modo e de um pressuposto que estão longe da realidade, ou seja, a gravidade da Terra, sua imobilidade, a posição do primeiro móvel e de outros sete, oito, nove ou mais, em que os astros estão postos, gravados, chapados, pregados, atados, colados, esculpidos ou pintados, e não estando em um mesmo espaço, que o senhor ouvirá não ser de local, forma, natureza mais ou menos elementar que todos os outros nem menos móvel por princípio interno que cada um dos outros divinamente animados.

Alb. — Certamente, assim que esse pensamento adentrar minha cabeça, facilmente todos os outros que o senhor propõe irão segui-lo. Ao mesmo tempo, arrancará as raízes de uma Filosofia e plantará as de outra.

Fil. — Dessa maneira, o senhor desprezará segundo uma razão, e não adotará a opinião comum, que afirma popularmente que um supremo horizonte, alto e nobre, limita as substâncias divinas, imóveis e motoras dessas esferas imaginárias. Porém, pelo menos confessará que também se pode crer que, assim como esta Terra é um animal móvel, capaz de mover-se por princípio interno, todos os outros astros também assim o são, e não móveis de acordo com o movimento de arrastar de um corpo que não possui tenacidade ou consistência, ainda mais raro e sutil que o ar que respiramos. O senhor verá que essa maneira de ver não é senão mera fantasia, que não pode ser demonstrada pelos sentidos e que a minha se baseia em juízo reto e razão bem fundamentada. Dirá que não é mais verdadeira que as esferas imaginadas de superfície côncava e convexa que se movem levando com elas as estrelas, que verdadeiramente, de acordo com nosso intelecto e conveniência natural, sem ter medo de cair para baixo ou subir para o alto (já que no imenso espaço não há em cima, embaixo, direito, esquerdo, adiante e atrás), fazendo os seus trajetos ao redor umas das outras, pela razão de sua vida e consistência de acordo com o que ouvirá em ocasião oportuna. Verá como fora dessa circunferência imaginária do céu pode haver corpo simples ou composto, móvel de movimento reto, pois como as partes deste globo movem-se com movimento reto, assim exatamente podem se mover as partes dos outros, porque este não é feito e composto de algo diferente dos outros, que se movem ao redor deste, e de outros, não parecendo que rode em tomo dos outros menos que os outros em tomo deste.

Alb. — Mais que nunca agora percebo que um pequenino erro no princípio causa uma enorme diferença e desvio errado no final, e um único e simples inconveniente multiplica-se aos poucos, ramificando-se em infinitos outros, como uma pequena raiz em grandes e vários troncos e ramos. Em minha vida, muito anseio, Filóteo, que isso o que o senhor diz seja provado e tomado por verdadeiro, conforme eu o julgo digno e verdadeiro.

Fil. — Farei tudo o que a oportunidade do tempo me pemiitir, levando ao seu juízo coisas que até o presente momento, não por incapacidade, mas por inadvertência, têm sido ocultadas.

Alb. — Resuma tudo, e como conclusão, pois sei que antes de haver compartilhado dessa opinião, pôde examinar muito bem o oposto, pois

estou convencido de que ao senhor, não menos que a mim, os segredos da Filosofia comum estão abertos. Continue.

Fil. — Não se deve buscar se fora do céu há vácuo, lugar ou tempo, pois um é o lugar geral e um é o espaço imenso, que podemos livremente denominar vácuo, no qual há inúmeros e infinitos globos, assim como este em que vivemos e vegetamos. Dizemos que esse espaço é infinito, pois não há razão, conveniência, possibilidade, sentido ou natureza que o faça finito: nele há infinitos mundos similares a este e não diferentes deste em gênero, pois não há razão positiva ou negativa na natureza, ou seja, tanto potência ativa como passiva, pela qual, como existem nesse espaço em torno de nós, não haja igualmente em todo o outro espaço que não é de natureza diferente desse.

Alb. — Se o que o senhor disse antes é verdade (como não é até agora menos verdadeiro que seu oposto), isso é necessário.

Fil. — Portanto, fora da circunferência imaginária e convexa do mundo há o tempo, pois aí existe a medida e a razão do movimento, e aí há semelhantes corpos móveis. Isso é suposto em parte e pressuposto em parte sobre o que o senhor afirmou como primeira razão da unidade do mundo.

Quanto ao afirmado em segundo lugar, eu concordo que há, realmente, um motor primeiro e principal, mas não de modo que, por determinada hierarquia, pelo segundo, terceiro e outros, possa, numerando, descer ao médio e ao último, já que esses motores não existem nem podem existir, pois onde há multidão infinita não há grau ou ordem numérica, apesar de existir grau e ordem de acordo com a razão e dignidade, ou de diferentes espécies e gêneros ou de diferentes graus do mesmo gênero e na mesma espécie. Existem, portanto, infinitos motores, assim como existem infinitas almas dessas infinitas esferas que, por serem formas e atos internos, havendo um primeiro princípio em relação a todas elas, do qual todas dependem, há um primeiro motor que dá a propriedade de movimento aos espíritos, às almas, aos deuses, numes e motores, e mobilidade à matéria, ao corpo, ao animado, à natureza inferior, ao móvel. Há, portanto, infinitos móveis e motores, reduzindo-se todos a um princípio passivo e um princípio ativo, assim como todo número se reduz à unidade; o número infinito e a unidade coincidem, e o supremo agente que tem o poder de fazer tudo coincide com o que é possível ser feito, como se mostrou no fim do livro *Acerca da Causa, do Princípio e da*

Unidade. Por isso, sob o ponto de vista do número e multidão, há móvel infinito e motor infinito, mas na unidade e singularidade há um motor infinito imóvel, um universo infinito e imóvel, e essa grandeza e número infinito, e aquela infinita unidade e simplicidade coincidem em um princípio muito simples e individual, verdadeiro ser. Dessa maneira, não há um primeiro móvel ao qual sucede o segundo e até o último ou o infinito, mas todos os móveis estão da mesma maneira próximos e afastados em relação ao primeiro e ao universal motor. Como, por lógica, todas as espécies possuem relação igual ao mesmo gênero, todos os indivíduos à mesma espécie, assim também de um motor universal infinito há um movimento universal infinito, em um espaço infinito, e dele dependem infinitos móveis e motores, e cada um deles é finito em massa e poder.

Quanto ao terceiro argumento, digo que não há no campo etéreo nenhum ponto específico para o qual (como um meio) se movam as coisas graves, e do qual (como para a circunferência) se afastem as coisas leves, pois, no Universo, não existe meio ou circunferência, mas, se assim se preferir, em tudo há um meio e cada ponto pode ser tomado como parte de qualquer circunferência, em relação a qualquer meio ou centro. Bem, em minha opinião, diz-se grave ao que se move da circunferência deste globo para o meio e leve o que, ao contrário, vai para o lugar oposto; mas mostrarei que nada é grave sem que ao mesmo tempo não seja leve, pois todas as partes da Terra mudam de lugar e temperamento. Durante um longo período, não há parte central que não se tome circunferencial e vice-versa. Veremos que gravidade e leveza não são mais que impulso das partes dos corpos para o próprio continente ou conservante, onde quer que ele esteja. Não são, porém, as diferenças de situação que atraem as partes nem que as repelem, mas é o desejo de se conservar que impulsiona todas as coisas como princípio interno e, se não há obstáculos, leva-as para onde melhor fujam do contrário e juntem-se ao conveniente. Da mesma maneira, da circunferência da Lua e de outros mundos como esse, em espécie ou gênero, as partes irão unir-se ao meio do globo por força da gravidade, indo para a circunferência as partes de menor densidade, como se fosse por força da leveza. E não é por fugirem da circunferência, pois, se fosse assim, quanto mais se aproximassem dela, com mais velocidade para aí iriam, e quanto mais se afastassem, mais impetuosamente para o sítio oposto lançar-se-iam. Ocorre, entretanto, o contrário disso: se se

movessem para além da região da Terra, ficariam suspensas no ar e não subiriam, mas desceriam até que, ao adquirir gravidade maior, por adição das partes ou condensação pelo frio, atravessariam o ar sobposto e voltariam ao continente, onde, dissolvidas e atenuadas pelo calor, dispersar-se-iam em átomos.

Alb. — Isso tudo muito me agradará quando o senhor mais completamente tiver me feito ver a semelhança dos outros astros com este globo terrestre!

Fil. — Isso Elpino poderá com facilidade repetir, como ouviu de mim. E ele fará ouvir com mais clareza que nenhum corpo é grave ou leve em relação à região do Universo, mas só as partes em relação ao todo, continente próprio ou conservante, pois os²³ que, pelo desejo de conservarem-se no ser presente, movem-se ao logo de todos os pontos de sua trajetória, condensam-se com os mares e as gotas fazem e desagregam-se como todos os líquidos expostos ao Sol ou outros fogos; todo o movimento natural vem de um princípio interno e só tende a fugir do inconveniente e contrário e seguir o amigo e conveniente. Entretanto, nada se move do seu lugar se não há um impulso contrário, e nada é grave ou leve no seu próprio lugar, mas a terra, pairando no ar, esforçando-se para atingir o seu lugar, é grave e sente-se grave. Também a água suspensa no ar é grave, mas não grave no próprio lugar; para o que está submerso, toda massa de água não é grave, mas no ar, fora da superfície da terra, um pequeno vaso cheio de água fica grave.

A cabeça não é grave em relação ao peito, mas será grave a cabeça de um outro se for sobreposta à nossa cabeça, e a razão disso é não estar em seu lugar natural. Se, conseqüentemente, gravidade e leveza são impulso para o lugar continente e fuga do contrário, nada, a não ser que esteja em seu lugar natural, é grave ou leve, e nada possui gravidade ou leveza longe do próprio continente e afastado do contrário, a não ser que sinta a atração de um e a repulsa de outro; mas, sentindo a repulsa de um, desespera-se e fica atônito e indeciso em relação ao contrário e é vencido por ele.

Alb. — O senhor prometeu e, em grande parte, prova grandes coisas.

Fil. — Para não dizer duas vezes a mesma coisa, confio que Elpino diga o restante.

Alb. — Acho que entendo tudo, pois uma dúvida excita a outra, uma verdade mostra a outra; começo a ver mais do que é possível a mim explicar, e muitas coisas que tinha até o momento como certas começo a

achá-las duvidosas. Por isso, aos poucos, vou ficando inclinado a concordar com o senhor.

Fil. — Quando houver me entendido plenamente, plenamente me consentirá. Porém, por ora, retenha isso, ou pelo menos não fique firme na opinião oposta, como antes estava quando iniciamos a discussão, pois, aos poucos e em diversas ocasiões, explicarei totalmente tudo o que for a esse respeito e que depende mais de princípios e causas, pois, como um erro acrescenta-se ao outro, também a uma verdade descoberta sucede outra.

Sobre o quarto argumento, digo que, mesmo que haja tantos centros quantos são os indivíduos, globos, esferas e mundos, não vem daí que as partes de cada um se refiram a outro centro sem ser ao próprio nem que se afastem para outra circunferência sem ser da própria região. Dessa maneira, as partes desta terra não miram outro centro e nem irão unir-se a outro globo a não ser este, como os humores e partes dos animais possuem fluxo e refluxo no próprio sujeito e não pertencem a outro, diferente em número.

Quanto ao que o senhor mostra como inconveniente, ou seja, que o meio que se ajusta em espécie a outro meio será mais distante daquele do que o centro e a circunferência, que são, naturalmente, contrários, e por isso são afastados ao máximo, eu digo: primeiro que os opostos não devem estar afastados ao máximo, mas apenas o suficiente para que um possa exercer ação sobre o outro e possa sofrer ação do outro, como ocorre com o Sol, que está perto de nós, em relação às terras que estão ao seu redor; já que a ordem da natureza estabeleceu que um contrário exista, viva e alimente-se do outro, enquanto um é afetado, alterado e vencido e converte-se no outro.

Além disso, falei há pouco com Elpino sobre a disposição dos quatro elementos que concorrem como partes na composição de cada globo, estando cada uma dentro da outra e misturada com a outra, e não são diferentes como conteúdo e continente, pois onde há terra, há água, ar e fogo, aberta ou latentemente; e que a diferença que fazemos entre os globos, sendo uns fogo como o Sol e outros água como a Lua e a Terra, não vem do fato de serem feitas de um único elemento, mas do elemento que predomina em tal composição.

É ainda bem falso que os extremos contrários estejam afastados ao máximo, pois em tudo eles estão naturalmente juntos e unidos e o Universo não é composto de partes principais e secundárias, mas de uma

conjunção e união delas, pois não há parte de terra que não tenha em si, muito unida, a água, sem a qual não há densidade, união de átomos e solidez. E mais. Acaso há algum corpo terrestre tão espesso que não tenha poros insensíveis, sem os quais seriam corpos divisíveis e penetráveis pelo fogo ou pelo seu calor, que é também algo sensível, que parte de tal substância? Onde fica parte desse seu corpo frio e seco que não possua junto outro corpo quente e seco? Concluindo-se, não é natural, mas lógica essa diferenciação de elementos, e se o Sol está em seu local, afastado do local da Terra, é certo que o ar, a terra e a água não estão mais afastados dele que desse globo terrestre, pois aquele é um corpo composto como esse é, mesmo que, dos quatro elementos, predomine um naquele e outro nesse. Ademais, se desejarmos que a natureza seja coerente com nossa lógica, que pretende que haja pequena distância entre os opostos, será preciso que entre o fogo, que é leve, e a terra, que é grave, seja colocado o céu, que não é grave nem leve. Ou, se quiser dizer que apenas se admite essa ordem dos elementos, será também preciso que se ordene de outra forma. Digo então que concerne à água estar no centro e local do muito grave se o fogo estiver na circunferência e local do muito leve, na região elementar, pois a água, que é fria e úmida, oposta ao fogo nessas propriedades, deve estar afastada ao máximo do elemento frio e seco e o ar, que o senhor diz ser quente e úmido, deveria estar muito afastado da terra, fria e seca. Percebe como essa afirmação peripatética não é constante quando vista segundo a verdade da natureza, medida pelos mesmos princípios e bases?

Alb. — Sim, e muito claramente.

Fil. — Percebe também que não é contrário à razão a nossa Filosofia que reduz a um princípio, diz sobre um fim e faz com que coincida ao mesmo tempo os contrários de modo que é o mesmo sujeito primeiro de um e de outro e por isso julgamos, finalmente, que divinamente foi considerado e dito que os opostos existem nos opostos, e que não é difícil saber isso, que cada coisa está em cada coisa, o que Aristóteles e os outros sofistas não conseguiram entender.

Alb. — Muito alegremente o escuto. Sei muitas coisas e tantas conclusões não podem ser provadas ao mesmo tempo e em uma oportunidade, mas, como o senhor descobriu serem inconvenientes coisas que eu julgava adequadas, todas as outras agora ficam sob suspeita, as

quais eu julgo, pela mesma razão, adequadas. Por isso, preparo-me com atenção e silêncio para ouvir os seus argumentos, princípios e discursos.

Elp. — Verá que não é o século de ouro que Aristóteles trouxe à Filosofia. Mas, por ora, resolvam-se as questões propostas.

Alb. — Eu não estou muito curioso sobre elas, pois quero entender a doutrina de princípios por meio dos quais essa e outras dúvidas resolvem-se *iuxta* pela sua Filosofia.

Fil. — Sobre isso pensaremos mais tarde. Em relação ao quinto argumento, deve-se analisar que, se nós imaginarmos muitos e infinitos mundos, de acordo com aquela composição que vocês costumam imaginar, quase que — além de um composto de quatro elementos, de acordo com a ordem comumente aceita, e outros oito, nove ou dez céus em que estejam contidos, feitos de uma ou outra matéria e de natureza diferente, e que, com movimento circular rápido giram ao redor dele, e além desse mundo assim ordenado e esférico — entendemos outros e outros, da mesma maneira esféricos e móveis; então, precisaríamos dar uma explicação e imaginar como um seria continuado ou contíguo ao outro e ficaríamos fantasiando assim, em quantos pontos da circunferência possam ser tocados pelos pontos das circunferências dos mundos ao redor; o senhor veria, então, que, mesmo que existissem mais horizontes ao redor de um mundo, não seriam de um mundo apenas, mas esse um teria para esse meio a mesma relação que cada um tem para com o seu, pois possuem a influência no ponto em que, e em tomo do qual, rodam e giram. Assim também, se vários animais fossem recolhidos conjuntamente e estivessem contínuos uns com os outros, nem por isso os membros de um iriam pertencer ao outro, de modo que a cada um pudessem pertencer mais cabeças ou torsos. Mas nós, graças aos deuses, estamos livres de precisar mendigar essas desculpas, pois, no lugar de tantos céus e tantos móveis, rápidos e lentos, retos ou oblíquos, orientais ou ocidentais sobre o eixo do globo e o eixo do zodíaco, com tanta ou quanta, com muita ou pouca inclinação, temos um só céu e um só espaço, no qual esse orbe em que estamos e todos os outros fazem seus caminhos, giros e trajetórias. Esses são os infinitos mundos, ou seja, os inúmeros astros, e aquele é o espaço infinito, ou seja, o céu que contém e é percorrido por eles. Está terminada a fantasia da rotação geral de todos ao redor desse centro, em decorrência do que conhecemos muito bem sobre a sua rotação, que, rodando sobre o próprio eixo, está visível para os lumes ao redor em 24 horas. Isso acaba

totalmente com a ideia da atitude das esferas móveis, que levam ao redor de nossa área os astros fixos nela, ficando para cada astro apenas o movimento próprio, chamado epicíclico, com as suas diferenças dos outros astros móveis; ao mesmo tempo em que se deslocam, como a Terra, em torno do próprio centro e em volta do elemento fogo, impulsionados por sua alma, e não por outro motor, ao longo dos séculos, se não mesmo pela eternidade.

Esses são os mundos e esse é o céu. O céu é como o vemos ao redor desse orbe, que é como os outros um astro magnífico e luminoso. Os mundos são como aparentam, diferentes, com uma face luminosa e brilhante e separados uns dos outros por intervalos de espaço; assim, em nenhum lugar estão mais perto de outros do que a Terra pode estar da Lua e desse Sol, para que um opositor não destrua, mas alimente o outro e dê um espaço semelhante ao outro, sem o incomodar. Dessa maneira, de razão em razão, de medida em medida, de tempos em tempos, desta ou daquela face, aquece-se com o Sol e com certa vicissitude, e por vezes influi, por vezes recebe a influência desse astro próximo chamado Lua, aproximando-se ou afastando-se do Sol, de forma alternada; por isso, é denominada por Timeu e outros pitagóricos de antíctone²⁴ Terra. São esses, pois, os mundos, todos habitados e cultivados pelos seus viventes próprios, além de serem os principais e mais divinos habitantes do Universo. Cada um é composto por quatro elementos, assim como este em que estamos, apesar de em uns predominar uma qualidade ativa e em outros, outras qualidades; por isso, são visíveis por causa da água ou por causa do fogo. Além desses elementos que entram na sua composição há uma região etérea imensa, como se disse, onde tudo se move, vive e vegeta, e esse é o éter que contém e penetra todas as coisas e que, quando faz parte da sua composição (ou seja, quando faz parte do composto), é chamado de ar, que é o vapor ao redor da água e dentro do continente terrestre, internamente aos altos montes, capaz de se tomar nuvens espessas, e austros e aquilões de tempestade.

Enquanto é puro, não toma parte no composto, sendo lugar e continente por meio do qual o composto se move e desliza, chamando-se éter, como o próprio nome diz. Ainda que ele seja o mesmo que se movimenta dentro das entranhas da Terra, possui outro nome; da mesma maneira, chama-se ar o que nos circunda, mas, como também faz parte de nós, dentro de nossos pulmões, artérias e outras cavidades e poros e participando de

nossa composição, chama-se espírito. Ele materializa-se em vapor, ao redor do corpo frio, ficando rarefeito ao redor do astro quente, como uma chama, que não pode ser percebida a não ser perto de um corpo espesso, que se acenda pelo seu intenso calor. Assim, o éter, em relação a si mesmo e à sua natureza, não tem nenhuma específica qualidade, mas recebe todas, dadas pelos corpos vizinhos, levando-as em seu movimento até os limites da eficiência de tais princípios ativos. Aí, então, está demonstrado como são os mundos e como é o céu, podendo assim resolver-se não apenas a dúvida que havia, mas muitas outras, e ao mesmo tempo ser o ponto de partida para muitas conclusões físicas verdadeiras. E se até o presente momento alguma proposição não parecer ao senhor bem fundamentada e não provada, deixo espaço agora para a sua consideração que, se estiver isenta de preconceitos e for para o senhor verdadeira, verificará que é muito mais provável do que o oposto.

Alb. — Diga-me, então, Teófilo, que eu escutarei.

Fil. — Com isso, o sexto argumento também fica resolvido, pois, pelo contato dos mundos em um ponto, pergunta o que é que se pode achar naqueles espaços triangulares, que não seja da mesma natureza do céu e dos elementos. Nós possuímos um céu, no qual os mundos têm seus espaços, regiões e distâncias que lhes são próprias, e que se difunde por tudo, penetrando e sendo continente contíguo, contínuo a tudo, não deixando nenhum vácuo, a não ser que, como lugar em que tudo se move e espaço onde tudo desliza, quisesse denominar-lhe vácuo, como muitos o fizeram, ou então, primeiro sujeito colocado nesse vácuo, para que não se possa considerar localizado em nenhum lugar, se por razão e por natureza e subsistência agradasse ao senhor pessoal e logicamente colocá-lo como algo diferente do ser e do corpo. Assim, nada pode ser concluído quanto a existir lugar finito ou infinito, corpórea ou incorporeamente ou no todo ou nas partes, e o lugar, então, é apenas o espaço, que por sua vez é o vácuo que, se se quiser conceber como algo autônomo, podemos dizer ser o campo etéreo que contém os mundos, e se quisermos imaginá-lo como algo coexistente, podemos dizer ser o espaço em que estão o campo etéreo e os mundos, que não podem ser entendidos como existentes em outro lugar. É por isso que não é preciso imaginar novos elementos e mundos, diferentemente dos que, por uma pequena causa, principiam a evocar céus móveis, matérias divinas, partes raras e densas da natureza celeste,

quintessências e outras fantasias e denominações desprovidas de fundamento ou verdade.

Ao sétimo argumento digo que o Universo infinito é um, como um contínuo e composto de regiões e mundos etéreos e os mundos são infinitos e sua existência deve ser admitida em diversas regiões dele, pela mesma razão que desta Terra que nós habitamos e desse espaço e região estende-se e existe. Como há alguns dias raciocinei com Elpino, aprovando e confirmando o que Demócrito, Epicuro e outros disseram, ao contemplar a natureza com olhos mais abertos, não sendo surdos às suas vozes insistentes.

Não despreze, portanto, mesmo que a novidade o assombre, a pesquisa da verdade, pelo contrário, investigue inteligentemente; depois, se aquilo que você notou, lhe parecer verdadeiro, convencido, aceite; se lhe parecer falso, pegue em armas e prepare-se para a guerra. Porque a mente deseja conhecer, admitindo existência do espaço infinito, além dos confins do mundo, entre tão imenso espaço vazio, algo que se esconda e se mova, que a inteligência quer explorar até o fundo, e através dele o nosso pensamento quer voar em voo livre e espontâneo. Para nós, em qualquer daquelas partes juntas, de ambos os lados, e por toda parte, acima e abaixo, não existem confins, como ensinei, e as coisas mesmas por si o demonstram, e a natureza da profundidade o esclarece.²⁵

Clama contra o oitavo argumento, que pretende que a natureza fique encerrada em um compêndio, pois, mesmo que observemos em cada um dos mundos, grandes e pequenos, não se verifica em todos, pois os olhos dos nossos sentidos, como não enxergam o fim, são vencidos pelo espaço imenso que existe, sendo confundidos e superados pelo número de estrelas, que cada vez se multiplica, de modo que os sentidos ficam perplexos e a razão obriga a acrescentar sempre mais espaço ao espaço, região a região e mundo a mundo.

Não pode existir nenhuma semelhança com a verdade, enquanto se manifesta por todos os lados, em que todos os sentidos, o espaço infinito e se esparrama nele um número infinito de sementes que é impossível numerá-las; os primeiros elementos impulsionados por um movimento contínuo, de mil formas criaram este orbe terrestre com seu

firmamento; torna-se, então, evidente que em qualquer outro lugar formaram-se outras primeiras, eternas, vitais conjunções como aquelas do mundo, que o éter sustenta e abraça.²⁶

Murmura contra o nono argumento, que supõe e não prova que potência finita passiva não corresponde à potência infinita ativa e a matéria infinita não pode ser sujeito e se fazer campo e espaço infinito e conseqüentemente não se pode proporcionar o ato e a ação ao agente, e o agente comunicar tudo ao ato, sem que tudo possa ser comunicado (contradição mais aberta não poderia ser imaginada). É, portanto, muito bem dito:

Se, com abundância se encontra já pronta a matéria, se o lugar está preparado, se não aparece obstáculo, algumas coisas devem ser geradas e formadas copiosamente. Mas se for tal a abundância das sementes que toda existência dos seres vivos não bastaria para enumerá-las, poderiam ser contados números infinitos de criaturas. Se a natureza procede sempre com a mesma força, jogando as sementes em qualquer canto do vazio, da mesma forma que os impulsionou para formar este nosso mundo visível; você deve, com justa razão, acreditar que existiam alhures, outros mundos, com outras raças de homens e diferentes espécies de animais.²⁷

Respondemos ao outro argumento que esse bom e civil comércio entre os inúmeros mundos não é mais necessário do que todos os homens serem um homem, e todos os animais, um animal. Não é preciso dizer que, por experiência, observamos ser para bem dos seres animados desse mundo que a natureza tenha, por mares e montes, feito gerações diferentes e que, tendo surgido o convívio por artifício humano, não se ganhou mais que se perdeu, já que, pelo contato, mais rapidamente se redobram os vícios do que se aumentam as virtudes. O Trágico bem se lamenta:

Os Pinheiros de tessália uniram as regiões do mundo, tão bem separados, em constrangeram o mar a sofrer os golpes (dos remos) tomando-se um dos nossos temores, por sua natureza misteriosa.²⁸

Ao décimo argumento, responde-se da mesma maneira que ao quinto, já que cada um dos mundos obtém seu espaço no campo etéreo, de modo que um não toque e nem se choque com o outro, mas giram, e estão a distâncias tais que um oposto não destrua mas apenas incentive o outro.

Ao décimo primeiro, que diz que a natureza multiplicada por união e divisão da matéria não é colocada em ato a não ser por geração, como um indivíduo como pai produz outro como filho, e faço objeção que isso não é verdade universal, pois de uma massa produzem-se, por obra da eficiência do Sol, muitos e diferentes organismos, com muitas formas e aparências. Digo que, se acontecesse a destruição e renovação de qualquer mundo, a produção de animais, sejam eles perfeitos ou imperfeitos, seria no princípio feita sem ato de geração, pela força e eficiência da natureza.

Ao décimo segundo e último, que afirma que sendo este ou um outro mundo perfeito, não é necessário existirem outros mundos, digo que, certamente, não se exigem tais mundos para a perfeição e subsistência daquele, mas para a própria subsistência e perfeição do Universo é preciso que sejam infinitos. Da perfeição desse ou daqueles não advém que aqueles ou esse sejam menos perfeitos, pois tanto esse quanto aqueles constam de suas partes e são, pelos seus membros, inteiros.

Alb. — Ó Filóteo, não haverá voz do povo, indignação da massa, murmúrio de tolos, desprezo de sátrapas, estupidez de insensatos, tolice de “joões-ninguém”, informação de mentirosos, querela de malignos e detração de invejosos que me defraudem de sua nobre presença e furtamente à sua divina conversa. Persevere, meu caro Filóteo, pelo fato de, com muitas maquinações e artimanhas, o grave e grande senado da vil ignorância ameaçar e tentar destruir seu divino trabalho e alto labor. E pode ter a certeza de que, no final, todos verão o que eu vejo agora e conhecerão que é fácil a todos o louvarem, como é difícil a todos o ensinarem. Todos, se não forem de todo perversos, com bom discernimento terão do senhor opinião favorável, já que, pelo doméstico magistério da alma, cada um chega a ser instruído porque os bens do intelecto não são alcançados senão pela nossa própria mente. Também porque na alma de todos há uma santidade natural, que, assentada no tribunal do intelecto, exerce o juízo do bem e do mal, da luz e das trevas, e ocorrerá que das próprias suposições de cada um surjam íntegras e fidelíssimas testemunhas e defensores ao seu favor. Desse modo, se não se tomarem seus amigos, querendo por preguiça mental continuar como seus

obstinados adversários e sofistas conscientes, defendendo a ignorância turva, sentirão serem eles próprios os carrascos e algozes que farão a sua vingança e que, quanto mais oculto e profundo for o pensamento, mais o atormentará. Desta maneira, o verme infernal, tirado da coma hirsuta de Eumênides, vendo baldados os próprios planos contra o senhor, despeitado, irá se virar contra a mão ou o peito do seu autor e lhe dará a morte, merecida por quem espalha o veneno estígio onde os dentes agudos da serpente morderam. Continue a nos fazer conhecer o que é o céu verdadeiro, o que são os planetas e os astros, como os infinitos mundos são diferentes uns dos outros, como não é impossível, mas sim necessário, um espaço infinito, como um efeito infinito ajusta-se a uma causa infinita, qual é a verdadeira substância, matéria, ato e eficiente do todo, como é formada toda a coisa sensível e composta por todos os mesmos princípios e elementos. Demonstre definitivamente a ideia do Universo infinito, rasgue as superfícies côncavas e convexas que limitam, por dentro e por fora, tantos elementos e céus, ridicularize as diferentes esferas móveis e estrelas fixas, rompa e deite abaixo com o trovão e turbilhão de razões vivas estas que o povo cego considera as douradas muralhas do primeiro móvel e último convexo, destrone a ideia de esta ser a única terra e propriamente o centro do Universo. Desterre da quintessência a fé ignóbil, dê-nos a demonstração da composição igual desse nosso astro e mundo e à de tantos mundos quantos possamos ver com suas sucessões ordenadas, cada um dos infinitos, grandes e espaçosos mundos alenta sem parar os outros infinitos menores; aniquile com os motores extrínsecos e com as margens desses céus, abra-nos a porta para vermos a semelhança desse astro e dos outros, mostre ser, assim como a deste, a consistência dos outros mundos no éter. Tome evidente que o movimento de todos provém da alma interior, a fim de que, com a luz dessa contemplação, procedamos com mais seguros passos no conhecimento da natureza.

Fil. — O que Elpino quer dizer, que o senhor Búrquio nunca nos consentiu?

Elp. — É próprio de um engenho não entorpecido passar a ver e ouvir pouco e poder considerar e compreender muito.

Alb. — Mesmo que até agora eu não tenha podido ver todo o corpo do luminoso planeta, posso perceber, pelos raios que passam pelas estreitas fendas da janela fechada do meu intellecto, que esse não é o esplendor de

uma lâmpada fantasiosa e sofismática, nem da Lua ou de outra estrela menor. Por isso, preparo-me para melhor compreender o futuro.

Fil. — A sua companhia ser-me-á gratíssima!

Elp. — Agora vamos jantar.

Fim dos Cinco Diálogos Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos

Notas

1. Embaixador nas Ilhas Britânicas do rei Henrique III da França.
2. Nicolau Krebs nasceu em 1401 na cidade de Cusa, sul da Alemanha. Tomou-se cardeal da igreja em 1448. Foi um dos mais importantes pensadores do século XV. Morreu na Itália em 1464.
3. O segundo dos diálogos que compõem a trilogia *Dialoghi Metafisici*. Os outros são *La Cena de le Ceneri* e *De L'Infinito, Universo e Mondi*, que completa toda a estrutura do pensamento cosmológico e metafísico de Bruno.
4. Filóteo é identificado a Giordano Bruno. Fracastório é o nome latino de Girolamo Fracastoro, de Verona (1483-1553), poeta e autor do livro de *Astronomia Homocentrica*. Elpino e Búrquio são personagens criados pelo filósofo, o primeiro é um estudante e o segundo representa o eruditismo tradicional de Oxford, carregado de conceitos aristotélicos.
5. Portanto, o mundo não estará em lugar nenhum. O todo estará no nada.
6. Esses termos foram adotados para se manter, o quanto é possível, a fidelidade aos conceitos originais em italiano: “dimensionativo”, “dimensionabile”, “dimensionante”, “dimensionato”.
7. Físicos ou fisiólogos, denominações adotadas por Aristóteles para designar os primeiros filósofos gregos, ou seja, os pensadores da escola de Mileto, no sentido de “filósofos da Natureza”.
8. *Anticefi* é um neologismo criado por Bruno em analogia a *antipodi*, que também aparece em *De Immenso*.
9. Deve-se entender no sentido etimológico da palavra sofrimento, transformação que deriva de *passio* - ones que se relaciona com o verbo *patior* = sofrer.
10. Medida de trajeto da Pérsia equivalente a 30 estádios, ou seja, a quase 6 mil metros.
11. Tradução no sentido etimológico de *fiammiferi*, ou seja, “portadores de chamas”.
12. Segundo as concepções cosmológicas e metafísicas ligadas à física de Aristóteles e ao sistema geocêntrico de Ptolomeu, a substância dos corpos celestes que compõem o mundo supralunar é uma “quintessência”,

elemento mais antigo que os outros quatro (terra, ar, água e fogo), divino, incorruptível, imponderável e eterno.

13. O termo demônio significava fenômeno.

14. Hegésias (séc. III a.C.), um dos expoentes da escola cirenaica.

15. Refere-se a Tales de Mileto (640/39-546/45 a.C.).

16. Referência, provavelmente, a Heráclito de Éfeso (535-475 a.C.).

17. Referência às operações de cirurgia plástica tentadas com êxito por especialistas italianos nos séculos XV e XVI.

18. Bruno possuía com certeza conhecimento da descoberta de um cometa feita pelo astrônomo Tícon, em maio de 1582, evocando o fenômeno nessa passagem.

19. A identificação de Albertino com determinado personagem histórico tem sido discutida por críticos da Filosofia e é um assunto de resposta difícil. Berti e Kuhlenbeck dizem tratar-se do doutor Alberico Gentile, que Bruno cita em Depoimento de Veneza.

20. Parte de um soneto satírico, de autor desconhecido.

21. Citação modificada do Orlando Furioso, de Ariosto Ludovico (1474-1533).

22. Bruno repete, talvez por erro, a enumeração do sétimo argumento, pelo que se refere sempre a doze argumentos (em vez de treze), apresentados por Albertino, assim como em outras citações.

23. Referência aos astros.

24. Termo introduzido por Filolau (séc. V a.C.), para nomear o décimo e último corpo celeste que formava o sistema do mundo, que arquitetara. Esses corpos eram dez, um número sagrado para os pitagóricos. A Antiterra movia-se no plano do equador em 24 horas, ficando sempre invisível, já que se interpunha entre ela e a Terra o fogo central.

25. Lucrécio, De Rerum Natura, T. I, Liv. II, 1040-1051.

26. Lucrécio, op.cit., T. I, Liv. II, 1052-1056; 1064-1066.

27. Lucrécio, op.cit., idem, idem; 1067-1076.

28. Trecho extraído da célebre tragédia de Sêneca, *Medea*.

* N.E: Filósofo árabe (1126-1198). Averróis foi um dos mais importantes estudiosos e comentaristas do pensamento aristotélico, tendo contribuído significativamente para sua difusão na Europa.

Table of Contents

[Índice](#)

[Apresentação](#)

[Epístola Preambular](#)

[Primeiro Diálogo](#)

[Segundo Diálogo](#)

[Terceiro Diálogo](#)

[Quarto Diálogo](#)

[Quinto Diálogo](#)

[Notas](#)